

### 3.1.3 Não só na carne, mas também na alma

Se investimentos e intervenções mais diretamente relacionadas à criação de determinado corpo juntamente com uma concepção subjetiva de si foram destacados nos tópicos anteriores, agora cabe destacar aquilo que tornaria tais candidatas sujeitos morais exemplares ou ao menos criaria a imagem de um sujeito moral supostamente desejável para o concurso e que poderia vir a ser alcançado juntamente com a coroa e faixa de Miss T Brasil. Neste sentido, três tópicos foram elencados por diversas candidatas e destacados como aquilo que as tornariam ainda mais especiais, principalmente em relação a outras travestis e transexuais consideradas mais “baixas”, “vulgares” ou mesmo “marginais”, ou seja, fora do padrão Miss T: família, ocupação/trabalho e comportamento social.

Possuir uma rede familiar que as aceitasse e ainda possibilitasse estarem ali participando de um concurso de beleza foi destacado de diversas formas por diferentes candidatas. Mesmo para candidatas que afirmavam que estavam ali devido a esforços pessoais, amigos e familiares e, principalmente, a figura da mãe apareciam também como importantes para possibilitar a participação no certame:

**Aureliano: Você já comentou um pouco sobre interesse em concursos de beleza e tal e especificamente sobre esta edição do Miss T, você recebeu algum tipo de apoio pra participar?**

Eu não tive apoio financeiro de ninguém, eu batalhei, trabalhei e trabalho pra isso. Algumas pessoas da minha família por eu ter perdido meu emprego um mês antes do concurso começaram a me dar uma força. Minha madrinha me deu meu vestido de gala, minha mãe me ajudou um pouquinho. Cada um ajudou de alguma forma, mas desde o mês que eu comecei a me inscrever foi eu que batalhei sozinha. [...] Ah, minha família torce muito por mim, me apoia. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: Vocês receberam algum tipo de apoio pra participar desse concurso?**

Candidata 1: Eu tive apoio do meu produtor, tive apoio de algumas lojas e tive apoio principalmente da minha mãe. Tá, da família acho que o apoio da família é o que mais incentiva você a criar forças e participar do concurso.

Candidata 2: Eu acho que sou uma pessoa querida, né? Porque eu tenho amigo por onde eu passei e deixei bons rastros. [...] Então tive grande apoio de amigos. Muita gente me apoiou mesmo [...]. Apoio dos amigos, claro da família, né. A família... também não é o foco da minha família eu ser uma Miss, o foco da minha família é eu tá concluindo agora meu curso [...]. Então só que a minha mãe falou: “Você quer? É seu sonho? Você quer viver isso? Ter essa experiência? Então vai, eu te apoio”.

(Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Figuras consideradas como importantes e apoiadores das candidatas, seja em sua participação no concurso e/ou em suas vidas pessoais, foram bastante mencionadas nos relatos acima, como familiares e amigos. O termo apoio que eu utilizava no momento das entrevistas era na maioria das vezes lido como suporte financeiro, porém diversas vezes este apoio era também estendido ao âmbito afetivo. A família ajudar de alguma forma parecia inseri-las de modo mais pleno neste núcleo familiar, principalmente porque isto poderia significar talvez o grande reconhecimento na família de seus lugares como filhas e não mais filhos.

Assim como a mãe, figuras como a avó ou a madrinha também eram lembradas como pessoas significativas que as auxiliaram visando a participação no concurso. Caso exemplar foi de uma candidata que teve seu vestido de gala feito pela sua avó, o que foi extremamente valorizado por ela e comentado efusivamente nos bastidores do concurso; “o vestido feito pela avó” se tornou quase uma expressão para indicar a beleza daquela vestimenta, deste modo nobilitada e de antemão considerada “maravilhosa”. Neste sentido, ter um vestido feito pela avó parecia o ápice do reconhecimento de seu gênero e feminilidade em seu seio familiar:

**Aureliano: E você recebeu algum apoio pra participar? Tanto apoio financeiro como apoio de amigos, de familiares...**

Eu tive muito apoio financeiro da minha vó, da minha mãe, da minha tia, que são as três pessoas que me criaram. Tanto que a minha vó fez o meu vestido.

**Aureliano: Eu ia perguntar isso [risos]**

Exatamente. Eu só idealizei o vestido e minha avó como ela arrasa na costura, minha avó costura desde os 12 anos de idade dela. Então ela arrasa na costura e ela fez um vestido maravilhoso pra mim. Maravilhoso mesmo! Com muito carinho, o que deixa acho que mais bonito no vestido não é nem o modelo, assim, mas o carinho que ela investiu nisso acreditando em mim. Apoio da minha mãe, apoio da minha tia, financeiro. Patrocínio da minha tia, entendeu? Minha família graças a Deus me aceita e me apoia em todos os meus sonhos, entendeu?. E, lógico, a minha força e minha garra, a minha força de vontade também. Mas mais patrocinadores, de terceiros, assim, não tive. Mais eu e minha família mesmo. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Em uma edição do concurso diferente desta em que apareceu o “vestido feito pela avó”, outra candidata também teve seu vestido feito por uma familiar, no caso, sua mãe: “Tipo, o vestido que eu pedi pra fazer três meses atrás, dois dias antes de me entregarem queimou a barra. Outra coisa de errado. Já tinha pago. Então minha mãe em dois dias fez o vestido perfeito. Perfeito, perfeito. [...] Alta-costura, ela que inventou. Perfeito, perfeito. Mais bonito do que o outro”. Ao fazer tal afirmação, ouviu de outra participante que “mais perfeito do que um vestido feito pela mãe não tem”, o que em certo sentido parecia já

considerar como válida sua participação em um concurso de beleza. Se conforme afirmado anteriormente, o importante era participar daquele jogo da beleza, participar com o vestido feito pela mãe valoriza ainda mais a experiência e a aproxima de uma festa de debutante, como já discutido na Introdução desta tese<sup>80</sup>.

Se nestes relatos a figura da mãe não aparece construída exatamente como idealizada ou mesmo sacralizada (Badinter, 1985), já que em muitos casos não houve desde o início uma aceitação da transgeneridade da filha, é perceptível o quanto a agora presença da mãe junto à vida da filha é extremamente valorizada, seja por aquelas candidatas que trazem estes relatos, seja pelas outras que os ouvem. E, em alguns casos, sua presença e apoio pode ser tido como aquilo que daria um suporte mais geral à assunção da transgeneridade da filha e o desdobramento de sua vida cotidiana, como afirmou a candidata abaixo:

E, tipo assim, pra toda mãe eu acho que é uma confusão no início, mas a minha mãe super que me apoiou. Sabe, a minha família, não todo mundo, claro que vai ter aquele sempre um alfinete, sabe, na tua vida. Mas isso é pra homem, isso pra mulher, isso é pra qualquer opção. [...] E minha mãe super que me apoiou e falou pra mim que eu, se um dia chegasse a precisar eu pegaria num cabo de uma enxada, eu faria era um trabalho, né, aí mais ralado, mas que eu nunca ia me prostituir porque isso ela nunca ia deixar. Nem que ela precisasse tramar [trabalhar] junto comigo pra gente se alimentar. Então eu acho que vai muito da formação da família da pessoa, claro que tem família, gente, que não tem nada o que comer, sabe. Então quando tem uma travesti ou uma filha ou um filho bonito, sabe, que dá em mercado, cai na vida mesmo e vê que é dinheiro fácil. E não quer sair mais, entendeu? E ajuda realmente a família, mas isso são meios e meios. Eu não tenho isso pra mim. É uma opção, tanto é que, tipo assim, eu não sei, eu não posso julgar... eu não posso julgar as pessoas que fazem ou que fizeram porque no dia de amanhã eu não sei se vou ter minha mãe pra sempre. Eu não sei se eu vou ter minha família me apoiando pra sempre. [...] Então não posso falar assim: “Eu jamais faria [prostituição], porque nunca diga nunca, né”. A verdade é essa. Mas enquanto eu puder me manter com meu dinheiro do meu trabalho, trabalho, não vou dizer digno, porque toda forma de trabalho é digna, você tá ali dando o seu suor. Mas toda forma de trabalho é válida e eu penso dessa forma, que quem quer consegue outros meios e tem sim saída. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

---

<sup>80</sup> A figura do pai não é tão mencionada, estando praticamente ausente dos relatos dos apoiadores das candidatas, de modo que não tenho maiores informações para analisar tal ausência. Tenho apenas a suposição, reiterada por Marcos Nascimento (2015), de que discriminações contra aquelas pessoas que se constituem à margem da cisgeneridade ou mesmo da heterossexualidade são parte integrante de uma noção e construção de masculinidade tida como hegemônica. Em suas palavras já mencionadas anteriormente, “*este dispositivo controlador de los hombres, sus prácticas, discursos y modos de vida, tiene por objeto regular las expresiones de afecto según una ideología sexista, machista y homofóbica*” (Nascimento, 2015, p.46).

No excerto acima o apoio da mãe e da família ainda é visto por esta candidata como o que a manteria longe de uma “vida fácil”, ou seja, distante de tipos de trabalhos tidos como menos dignos e que, em boa parte das vezes são ilustrados, pelo exercício da prostituição, atividade rechaçada por diversas candidatas na construção deste sujeito moral que supunham para o concurso. Ainda que o projeto Miss T Brasil não abarcasse plenamente a questão da prostituição trans, esta ali não se mostrava moralizada, sendo em diversos momentos positivada. E se, de acordo com o discurso oficial do concurso, a prostituição poderia ser orgulhosamente positivada, por exemplo, como a atividade que possibilitou que diversas travestis e transexuais alcançassem os vãos por elas desejados, ao menos na construção de um perfil ideal pelas candidatas esta atividade aparecia de forma bastante marginal. A prostituição, tema sempre presente nas mais diversas discussões sobre travestis e/ou trans<sup>81</sup>, aparecia no discurso de muitas candidatas como “o outro” de um trabalho ou profissão tidos como desejáveis ou legítimos:

**Aureliano: Eu só queria perguntar qual seu interesse no concurso, por que você se interessou, qual a importância que você vê no concurso pra você...**

[...] mostrar que travesti não só vive no meio da prostituição, da mesma forma que as outras classes ela tem o poder de desenvolver seus conhecimentos e mostrar que ela é capaz de tudo também. Que, modéstia à parte, mas aqui eu conheci meninas maravilhosas e que têm capacidade e que têm potencial pra ser algo bem, bem grande, bem maior do que o que todo mundo pensa que a gente é (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

**Aureliano: E quando vocês fala de abrir portas, o que você pensa? O que pode acontecer?**

Eu acho, não só aqui como modelo, mas, por exemplo, você tendo participado de um evento desse nível, né? Que vai ter várias notificações aí, mídia. Acho que pra você ir em emprego vai ser mais fácil, né? Pras meninas, não é meu caso, mas as meninas que estão atrás de emprego que não conseguem ou que querem sair da vida de prostituição, que infelizmente existe. Umás até acham legal e tal, mas pra quem não quer e quer sair dessa vida eu acho que vai fazer um efeito legal sim, né? Mostrando ali que... que é porque somos todas brincalhonas, adoramos rir, adoramos purpurina, mas apesar disso tudo somos pessoas sérias e somos pessoas, né? A gente os nossos direitos também. Apesar de tudo somos cidadãs (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: E você acha que tem algum ponto negativo que o concurso possa trazer pra você?**

[...] Na minha cidade é impossível conseguir um trabalho, tentei de todas as formas. Então, assim, a gente tem que analisar o seguinte, a prostituição é o ponto x pra todas as travestis. Pelo menos a maneira que todo mundo acha. Se eu descer aqui pra encontrar uma coisa, um carro ou um taxi vai parar e vai dizer: “Quanto é seu programa?”. Por que? Porque todas, todas não, mas a maioria são garotas de programa, inclusive a maioria das candidatas. A maioria são. E eu penso de uma forma assim, tipo: como elas são garotas de programa suja a imagem de muitas que não são. E quando você vai atrás de emprego você não vai conseguir (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

---

<sup>81</sup> Carvalho, 2015 e 2011; Pelúcio, 2009; Patrício, 2008; Kulick, 2008; Benedetti, 2005; Silva, 1996, para citar alguns.

**Aureliano: E qual seu principal interesse em participar do concurso?**

A causa, a visibilidade trans em si. Em mostrar que a beleza trans ela não serve só para a prostituição, mas sim pra outros biotipos [sic] também, pra outros trabalhos e etc (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: Que imagem de Miss você gostaria de passar?**

No caso, voltando pro lado trans, eu gostaria de passar a imagem de uma Miss trans que tem sua faculdade [...] Mas eu queria passar a imagem de que transex, elas fazem faculdade, de que elas têm uma vida familiar, de que elas não são só prostituição, entendeu? Elas têm conhecimento, elas têm um sonho, elas têm um âmbito familiar, elas têm uma religião, elas têm um deus, sabe, alguma coisa desse tipo (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Paradoxalmente este tipo de discurso parecia conviver harmonicamente em um ambiente no qual boa parte das participantes estava no mercado do sexo. Talvez um discurso contra a prostituição possa ter sido ensaiado para se encaixar em um perfil modelar de miss, principalmente porque a prostituição não é aceita oficialmente no ambiente da maioria dos concursos de beleza para mulheres cisgênero. Além disso, pode ser também que a grande maioria não quisesse efetivamente estar na prostituição, sendo esta a atividade que lhes restou como categoricamente analisou a candidata abaixo:

Infelizmente a gente escuta muito as pessoas falarem: “Ai, a travesti é um marginal”, “A travesti é isso”, porém a própria travesti não tenta mudar a situação. O que a travesti faz: a única coisa que pode se fazer é virar travesti de rua, se prostituir, porque isso é a própria sociedade que impõe. A própria sociedade impõe... se existisse uma travesti médica no Brasil, não existiria clientes para esta travesti, porque os clientes tariam sempre cogitando a hipótese de falar: “Ai, é uma travesti que ali é uma médica!”. Você pode ver que a gente vai procurar serviço, eles não dão serviço pra você. Por quê? Porque a sociedade impõe que a gente tenha que se prostituir, a sociedade gosta de ter. E mesmo que tenha uma médica, tem tudo, a profissão da travesti é a prostituição, mas por quê? Porque infelizmente a sociedade impõe. Existem travestis, assim, que já foram advogadas, que foram muitas coisas e acabam se tornando travesti e perde tudo isso, perde todos os benefícios. Ao mesmo tempo que pra gente é uma realização, ao mesmo tempo que é uma porta muito grande que a gente fecha para todos os meios, sabe (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

Concepções morais acerca da prostituição, o desejo de ser reconhecida como legítima – ou mesmo humana – no meio social e a percepção de que a marginalidade associada à prostituição é uma construção social imposta pela falta de oportunidades e/ou vulnerabilidade de suas vidas aparecem nas falas acima, como também nos excertos abaixo, que reivindicam ações em prol da inclusão de travestis e transexuais no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que reconhecem que o Miss T poderia ser este canal:

**Aureliano: E que imagem você pretende mostrar como Miss T Brasil, no caso?**

Eu acho que o maior lema que a gente vai levar – além de ser paz, porque nós Miss lutamos pela paz – é levar sim inclusão não só no mercado de trabalho, mas também na educação. Inclusão no dia a dia, porque nós transexuais temos

as portas fechadas e o concurso ele vai mostrar um outro lado: um lado bonito das transexuais, um lado assim de beleza. Que a gente não é só aquilo que veem na televisão, prostituição e drogas.

**Aureliano: Você tava falando da questão da inclusão, sobre a imagem da mídia...**

O concurso leva o intuito da Miss, por exemplo, se eu fosse uma Miss Brasil T eu taria levando isso, a inclusão, entendeu?. A busca pela inclusão para nós transexuais no mercado de trabalho, na escola e o carinho de uma família, né. Porque se uma transexual não tem uma família que ama ela, não tem um estudo pra poder se profissionalizar e não ter uma profissão ela não tem dignidade, né. Então o meu foco seria esse: aceitação da família, estudo e trabalho (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: E qual a importância do Miss T pra você?**

Olha, a importância é muito grande, sabe por quê? É um meio que a gente tem de poder divulgar a beleza trans, porque ultimamente as trans tão sendo vistas mais como marginais. Mas a gente sai em jornal, em noticiário de escândalo, em questão roubo, prostituição... então o que acontece? É um veículo diferente, é um meio diferente de a gente mostrar o outro potencial da trans. Que ela pode ser inserida na sociedade como modelo. Que ela pode se servir como uma militante usando esse concurso, usando a... o prestígio de um concurso de Miss pra usar isso como uma batalha muito... muito direta nessa questão de... é, cidadania, DST-Aids, dentre outros, outras questões de militância nesse aspecto. Contribuir muito para o meio GLBT (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: E você, que imagem você gostaria de passar como Miss?**

Somos mulheres. Infelizmente entre aspas nasci com um defeito de fábrica. Queria consertar e continuar vivendo, eu não sou diferente. Infelizmente, igual... assim... minha mãe sempre quis que eu fizesse faculdade, não quis, ela fica brigando comigo pra fazer. Eu posso gastar um dinheiro com faculdade, mas tem barreiras. Não adianta o diploma. Eu vou fazer faculdade, aí ela fala: “Mas você tem que buscar o melhor”. Concordo, mas as portas são fechadas. Então eu tenho que buscar onde que eu posso crescer. Aí muitas desistem, infelizmente e vai pra prostituição. Lá em Belo Horizonte tá agora organizando, tá buscando as empresas, tá fazendo parceria justamente pras trans. Pra ter oportunidade, poder ter o emprego garantido (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Como vimos, o Miss T é concebido por muitas candidatas como uma oportunidade única em suas vidas e poderia ser uma saída da prostituição. Assim como a ideia já mencionada de que uma das palavras-chave que as candidatas associam ao Miss T é “oportunidade”, mesmo não sabendo em que efetivamente o certame poderia contribuir na transformação de suas vidas, a concepção de que a beleza e a visibilidade positiva as legitimariam socialmente a ponto de poderem desempenhar outras funções laborais também aparece nas falas acima, como mais diretamente nesta:

**Aureliano: Quando você pensa em abrir várias portas, o que, por exemplo, você acha que poderia...**

É... uma questão é meio que sair um pouco da prostituição também, né? Porque daí tu vai poder trabalhar com outros tipos de coisa, né. Vai ter plenas oportunidades, né, fotos, entendeu? Revistas. Então eu acho que isso tudo ajuda, né, a gente a sair um pouco do meio da prostituição que não é só isso

pra nós, né? Porque hoje em dia travesti é vista como, né, prostituta, né. Então eu acho que isso ajuda muito. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Insisto que mesmo na fala acima não aparece tão óbvio o caminho que as levaria para fora da prostituição – fosse esse um discurso idealizado ou uma possibilidade efetivamente desejada – de modo que defendo a ideia de que talvez a grande mudança que o Miss T Brasil poderia promover seria no nível da percepção pública que envolve travestis e mulheres transexuais. E elas transformarem um regime de visibilidade que associa travestilidade/transexualidade com marginalidade pode ser o primeiro passo para novas e possivelmente desejadas oportunidades.

Maria Cecília Patrício (2008) também afirma algo próximo às ideias acima mencionadas e traz em seu texto algumas trajetórias, como caracteriza, “das travestis do Recife que deram certo, por terem se destacado por algo que realizaram na vida” (Patrício, 2008, p. 198). Eline, uma de suas interlocutoras, formou-se em enfermagem e trabalha em dois hospitais públicos de Recife, além de complementar seu orçamento na prostituição. Ela se diz muito realizada e respeitada como enfermeira e que a prostituição para ela “é muito mais que dar prazer sexual, é você entrar na história de alguém, passar a ser importante na história de alguém” (2008, p.195) através de seu carinho, desejo e competência profissional. Aleika é reconhecida pelos concursos de beleza de que participou e lhe renderam títulos, como afirma: “Acho que sempre deveríamos ser mostradas assim e não como pessoas vulgares e sem nenhum escrúpulo, como vem sendo mostrado nos mais diversos sites e blogs pelo Brasil e exterior” e, completando de modo a nobilitar sua trajetória de vida, “É evidente que eu também tenho clientes, mas de maneira mais discreta e procurando sempre ser mais sensual e sexy nas minhas fotos para os mais diversos sites, mas tudo de maneira equilibrada, sem vulgarização, sem distorções e sem deixar esta imagem de submundo” (2008, p.198).

A ideia da prostituição ser considerada algo de um submundo ou do âmbito da marginalidade foi tema de uma calorosa intervenção de Majorie Marchi durante as entrevistas realizadas pela Equipe Miss T Brasil com as candidatas de 2014:

Equipe Miss T: Você acha que imagem é tudo?

Candidata: Não, não acho que imagem é tudo, entendeu? Eu falo na questão, assim, no caso, prostituição, entendeu? Se você pega meu Facebook você jamais vai ver algo que esteja relacionado à prostituição com o meu nome, entendeu? É dessa questão que eu falo. Eu acho que a gente tem que separar as coisas. Eu sou uma pessoa abençoada, eu tenho a minha... o meu lado pessoal e o meu lado de trabalho, entendeu?

Majorie: Eu gosto disso. A gente já tinha até passado um tempo, mas eu vou te provocar: a minha vida profissional faz parte da minha vida pessoal. Eu não consigo dissociar e independente de quando hoje eu sou uma gestora pública ou quando eu era uma prostituta, sempre fez... você acha a prostituição uma coisa negativa?

Candidata: Não, não.

Majorie: Existe duas visões: é, eu não tô feliz, eu não me identifico.

Candidata: Eu não estou feliz.

Majorie: E eu não quero ser associada. Mas às vezes me preocupa quando a gente visualiza a prostituição como uma coisa negativa, porque a Miss T Brasil ela vai representar o segmento de travestis e transexuais, que a grosso modo da experiência que eu tenho de vida, eu calculo mais ou menos que, sendo muito generosa, 98% dessa população sobrevive da prostituição. E considerável parte desses 98%, significativa parte, está muito feliz e sente orgulho. Não é o meu caso, mas é o caso de muitas outras amigas.

Candidata: Com certeza.

Majorie: E como é que se refina essa fala?

Candidata: O que eu puder fazer pra mim sair da prostituição eu vou fazer.

Majorie: Ah. Mas como você enquanto a Miss T Brasil aborda esse assunto? Você iria num programa, você defenderia o direito das profissionais do sexo?

Candidata: Eu falaria, lógico. Eu não tenho problema nenhum com isso. Minha família toda sabe, eu sou uma pessoa de livro aberto. Eu só acho...

Equipe Miss T: Você só não sente orgulho e não expõe isso como se fosse um orgulho. “Eu sou”.

Candidata: Isso. Até porque a gente não vê pessoas como marco, uma pessoa que seja referência pras outras pessoas fazendo, sendo prostituta.

Majorie: Discordo. Cicciolina foi um marco que fez prostituição. Muito do que eu cheguei até aqui, do que eu aprendi, das minhas vivências eu aprendi impreterivelmente com as prostitutas. Quando a Majorie foi inserida num outro contexto, ela num outro contexto eu já tinha o meu alicerce vivencial pronto. E o meu alicerce vivencial ele foi construído na prostituição desde os 12 anos. Eu não tava feliz na prostituição, mas eu sempre tive muita gratidão e eu entendi que eu devia alguma coisa àquela profissão que não me deixou passar fome, que não me deixou morar na rua.

Candidata: Eu fui expulsa de casa. Eu não tinha pra onde correr.

Majorie: Eu acho que a generosidade ao olhar a prostituição e... E a Miss T Brasil ela tem um desafio: não enxergar as mazelas trans da mesma forma que a sociedade enxerga. Representar esse segmento, representar essa população, ela te bota numa responsabilidade de se posicionar positivamente. Mas é óbvio que a gente respeita todas as visões. Seja muito bem-vinda, uma boa sorte (MISS T BRASIL, 2014).

A ideia principal presente no excerto acima é de um orgulho da prostituição, pois se muitas travestis e transexuais se prostituem, isto inicialmente não foi buscado por elas, mas já que é o meio que elas teriam para sobreviver, que seja exercido em sua plenitude e sem pesos morais que a coloquem no lugar de marginalidade. E a Miss T Brasil, como também frisou Majorie Marchi, é a representante de todo este coletivo trans, independente se em sua vida pessoal ela se prostitui ou não.

Aliado ao esforço de se afastar a travestilidade/transexualidade do contexto da prostituição, também se fazia presente o empenho em demarcar o que seria um comportamento ideal de um considerado “baixo” ou “vulgar”. Vulgaridade era o termo



que funcionava como o outro constitutivo daquilo que as Misses T não eram, já que tanto se esforçavam para assim parecer como também acreditavam-se melhores do que aquelas outras que estão por aí em uma vida de escândalos (Carvalho, 2011), nos moldes de um sujeito moral legítimo e exemplar:

**Aureliano: Queria só perguntar sobre seu interesse em participar de um concurso de beleza.**

O interesse na verdade é realmente uma forma de divulgar minha imagem positiva, de forma que as pessoas compreendam que a transex não só vive nas ruas, mas em ambientes sociais onde ela trabalha, ela prospera, onde ela é elegante, educada. Acho que meu contexto como pessoa em estar participando deste concurso é saber, é provar para as pessoas que uma trans sim, tem vida normal, tem vida social e prova a todos os modos que é uma pessoa realmente de bem (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

**Aureliano: Tem alguma questão que vocês gostariam de falar que eu não perguntei ou algo que vocês gostariam de deixar registrado?**

Candidata: Porque como eu citei, como ela citou também, que eu acho que o mundo deve ver mulheres trans com outros olhos. Então é preciso e é necessitado este concurso acontecer. Não só hoje, mas sim todos os anos. Como Majorie vem lutando pra poder mostrar ao Brasil que nós não somos mais aquele lado vulgar que o pessoal de fora vê e sim somos aquelas meninas delicadas, bonitas, que gostam de se maquiar, gostamos de nos arrumar. É, sabemos nos portar como mulheres, entre aspas, porque todo mundo sabe que aqui ninguém nasceu mulher, mas é um lado feminino que se aflora entre nós (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: E o que vocês estão achando da experiência do Miss aqui, tipo, da relação com as meninas, de também ser um ambiente de competição. Como vocês estão vendo tudo?**

[...] Eu acho, assim, que a trans tem que se valorizar e saber o que ela tem de bom, né?, pra mostrar. Saber os pontos fracos e ela pra poder não mostrar tanto, né? E saber se impor, né?, eu acho que a postura ali vale muito, né? E também vulgaridade, porque acho que não rola. Eu mesma sou total contra, não gosto de vulgaridade. Apesar de que você pode usar uma roupa curta, mas sendo... estando no social (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Equipe Miss T: Você acha que o Miss T diminui o preconceito?

Candidata: Diminui bastante. Acho que ver você, ver você, ver você [apontando para meninas da mesa] e fala: “Elas são diferentes”. Porque tem grupos. Tem trans e trans. Têm aquelas vulgares, aquelas baixas, de baixo nível que as pessoas ainda têm uma mente pequena. Elas julgam a massa, ela não julga só você. Ela julga o que vê (Candidata Miss T Brasil em entrevista à equipe do concurso, 2014).

**Aureliano: E qual a expectativa de vocês, tipo, ganhando esse título, como vocês vêem isso pra vocês?**

[...] E que a gente consiga mudar um pouco não só a cabeça das pessoas, mas o mais importante é a cabeça das trans, pra que... eu sei que as pessoas nos veem como vulgar, como as garotas de programa, como baixas, mas eu sinceramente posso dizer que não é só culpa delas, realmente muitas são assim. E que esse concurso possa mudar um pouco o biótipo[sic] delas em relação a isso, como se comportar, como conviver. Entendeu? Porque nem tudo é mito da sociedade, nem tudo é só preconceito, muitas vezes eu também tenho preconceito com alguns tipos de trans que não sabe se vestir, não sabe falar, não sabe se comportar, não sabe agir. E acaba sendo visto como uns animais e realmente são animais nesse sentido. Então eu acho que esse concurso, acho que pra criar uma nova visibilidade pra elas ter em que se espelhar. Eu não sei

se elas são assim porque tiveram em quem se espelhar e foram pessoas totalmente erradas, totalmente baixas, porque é assim: se o conceito é ser mulher, é mulher e não caricatura de mulher. Nada exageradamente mulher, né? Então eu acho que esse é o foco (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

Comportamento modelar que deveria seguir tons associados ao recato, “educação” e polidez e que também deveria ser encarnado em seus próprios corpos, como em seus gestos que deveriam aproximá-las dos de uma mulher cisgênero “fina” e exemplar e em suas vestimentas que não deveriam mostrar muito de seu corpo. Como outra candidata afirmou, “porque, assim, é aquela coisa, né, vê a gente como, né? Sempre vulgar, baixa e lá é um concurso de miss. Miss é beleza, cultura, fina, elegante”. Mais uma vez, este também era um discurso ideal e não saberia dizer até que ponto se construía ao perfil esperado de uma Miss T ou se eram esforços levados a cabo pelas candidatas em suas vidas ordinárias.

Do mesmo modo que esta associação entre prostituição e marginalidade citada acima, no que se refere a um comportamento tido como modelar, mais uma vez tivemos a intervenção pedagógica de Majorie acerca da ideia de que só sofreria discriminação e violências aquelas travestis e/ou transexuais que não soubessem como se comportar no meio social:

Equipe Miss T: E o preconceito você acha que tá melhorando ou continua na mesma mesmice? O mesmo preconceito?

Candidata: O preconceito tá dentro da gente. Eu não consigo... eu falo pras meninas, assim: “Eu não passo preconceito. Por que? A gente tem que saber chegar e sair, entendeu?”. As meninas a gente conversa só sobre putaria. Não gente, tem que saber conversar sobre outras coisas. O meu programa favorito, o das meninas é casos de fofoca, o meu é jornal, porque eu sei o que tá acontecendo no mundo.

Majorie: Mas eu posso te provocar?

Candidata: Isso.

Majorie: Quando você diz: “Eu não sofro preconceito”, eu não consigo entender muito. Hoje a Suzana [nome fictício] não poderia ter até uma vida diferente se não fosse o preconceito? Talvez ela já não pudesse ter realizado o sonho de criança de Miss antes, se não tivesse o preconceito? Como é que é você se vê numa sociedade que... eu me sinto tão discriminada, me sinto violada, às vezes a cada passo que eu dou na rua. E às vezes me chama um pouco atenção e até me choca quando eu escuto uma menina dizer: “Eu não passo preconceito”. Será que eu consigo enxergar o preconceito? Sabe, o preconceito às vezes não é só aquele físico de te xingar, de te ofender, mas de você não ter os mesmos direitos. Hoje a Suzana não existe nos documentos...

Candidata: Isso.

Majorie: Por que que ela não existe?

Equipe Miss T: Eu acho que ela... eu acho até que entendi o que ela quis dizer. Eu acho que ela concorda com você, mas ela quis dizer com ela mesma. Ela vê o preconceito, mas ela se aceita tanto que aquilo não consegue afetar ela.

Candidata: Isso, com certeza.

Majorie: E é a mesma coisa que eu volto a perguntar: Como não consegue afetar? Eu tô fazendo uma provocação pra ela se ver. O preconceito afeta todas.

No Brasil é muito impossível uma travesti ou uma transexual dizer: “Eu não sofro preconceito”. Talvez eu possa não ter apanhado, talvez não seja comum pela aparência quando eu passar eu despertar tanta atenção. Porém, só de eu não poder usar meu nome no meu documento isso é um preconceito. Independente de eu sentir ou não. Eu só quis provocar, pra dizer que... e às vezes uma coisa que eu também discordo muito e discordo de vocês quando: “Ah, quem se comporta não sofre preconceito”. Não, não é... Sabe, meninas que não tão fazendo nada... Nós sofremos, nós estávamos indo pra casa da Roberta depois da gente ter ido almoçar. E sofremos preconceito dentro de um mercado. Então, não estávamos nuas, muito pelo contrário. Estávamos vindo de uma agenda bacana, comportadas, então o ato de discriminar ele não vem...: “Você foi discriminado por isso”. Ele vem de forma espontânea, né? E de uma forma muito cruel. Mas eu fico muito feliz de você estar no Miss T Brasil (MISS T BRASIL, 2014).

A ideia reiterada por muitas candidatas de que “por causa de uma, todas levam”, no caso por causa de uma que “não sabia se comportar” todas seriam discriminadas, foi acima transformada por Majorie na ideia de que o preconceito e a discriminação atingem a todas independente do comportamento de uma. Aqui também vemos certo embate entre a concepção daquele sujeito psicológico individualista que seria o responsável por tudo de si (na visão da candidata) e um sujeito colocado e formado por seu contexto, no qual violência e vulnerabilidade são tópicos presentes (na visão de Majorie).

Não só em caracteres tidos como plásticos ou estéticos na construção dessa Miss T, Majorie incidia no contexto deste certame em uma formação moral e subjetiva das candidatas, lugar pedagógico por ela ocupado tanto por construí-lo desta forma para si como também delegado pelo coletivo que ali ela forjou (Bourdieu, 2004) – o *casting* das belas travestis e transexuais e a “população trans” de modo geral, de quem aquele *casting* é representante e para quem se constitui como um modelo. Porém, aquela ideia de uma responsabilização de si pelo preconceito ou violência sofridos se mostrava bastante forte e presente entre as candidatas: “Muita gente elogia, muita gente critica: ‘Ai, é traveco, é homem vestido de mulher, pra mim é homem’. Tem gente que já olha, elogia... [...] Depende da sua postura...”; “Porque tem grupos. Tem trans e trans. Têm aquelas vulgares, aquelas baixas, de baixo nível que as pessoas ainda têm uma mente pequena. Elas julgam a massa, ela não julga só você. Ela julga o que vê”; “Eu acho que o preconceito ele ainda é muito grande em nosso país. Mas eu também penso que vai de cada pessoa, de cada comportamento, de como você se veste, de como você se comporta. [...] uma coisa que minha mãe sempre me ensinou: você tem que saber entrar e sair de qualquer lugar”; “Já, eu fui espancada. Fui parar na UTI [reação de espanto das meninas]. Mas é porque eu me expunha demais, né?”; entre outros exemplos possíveis.

Podemos afirmar que a ideia de uma responsabilização de si por tudo se é ou tudo que se passa em sua vida é construído socialmente como algo deste âmbito individual, e não como contextualizando em um todo social que de muitas formas o produz. Talvez esta ideia seja ainda mais forte no contexto de um concurso de beleza e neste em especial, pois a beleza é aqui buscada e construída a todo momento, sendo percebida como conquista advinda de um esforço pessoal (ainda que se reconheça o auxílio de familiares, amigos e instituições). Uma candidata seria, então, bela porque se fez bela e, como muitas afirmaram, “não só a beleza, mas o que vem atrás da candidata” deveria ser valorizado, de modo que tal beleza venha nobilitar aquele grupo constituindo um ideal de sujeito para a “população trans” e, quiçá, para a sociedade como um todo:

**Aureliano: Que imagem de Miss você gostaria de passar?**

O próprio tema já diz: “A beleza contra a transfobia”. Então acho que a maior intenção é a gente mostrar que a gente pode, a partir da nossa beleza, sermos... prestar contas e lutar contra isso. Contra uma situação que a gente passa que é a transfobia. Então acho que o principal fato que eu pretendo conversar com as pessoas e tentar demonstrar pra elas que todas são diferentes e, indiferente de serem bonitas ou não, todas merecem o respeito, né? (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Como vimos, a noção de um “perfil” para concursos de beleza produz determinado tipo de corporalidade e valores morais associados a ela. O corpo aqui concebido como belo é construído a partir de intervenções cosméticas e cirúrgicas (ou *cosmic surgeries*, na caracterização de Taussig, 2012) visando a produção de certa harmonia e equilíbrio (Giacomini, 2006) encarnados em sua corporalidade. Este ideal de corpo também segue um ideal de sujeito moral. No exemplo acima descrito do Miss T Brasil, as participantes procuram se afirmar como autônomas e dotadas de auto-estima na relação consigo; buscam desvincular-se de modelos tidos como marginais (e a prostituição pode ser vista por elas como uma marca de marginalidade); valorizam em relações afetivas com familiares e amigos, as quais seriam constitutivas de si; e mostram certo engajamento político, ou ao menos um posicionamento crítico, em especial na forma como a sociedade concebe a travestilidade/transsexualidade. O engajamento político que pareciam mostrar encarnado em seus “perfis” foi em muito construído pelo discurso público do Miss T Brasil, que analisarei no capítulo a seguir.

### 3.2 Tecnologias de produção dos corpos femininos e belos

#### **Transexuais encaram o preconceito e o biquíni em concurso de miss no Rio**

Tássia Thum, do G1 Rio

Dispostas a mostrar suas formas femininas e a encarar o preconceito, 23 candidatas disputam nesta terça-feira (30) o Miss T Brasil 2012, concurso no Rio de Janeiro que vai eleger a mais bela transexual do país. Além da faixa e da coroa, elas querem ser reconhecidas como mulheres e sonham em se tornar a nova Lea T, a filha transex do ex-jogador Toninho Cerezo e estrela da grife francesa Givenchy. A vencedora garante uma vaga no Miss International Queen, na Tailândia, país referência em cirurgias de mudança de sexo.

Assim como no concurso tradicional de miss, as participantes ficaram cinco dias confinadas em um hotel, no Centro do Rio, onde receberam aulas de passarela, dicas de maquiagem, e assistiram a palestras sobre Direitos Humanos e diversidade sexual. Além de caprichar no carão e no famoso tchauzinho de miss, elas serão avaliadas pelo desempenho nos desfiles de traje de gala e banho.

[...]

Como em qualquer concurso de beleza, a vaidade tem o preço alto. No concurso entre travestis e transexuais, somam-se os custos com apliques de cabelo, hormônios, silicone, plásticas e outros tratamentos estéticos. A representante do Acre, Bianca Soares, gastou R\$ 25 mil apenas para ganhar contornos volumosos no bumbum.

“Com 12 anos comecei a tomar hormônios e aos 16 anos já tinha implantado prótese de silicone nos seios. Minha mãe é pastora e psicóloga e me dá total apoio. Sempre me senti menina, inclusive já dei entrada na mudança de nome”, conta Bianca, que há seis anos participou de filmes eróticos com o ator Alexandre Frota. “Não quero mais fazer esse tipo de filme. Há alguns anos, faço aulas de canto e interpretação de texto”, disse a moça, que também participou da série *Mandrake*, exibida na HBO.

Izabely Luca, 25 anos, candidata de Minas Gerais, contabiliza oito plásticas em seu corpo, como próteses de silicone e rinoplastia – cirurgia plástica para afinar o nariz.

“No meu corpo tem um carro importado e desses de luxo. Já gastei muito dinheiro mesmo, faço de tudo para ficar com o corpo cada vez mais feminino. Meu sonho é diminuir o tamanho dos meus pés, só não fiz isso ainda, porque não tem jeito mesmo, não tem cirurgião que consiga esse milagre”, ri Izabely.

Nem sempre os investimentos são apenas na parte estética. Fantiny Almeida, de 24 anos, contratou um missólogo, especialista em preparar miss, para orientá-la desde a escolha da roupa até o discurso social digno de miss.

“Estou muito focada em vencer esse concurso. Assisto a vídeos no YouTube com discursos de miss, faço aulas de passarela, tudo para me sair bem. Nesse concurso não estou vendo muita rivalidade. Infelizmente, em 2007, roubaram um vestido de gala da minha mala e não pude participar de um concurso”, desabafa Fantiny.

O trecho acima transcrito é parte da propaganda matéria sobre a primeira edição do Miss T Brasil, destaque de capa do Portal G1, em 2012. Três candidatas foram selecionadas pela jornalista Tássia Thum para discorrer sobre suas participações no certame e, talvez, para sanar a possível curiosidade dos leitores do Portal e público em geral, falar sobre a construção de seus corpos e gênero. Bianca Soares contou-nos, então, que iniciou o uso de hormônios femininos aos 12 anos de idade e aos 16 já tinha colocado suas próteses de silicone nos seios, ao passo que Fantiny Almeida foi destacada por falar mais sobre seus estudos acerca da temática dos concursos de beleza visando encaixar-se no perfil apregoado pelo certame e ter boas chances de sagrar-se coroada como a Miss T Brasil 2012. Já a mineira Izabely Luca ganhou destaque pela revelação de já ter feito então oito cirurgias, pois segundo suas palavras na matéria jornalística, “faço de tudo para ficar com o corpo cada vez mais feminino”. Neste processo de feminizar-se cada vez mais, Izebelly revelou que infelizmente não havia ainda realizado seu sonho de diminuir o tamanho dos pés, já que isto não era possível segundo a tecnologia biomédica disponível na rede de saúde e/ou mercado de cirurgias plásticas: “[...] não tem cirurgião que consiga esse milagre”.

Esse “milagre” impossível de ser realizado também foi referido pela modelo brasileira Lea T (Figuras 50 e 51) em entrevista exibida no programa Fantástico, da TV Globo, em 27 de janeiro de 2013. Nesta entrevista, realizada quase um ano após sua cirurgia de transgenitalização ou “mudança de sexo”, como nomeada por este programa de TV, Lea T afirmou que: “Eu não aconselho essa cirurgia pra ninguém. Eu achava que a minha felicidade era embasada à cirurgia. Mas não foi, não é isso”. Perguntada se não havia ficado mais feliz depois da cirurgia, Lea T complementou: “Eu fiquei mais à vontade, é diferente. A felicidade não é... não é um pênis ou uma vagina que traz felicidade a ninguém”. Quando questionada pela repórter Renata Ceribelli “Hoje, depois da cirurgia, você diz: ‘Eu sou uma mulher completa?’”, Lea respondeu: “Eu nunca vou ser 100% mulher [...] Eu continuo com minha parte masculina. Eu calço 42, eu tenho uma mão enorme, meu ombro é largo. Eu tenho coisas masculinas no corpo”.

A resposta de Lea T acerca do que seria masculino em seu corpo é bastante próxima à menção de Izabelly Luca sobre seu sonho de diminuir o tamanho dos pés. Aqui vemos o quanto o que é considerado masculino pelas duas se refere ao que se considera socialmente como masculino e que é assim identificado em uma interação cotidiana face a face. Possuir um pênis ou uma vagina parece secundário àquela feminilidade que gostariam de ver reconhecida no meio social, a que é “catada” através do tamanho dos pés, mãos e ombros.

Cena parecida também foi relatada em uma conversa entre um grupo de candidatas do Miss T Brasil em uma das edições do certame, na qual uma participante contou a seguinte situação: “Teve uma vez que eu estava na praia, deitada de bruços na areia tomando sol, quando comecei a ouvir uns homens que vinham comentando sobre mim: ‘Olha que delícia, olha que bundão gostoso’. Eu fiquei bem quieta, só ouvindo e me sentindo o máximo, quando um deles virou e falou: ‘Mas olha o tamanho do pé, não é mulher não, é homem! Corre!’”. Apesar dos risos gerados pela cena, a candidata em questão disse ter ficado arrasada e que, depois disso, toda vez que vai tomar sol esconde seus pés embaixo da areia.

Pés, mãos e ombros ganham a centralidade da cena como aquilo que denunciaria uma “falsa feminilidade”, de modo que expressões como “é homem!” ou “não é mulher não” aparecem aqui como uma forma de reinscrever tais corpos trans em uma lógica na qual o sexo identificado no nascimento seria reiterado como o “verdadeiro” ou aquele que

prioritariamente as definiria perante a sociedade em geral. Porém, buscando o gênero no qual se reconhecem e querem ser reconhecidas, travestis e transexuais operam uma série de intervenções cirúrgicas na construção de suas feminilidades. Se na primeira parte deste capítulo, versei sobre a produção de determinada corporalidade para concursos de beleza através da noção de um perfil e procedimentos cosméticos e estéticos que viriam conformar tal perfil, aqui dou continuidade à análise de construção desta corporalidade, porém focando naquilo que seria mais relacionado ao campo da saúde, em especial à cirurgias tidas como estéticas/plásticas, vistas como necessárias para a inscrição do gênero feminino nestes corpos inicialmente identificados como masculinos. Tais técnicas construirão feminilidades no cotidiano como também produzirão, no contexto do Miss T Brasil, um modelo de beleza feminina congruente com os objetivos político-culturais do certame.



**ELLE**  
BRASIL

**LEA T.**  
FALA DE MODA,  
PRECONCEITO,  
AMOR E SEXO!

**INVASÃO FASHION**  
AS MARCAS INTERNACIONAIS  
QUE A GENTE AMA ESTÃO  
CHEGANDO. PREPARE-SE!

VERÃO SEM RUGAS,  
NEM MANCHAS.  
A TECNOLOGIA  
GARANTE

**LUXO  
TOTAL**

O GLAMOUR DOS  
VESTIDOS DE FESTA  
MAKE E CABELOS  
SOFISTICADOS  
ACESSÓRIOS QUE  
ROUBAM A CENA  
PRESENTES-DESEJO

**GENTE QUE  
BRILHA**  
CARINE ROITFELD  
FERNANDO  
MEIRELLES  
DIANE VON  
FÜRSTENBERG  
FRANCISCO  
COSTA

**Abril** ISSN 0104-1703 00283  
91770104170008  
R\$ 14,00 EDIÇÃO 283 ANO 24 DEZEMBRO 2011

Figura 51 - Lea T em capa da revista de moda, *Elle* (Brasil), em dezembro de 2011.



Figura 52 - Lea T em fotos da campanha de moda praia da grife carioca Blue Man, em 2012. Fonte: Blog Cereja Neon, disponível em: <http://cerejaneon.blogspot.com.br/2011/09/blue-man-verao-2012-uuuii.html>

### 3.2.1 A cirurgia de feminização facial e a rostificação do gênero

Diário de campo, 30 de novembro de 2014 – Transcrição da palestra da equipe *Facial Team* no Miss T Brasil 2014

Equipe *Facial Team*: Quais as queixas principais da mandíbula e do queixo? A mandíbula geralmente ela é muito larga, o rosto feminino ele é triangular, pra dentro. Do homem é pra fora. Então tem que tirar essa angulação aqui, tá? O queixo do homem ele é muito quadrado, tem essas duas proeminências. Você [indicando uma candidata na plateia] tinha perguntado do seu queixo, por exemplo, eu faria o seu queixo. Traria um pouquinho pra frente. Tudo isso usando seu próprio osso, sem silicone, o que naquele último slide eu falaria. O que fazer? Tirar esses excessos ósseos, excessos ósseos laterais. Por onde? Por dentro da boca. Infelizmente a gente recebe muitas pacientes que têm cortes por fora pra fazer tudo isso. Não precisa, hoje em dia...

Candidata: Tá querida, olha isso!

Equipe *Facial Team*: Então hoje em dia são cirurgias todas feitas com cortes internos. A gente usa uma serra ultrassônica. Única equipe no mundo que usa uma serra ultrassônica pra fazer essa cirurgia somos nós. Qual que é o diferencial dessa serra? Ela tem uma frequência sonora que ela corta só osso. Então ela não corta nervo, não corta músculo, não corta pele. Então mesmo se a gente não estivesse vendo. “Ah, passei em cima do... da pele”. Não vai cortar, porque ela só corta osso, feita pra isso.

Candidata 1: Olha que legal, que tecnologia legal!

Candidata 2: Passada!

Equipe *Facial Team*: E mais uma vez, lembrem-se: tudo por dentro da boca. Se vocês encontrarem uma amiga: “Ah, eu vou fazer, mas ele falou que é um cortezinho pequenininho aqui por fora”. Não façam. Não façam, tem que ser por dentro. Uma semana depois tá totalmente fechado.

Candidata: Se vocês acharem alguém que operou a mandíbula e não tem cicatriz foi na *Facial Team*! [risos].

O trecho acima transcrito foi de um dos momentos da palestra sobre feminização facial realizada pela clínica *Facial Team* dentro das atividades oficiais do Miss T Brasil 2014 (Figura 52). As candidatas tinham sido instruídas, inclusive, a estarem presentes neste momento com calça e blusas brancas, o que parecia encarnar ainda mais esta palestra como uma das etapas do concurso na qual deveriam obrigatoriamente estar presentes e se portarem como uma Miss.



**Figura 53 - Candidatas em palestra com a equipe Facial Team dentro das atividades oficiais do Miss T Brasil 2014. Foto: Aureliano Lopes.**

O exerto que abre este tópico ilustra alguns dos principais pontos presentes no momento desta palestra e que serão discutidos a seguir, como uma concepção biologizada de gênero (aqui “rostificado”) embasando a chamada cirurgia de feminização facial e a exibição um tanto quanto fetichista das técnicas utilizadas em tal procedimento cirúrgico. Este tipo de cirurgia busca tornar um rosto inicialmente identificado como masculino em uma face com traços femininos sem modificar por completo tais traços. Através de uma técnica de remodelação dos ossos da testa, queixo

e mandíbula – complementada com a possibilidade de rinoplastia e retirada do pomo de Adão. Este conjunto de procedimentos cirúrgicos visa inscrever ali um feminino de forma a manter características faciais pessoais tidas como identitárias ou “da pessoa”. Deste modo, não se objetiva a construção de um rosto novo ou diferente, mas sim a feminização ou “suavização” daqueles traços tidos como masculinos, pautada em ideais de constituição de uma “naturalidade” em tais traços.

As cirurgias de feminização facial contribuem para a visibilização de determinada feminilidade para travestis e transexuais que tanto parece corresponder a um desejo pessoal de alcançar tal feminino ao mesmo tempo em que promoveria o encobrimento de um estigma (Goffman, 2004) ao permitir que ela “passe por” mulher em uma relação social ordinária ou face a face. As chamadas cirurgias de feminização facial, que têm ganhado grande popularidade e são vistas por muitas travestis e transexuais como de grande importância em suas transformações corporais, mas que podem ser igualmente consideradas como transformações acessórias que promovem uma homogeneização trans, segundo um imperativo normativo que legitima estereótipos do gênero feminino.

De acordo com o website da *Facial Team*, clínica especializada em cirurgias de feminização facial com filial na cidade de São Paulo e apoiadora do concurso Miss T Brasil nos anos de 2012, 2013 e 2014, “Cirurgia de Feminização Facial (CFF) é o termo dado a um conjunto de procedimentos cirúrgicos que visam alterar um rosto masculino ou que possua traços faciais pronunciados, para conseguir que essas características sejam suavizadas e harmonizadas tornando-se mais semelhante a um rosto feminino” (*Facial Team*, 2014).

Nestes casos parece haver um deslocamento daquilo tido como central na experiência trans, segundo sua definição ou classificação psiquiátrica, ou seja, o desejo e necessidade de uma “readequação” corporal via cirurgia de transgenitalização, para aquilo que seria mais identificável no meio social, o rosto e seus traços socialmente generificados. Isto foi corroborado por Márcia Brasil, assistente social e atual gestora do Programa GEN<sup>82</sup> do HUPE/UERJ, em comunicação oral proferida na mesa redonda intitulada “Saúde e Transformações Estéticas” do seminário “Desafios das práticas no

---

<sup>82</sup> Um dos serviços de referência no Brasil para realização de procedimentos e cirurgias do chamado processo transexualizador no Sistema Único de Saúde/SUS.

campo das Transdiversidades”<sup>83</sup>, na qual afirmou que procedimentos para “suavização da face” e “cirurgia no nariz” são os segundos mais procurados por usuários de tal Programa, sendo demanda maior do que a própria cirurgia de transgenitalização (só perde para demandas de “implante de silicone nos seios, glúteos e quadris”).

Em palestra sobre feminização facial, feita para potenciais pacientes e realizada no final de outubro de 2012 nas dependências do Programa Rio Sem Homofobia da SUPERDir/SEASDH, um dos médicos da equipe da *Facial Team* afirmou que “o gênero está no olhar”, ou melhor, que a definição de caracteres faciais como masculinos ou femininos é feita através da tríade mandíbula-testa-olhar, este último entendido como formado pela órbita ocular e sobrancelhas. Deste modo, para se feminizar um rosto, seria necessário “modificar o olhar”, suavizando-o para que se torne “mais doce e mais feminino”. Este profissional destacou ainda que tal cirurgia “não visa tirar a identidade, mas feminizar e suavizar”, inscrever a pessoa identificada como do gênero masculino no nascimento em um gênero feminino, já que este é o desejo expresso por quem procura a feminização facial como também pelo fato de que “identificamos na rua, mesmo que inconsciente o gênero da pessoa”.

Esta ideia de um “passar por” conquistado via cirurgias plásticas é concebida por Sander Gilman (1999) como um processo de tornar certas características corporais visíveis de determinada forma, ao contrário de um processo de invisibilização ou apagamento de tais caracteres. O objetivo com tais cirurgias seria tornar-se identificável como pertencente a determinado grupo com o qual inicialmente a pessoa não seria identificada. Gilman foca sua análise em questões étnicas e/ou raciais, como as cirurgias em narizes que precisariam ser modificados para que pessoas possam “passar por” outro grupo racial ou étnico<sup>84</sup>. Este autor menciona, por exemplo, a ideia presente na antropologia do século XIX de que grupos como judeus e africanos se aproximariam tanto na presença de um “sangue negro”, denunciado pela cor da pele, como por traços corporais, em especial o formato do nariz. A mestiçagem presente entre os judeus poderia

---

<sup>83</sup> Seminário organizado pelas equipes de Psicologia dos Centros de Cidadania LGBT do Programa Rio Sem Homofobia (SUPERDir/SEASDH) e realizado entre os dias 06 e 08 de agosto de 2014.

<sup>84</sup> Gilman (1999) discorre bastante sobre uma “etnização” do nariz e isto se torna interessante quando comparado a alguns textos que buscam definir o gênero e sua percepção a partir de caracteres faciais, como os que serão mencionados na sequência deste capítulo. Enquanto na análise de Gilman (1999) o nariz é preponderante na percepção de determinado grupo étnico-racial, na revisão sobre percepção de gênero e traços faciais de Fellous (1996) o nariz aparece como o caracter mais neutro no que tange a tal percepção. Isto também é corroborado pelo estudo de Brown & Perrett (1993) mencionado por Fellous (1996).

ser embraquecida – e de certo modo apagada –, pois para muitos a transformação de um nariz judeu em um “nariz normal”, segundo um padrão branco europeu, juntamente com a cor de sua pele branca promoveria este “passar por” branco. Ou por um “judeu branco”, como disse um informante judeu americano ao sociólogo Frances Macgregor’s: “*there are nice Jews. I’ll be a good-will ambassador. I can prove to people that I’m not only a ‘white man’ but a ‘white Jew’*” (Macgregor citado por Gilman, 1999, p. 91).

O mesmo acontecia com as cirurgias plásticas no nariz de imigrantes irlandeses nos Estados Unidos novecentista objetivando que estes “passassem por” norte-americanos, o que foi aperfeiçoado com técnicas cirúrgicas que promoviam tal modificação corporal sem deixar cicatrizes que denunciariam tal intervenção (Gilman, 1999). O que está em jogo aqui seria a delimitação entre um “nós” e um “outro” que o processo de “passar por” legitimaria como exitoso ou fracassado. Nas palavras de Sander Gilman,

*The individual desires to join a new community defined economically, socially, erotically (or in all three ways), but this group is primarily defined physically. The surgeon believes that with ever more innovative medical interventions, the patient can be enabled to “pass.” The surgical techniques must constantly evolve so as to perfect the illusion that the boundary between the patient and the group never existed. The individual must seem to have always been a member of the cohort. Each set of procedures enables individuals to “pass”* (GILMAN, 1999, p.22).

Alexander Edmonds (2010) também toca na questão das rinoplastias com o objetivo de modificar a percepção étnica. Em seu trabalho de campo na cidade do Rio de Janeiro encontrou exemplos como de Nanci, mulher negra que queria “afinar” seu nariz por considerá-lo “*ugly, very flat. I want to refine it, turn it up*” (2010, p.143), ou o de Vilmar, paciente advinda de uma família multirracial, que não se identificava como negra e via na rinoplastia a oportunidade de ter seus traços mais próximos da forma como se via (incluindo sua inserção em sua família): “*But my nose took after [puxou] the black one. Everyone else in the family has a thin nose, but I have one like hers, this nose of a little pig*” (2010, p.146). Aqui também parece haver um processo de “passar por”, ainda que no primeiro exemplo este seja localizado em alguns traços, não modificando de forma mais completa tal corpo, mas redefinindo-o segundo padrões estéticos tidos como universais – o que muitas vezes significa “brancos”, principalmente em contextos de preconceito e discriminação racial (Edmonds, 2010).

Apesar da análise de Gilman dar ênfase para invisibilizações e visibilizações em um campo que poderíamos identificar como étnico/racial, penso que podemos utilizar tal argumento para pensar as cirurgias de feminização facial. Aqui o “passar por” um gênero diferente do assignado no nascimento se aproxima do processo analisado por Gilman por se tratar de uma identificação social mais imediata. O sentimento de pertença a outro grupo não virá apenas de si, mas de uma identificação e validação pelo outro que alocará tal sujeito no feminino desejado.

Constituem-se como dois âmbitos complementares, porém diversos, aqueles no qual a pessoa será identificada (e se assumirá) como travesti ou transexual: um situa-se na esfera de suas relações mais próximas e o outro no espaço público, no qual não necessariamente desenvolverá relações mais pessoais. É neste último que pode desejar ser visível invisivelmente, ou seja, ser vista, mas não apontada e identificada a todo momento como uma pessoa trans. Gilman ainda destaca que “*the problem with this* [o ‘passar por’] *is that beauty is culturally constituted, and so that which made you (in)visible in one generation or in one place marks you as visible in another* (Gilman, 1999, p.22), o que talvez torne o imperativo da beleza na construção da feminilidade facial de travestis e transexuais algo extremamente valorizado. Ser bela poderia tanto significar a invisibilização de traçosna face tidos como masculinos como também se aproximar de um modelo supostamente universal de beleza que garantiria certa legitimidade nos mais diferentes contextos sociais – ainda que a isto se some o apagamento de outros traços aqui confundidos com ou transmutados em caracteres de gênero, como os raciais mencionados pela atriz negra transexual Laverne Cox ao afirmar que:

Ainda acho um desafio me achar bonita numa cultura em que os padrões de beleza feminina branca ainda são a norma. Escuto que sou linda há anos, mas ainda não acreditei nisso lá dentro do meu coração. Pra mim, tornar meus atributos “femininos o bastante” para alcançarem os padrões do meu exigente olhar crítico, bem como das percepções alheias, ainda é uma questão. Por exemplo, depois de muito andar pelas ruas “sem passar”, quer dizer, sem ser percebida como uma mulher não-trans, isso significa pra mim, em minha cabeça, que não sou “bonita o bastante”. Mas conforme fui evoluindo e crescendo, percebi que “passar” e “beleza” não têm nada a ver um com o outro. Só que depois de muito pensar sobre cirurgia de feminização facial (CFF), confesso com tristeza que parte do meu desejo de parecer mais “bonita”, mais feminina, é parecer mais branca. Escrever isso me faz chorar. (COX, 2011, grifos no original).

O desejo pessoal e a exigência social de um “passar por” no exemplo da construção de uma feminilidade facial em rostos antes tidos como masculinos também



encontram eco em prerrogativas do campo biomédico, em especial no campo das cirurgias plásticas. É nesse campo que se constrói a fundamentação científica para suas intervenções, de modo que mencionarei uma série de trabalhos e argumentos que visam a produção de fundamentos tidos como biomédicos para a percepção social do gênero na face.

Em artigo intitulado *What gives a face its gender* (1993), Elizabeth Brown e David Perrett descrevem um experimento social no qual através de uma série de fotos de rostos masculinos e femininos chegaram ao que creditaram ser uma média do que seria a face de cada um destes gêneros. Caracteres como olhos, queixo, sobrancelhas, nariz e boca foram então separados individualmente ou em pares e inseridos no “rosto base” do outro gênero. Ainda que reconheçam que “*male subjects required more masculinity to classify a face as male than females did and consequently less femininity to classify it as female*” (Brown & Perrett, 1993, p.837) e que os resultados também apontaram que a imagem do rosto como um todo é de grande importância para a percepção de seu gênero, o que tais autores promovem é uma generificação de caracteres isolados, talvez sugerindo-lhes uma configuração biológica diversa para aquilo que identificaríamos como do masculino ou feminino. Parece haver um esforço para que aquele órgão/caractere contenha em si o gênero da pessoa que o porta, o que exclui toda e qualquer construção social e cultural daquilo que nos identifica como masculinos e/ou femininos e sua conseqüente percepção social. Além de acreditarmos que a construção do gênero e sua percepção é um processo cultural e que englobaria não só o corpo visto como um todo, como as relações que este estabelece com seu contexto social, todos estes caracteres por eles mencionados poderiam ser modificados via intervenções diversas sem que o objetivo direto fosse identificar-se como masculino ou feminino. Isto demonstra o quanto este argumento pode ser frágil nesta leitura unívoca e restritiva de traços faciais, os quais também poderiam ser lidos de acordo com construções e contextos outros, como a discussão acima mencionada sobre a manipulação de traços segundo um imperativo de questões e disputas étnico-raciais<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup> Estou focando esta análise em textos do campo biomédico e seus argumentos com o objetivo de mostrar como determinado discurso tido como científico embasa diversas justificativas para a realização de cirurgias que poderiam ser consideradas plásticas e/ou estéticas como também ganham status de verdade científica em outros campos do saber. Em diversos momentos estes argumentos biomédicos se aproximam de outros campos do conhecimento, como a criminologia de Cesare Lombroso. Segundo Larissa Faria (2010), Lombroso foi o grande representante da Escola Positivista da Criminologia, vertente que apregoava um “o método científico, como forma de prevenir o crime, através da identificação de

O estudo de Elizabeth Brown e David Perret (1993) é mencionado em outros experimentos com a mesma finalidade, como Ferracio et al (1993), Fellous (1996), Cellerino et al (2004) e Yokoyama et al (2014). Jean-Marc Fellous (1996) faz uma revisão sobre o tema e promove uma crítica a alguns trabalhos, como o já mencionado de Brown & Perret (1993) ou outros análogos como o de Ferrario e colaboradores (1993). A crítica de Fellous não é voltada para a impossibilidade de se estabelecer determinada face e seus caracteres em separado como masculinos ou femininos, mas sim na possível imprecisão dos métodos utilizados. Acerca do trabalho de Ferrario et al (1993), ele afirma, por exemplo, que “*results suggest that male faces are wider and longer than female faces*” (1996, p.1962), reconhecendo a diferenciação facial de gênero entre faces tidas como masculinas ou femininas, mas avalia que o uso de análise estatística de primeira ordem pode ter sido insuficiente e influenciado o resultado. Neste sentido, ele baseou-se na análise métrica de Ferrario et al (1993), mas valeu-se de uma análise estatística de segunda ordem para analisar a métrica de dois grupos de imagens: um com 52 imagens de bancos de dados (26 masculinas e 26 femininas), das quais um único pesquisador através de programa de computador desenvolvido para esta finalidade traçou seus pontos de referência e os normalizou de modo que “*discriminant functions were derived, and gender discrimination was assessed on the training set*” (1996, p.1965), sendo este um grupo de 57 imagens (26 femininas e 31 masculinas) apresentando expressões faciais diversas.

---

‘estigmas’ criminosos, o embate entre o direito e a medicina e a utilização da criminologia para a classificação biológica dos seres humanos” (Faria, 2010, p.6069). Mesmo posteriormente tendo se afastado de tais ideias e voltado-se para análises de como influências sociais poderiam levar a um comportamento criminoso, Lombroso é tido como o fundador da Antropologia Criminal, desenvolvida principalmente a partir de sua popular obra “O homem delinquente” de 1876 (Faria, 2010). Em 1893 lançou juntamente com William Ferrero “A mulher delinquente, a prostituta e a mulher normal”: nesta obra, Lombroso analisa comparativamente caracteres anatômicos e comportamentos morais destes três “tipos” de mulheres, concluindo que estes caracteres, principalmente das mulheres delinquentes, se aproximariam de caracteres masculinos. Ele afirmava que “*precocity and virility of aspect is the double characteristic of the criminal-woman, and serves more than any other feature to destroy and mask her type*” (LOMBROSO, 1998, p. 99), o que se expressaria, por exemplo, em uma “*virile quantity of hair in 15 per cent, as against 5-6 per cent, in normals and 5 per cent, in criminals*” (LOMBROSO, 1998, p.82) ou no que ele chamou de “assimetria da face”, “*present in 7,7 per cent of delinquents and in 1,8 per cent of prostitutes*” (LOMBROSO, 1998, p.77). Lombroso promove um verdadeiro escrutínio do corpo feminino e apresenta diversas fotos para subsidiar seu argumento, além de descrições e concepções morais do que seria característico de mulheres tidas como perigosas ou o “outro constitutivo” da mulher normal: “*Virile physiognomy.—This feature shows a percentage of 11,8 in delinquents, 4 in prostitutes. (See Plate I., 6, 6 bis, 20, 20 bis, and note how, especially in profile, the peculiarity gives a hard, cruel look to faces which on a front view are sometimes handsome*” (LOMBROSO, 1998, p.80).

Relacionando esta sua análise métrica e estatística de imagens de faces identificadas previamente como masculinas e femininas, Fellous (1996) afirma que:

*Discriminant analysis suggests that "femaleness" relies on large distances between external eye corners (E3), a measure of overall eye extent, large distance between the eyes and the eyebrows (B2), a small nose (N2), a narrow (small W4) and roundish (small L1) face (see Fig. 1). "Maleness" relies on the presence of a large nostril-to-nostril width (N2), wide cheek bones (W4), lengthy face (L1), small extent of the eyes (E3) and small distances between the eyebrows and the eyes (B2) (FELLOUS, 1996, p. 1969).*

Jean-Mark Fellous (1996) conclui seu estudo afirmando que a análise estatística dos caracteres da face sozinha não é responsável pela percepção de gênero, porém, sendo compatível com os resultados de estudos que analisaram tal percepção, tais resultados o levam a crer que este seu verdadeiro escrutínio métrico aponta para bases “estruturais inerentes ao estímulo visual”. Sugere, então, que haveria algo estruturalmente determinante na estrutura facial e na forma como uma face é classificada como masculina ou feminina, seja em experimentos análogos ou em nossa vida ordinária, o que, ainda segundo ele, estudos neuropsicológicos poderiam vir a confirmar.

Certa estrutura que possibilitaria a percepção do gênero de determinada face, ainda que não muito bem definida, também é sugerida pelo estudo de Alessandro Cellerino, Davide Borghetti e Ferdinando Sartucci (2004). Os autores utilizaram-se de 50 imagens pixeladas de rostos masculinos e femininos (25/25), conforme Figuras 4 e 5, que foram submetidas a 121 observadores (56 homens e 65 mulheres) cujas respostas levaram-os a concluir que: “1. *Male faces are categorized more efficiently than female faces.* 2. *Subjects are more efficient in categorizing same-sex faces*” (Cellerino et al, 2004, p. 447). Duas hipóteses, diversas das já mencionadas nos estudos anteriormente citados, são levantadas para explicar tais diferenças. A primeira tem caráter mais sociocultural e, reconhecendo que a identificação do gênero através da face é um processo cognitivo, supõe que esta diferença ocorra devido às diferentes socializações de meninas e meninos na infância, as quais restringem o convívio de cada gênero ao seu próprio grupo. Já a segunda é radicalmente diferente e menciona diversos estudos neurofisiológicos para afirmar que “*the development and function of male and female brains is influenced by steroid hormones, and this influence extends also to face gender categorization*” (Cellerino et al, 2004, p. 448).

Cellerino e colaboradores (2004) acabam não desenvolvendo analiticamente nenhuma destas duas hipóteses. A primeira destoa dos outros estudos aqui citados, os quais de modo geral buscam uma explicação estritamente biomédica (e de uma biomedicina mais dura) para a percepção e identificação de uma face como masculina ou feminina. A segunda hipótese também não é discutida, sendo apenas referenciada uma série de artigos que fizeram algum tipo de análise neurofisiológica sem que seus argumentos e/ou resultados sejam apresentados. Artigo que efetivamente abarca a neurofisiologia é o de Takemasa Yokoyama, Yasuki Noguchi, Ryosuke Tachibana, Shigeru Mukaida e Shinichi Kita (2014). Neste estudo, os autores partem do princípio de que as faces masculinas e femininas são percebidas segundo esta diferenciação e, então, buscam a resposta se esta percepção é baseada em caracteres mais isoladamente ou ocorre de forma holística pela identificação da face como um todo, como o estudo de Brown & Perret (1993) em certa medida já propunha:

*We conducted three behavioral experiments and one EEG experiment. First, we simply compared the reaction times (RTs) of gender judgment between the front and behind conditions (Experiment 1). To consolidate the differences between the front and behind conditions, we compared them further using paradigms of priming effects (Experiment 2A) and negative aftereffects (Experiment 3). Finally, we performed an EEG experiment and compared repetition suppression between the two conditions (Experiment 2B) (YOKOYAMA ET AL, 2014, p.2).*

Através de uma série de medições neurológicas, como das ondas e respostas de determinadas áreas cerebrais advindas de eletroencefalograma realizado concomitantemente à exposição de estímulos visuais (faces masculinas e femininas), Yokoyama e colaboradores (2014) chegaram à conclusão de que a percepção do gênero da face é um processo holístico, assim como a própria percepção da face como um todo. Eles descartam a hipótese de que caracteres percebidos fora de seu contexto facial poderiam fornecer informações sobre determinado gênero e afirmam que os estudos que chegaram a tal conclusão não estavam exatamente errados, apenas não levaram em conta que uma pessoa, ao ser colocada frente a um estímulo deste tipo, logo o insere em uma face. Esta, por sua vez, é dotada de um gênero e outras características que valoramos socialmente, de modo que o processo de percepção do gênero através da face diz da própria percepção e processamento daquele estímulo como uma face:

*Our EEG data are also consistent with the theoretical model proposed by Bruce and Young (1986). This model assumed that two distinct modules are associated with face processing: a structural encoding module and a directed visual encoding module. The structural encoding module is related to processing facial features, and the directed visual encoding module is*

*associated with social category information such as race and gender. This model also suggests that facial structural encoding precedes the processing of social category information* (YOKOYAMA ET AL, 2014, p. 9).

Diversos outros estudos poderiam ainda ser mencionados, como a revisão do tema feita por Adrian Schwaninger, Christian Wallraven, Douglas W. Cunningham e Sarah D. Chiller-Glaus (2006) e que chega a conclusões semelhantes às posteriormente encontradas por Yokoyama et al (2014) acerca da relação entre caracteres individuais e percepção holística da face ou a tese de doutorado de Jenny Rehnman (2007), que realizou estudos com adultos e crianças a fim de relacionar a percepção que tais grupos têm do gênero da face à processos cognitivos que, como sugere, seriam diferentes em homens e mulheres<sup>86</sup>. Sem fazer uma revisão extensa aqui, é possível perceber como o tema da generificação de traços faciais está presente na literatura do campo biomédico. De modo geral, a literatura reafirma que há traços que são masculinos e outros femininos e que, ainda, esta percepção está ancorada nos mais diversos processos biológicos, como neurológicos e cognitivos. Aqui a diferenciação e consequente percepção do gênero passam ao largo de sua inscrição relacionada a contextos culturais e sua concepção como uma construção social, como defendem diversos autores e autoras que de algum modo partilham de uma concepção feminista ou construcionista das relações de gênero. Como afirma Capitán e colaboradores (2014), “*the principal differences between masculine and feminine facial features are related to the bone structure*” (p.610). Assim a diferença sexual e/ou de gênero está inscrita no osso, em algo biologicamente fixo e basilar – além da “*skin type, distribution of facial hair and fat, type of hair and hairline shape, the prominence of the thyroid cartilage or Adam’s apple, and differentiating characteristics in the soft tissues, among others*” (Capitán, 2014, p.610) – e não na forma como tal estrutura biológica é construída e valorada culturalmente<sup>87</sup>.

Forjando uma concepção biologizada das diferenças de gênero identificadas como presentes na face e em seus traços, todos estes experimentos e argumentos oferecem

---

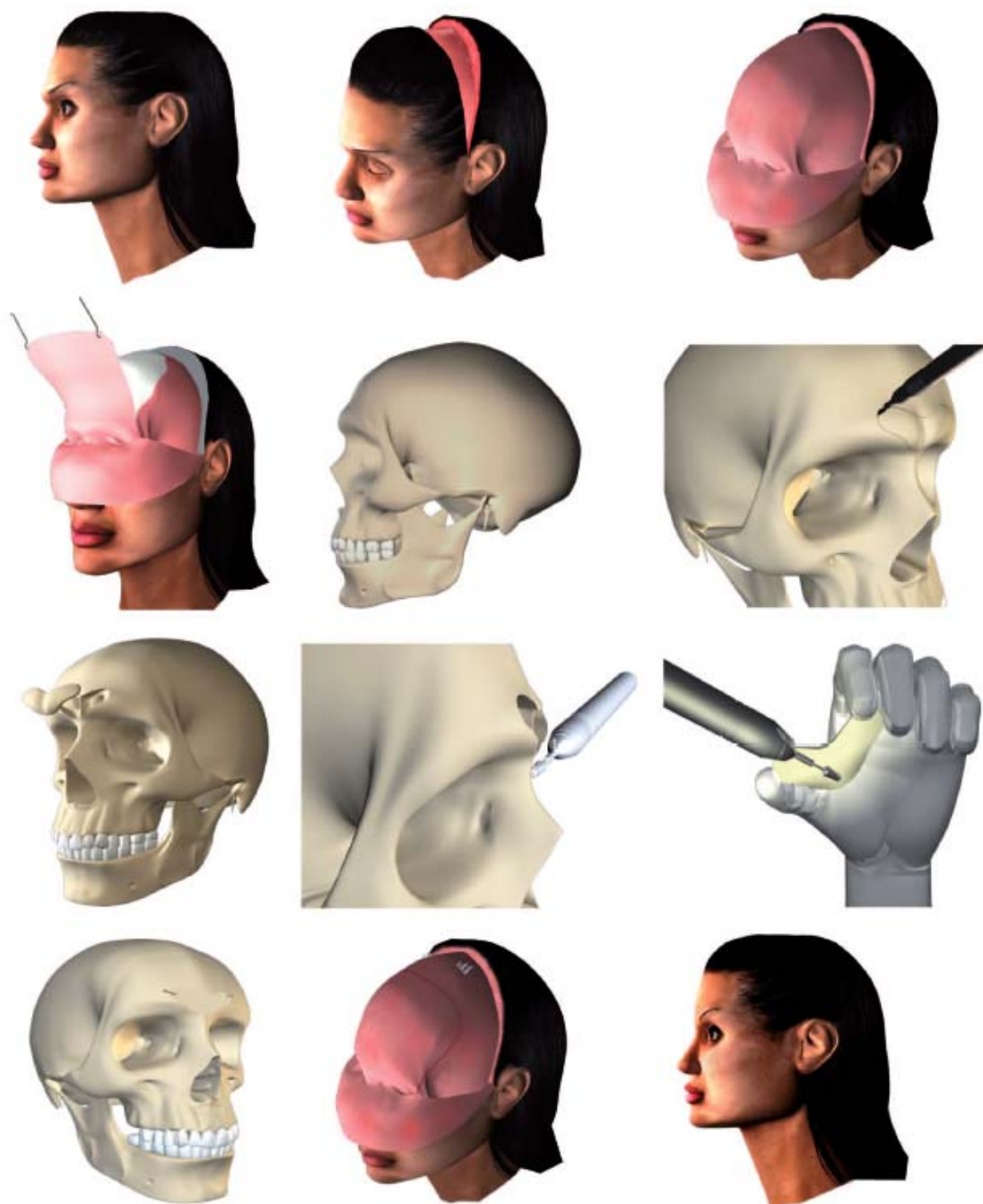
<sup>86</sup> Apenas apresentei aqui os argumentos gerais de alguns destes textos, mas tais artigos poderiam ser ainda analisados segundo os interesses e contextos biomédicos que demandaram tais estudos, como as manipulações e desenvolvimento tecnológicos disponíveis em cada uma das décadas nas quais cada artigo foi escrito, como outros discursos biomédicos que foram ganhando força ao longo destes anos e passaram a estar presentes nas mais diversas discussões deste campo em sua interface com os marcadores de gênero e sexualidade, como aqueles mais diretamente relacionados aos hormônios e ao cerebralismo (para maiores informações sobre estes dois últimos temas, ver o conjunto das produções desenvolvidas no projeto de pesquisa “A Medicina Sexual: novas fronteiras da medicalização da sexualidade” coordenado pela professora Jane Russo no IMS/UERJ).

<sup>87</sup> Cabe ressaltar que Capitán e colaboradores (2014), cujo artigo foi mencionado aqui, também são profissionais da sede da clínica *Facial Team*, na Espanha.

a base dita científica para que intervenções cirúrgicas possam ser realizadas (preferencialmente) em travestis e transexuais de acordo com um protocolo que, juntamente com o construído diagnóstico e necessidade psiquiátrica de readequação sexual daquele corpo, se justificará por ser então tido como necessário nesta “readequação” dos caracteres da face, como afirma Capitán e colaboradores (2014), em artigo no qual descrevem a técnica da chamada cirurgia de feminização facial:

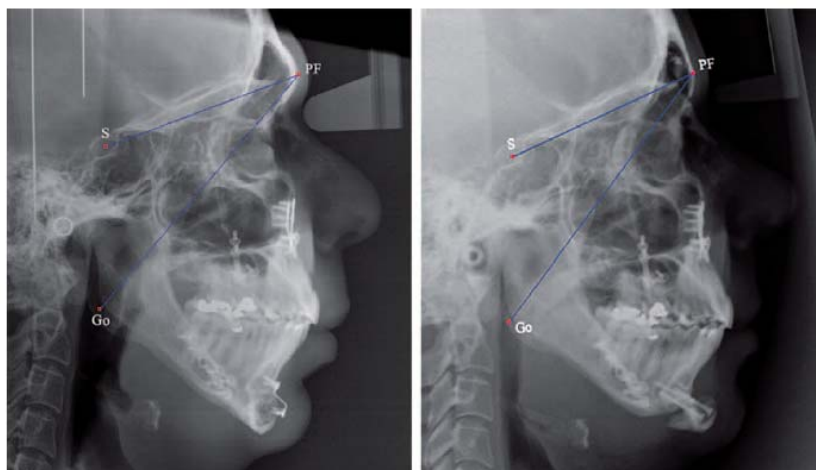
*Facial feminization results from the need to modify masculine features in patients with gender dysphoria who are in the process of adapting their identity or patients with overly pronounced facial features. Facial gender identity is a field of interest because certain areas of the face are easily recognizable as masculine or feminine (CAPITAN ET AL, 2014, p.613)*

Constrói-se assim um campo de intervenção biomédica para determinado público, como também a necessidade e o desejo pessoal de submeter-se a ela. As cirurgias de feminização facial podem, se não serem incluídas plenamente, ao menos dialogar de modo bastante forte com o processo transexualizador como um todo, principalmente nesta ideia de uma readequação a um sexo/gênero tido como “verdadeiro” através de distintas intervenções corporais, em especial, na face. Se os traços faciais ou a face como um todo têm um gênero e estes são tidos como tão fundamentais na construção da identidade pessoal e na forma como somos reconhecidos no cotidiano, este tipo de intervenção em pacientes que desejam a transição de gênero seria, então, fundamental para sua própria constituição enquanto sujeito ou pessoa. Como discutirei a seguir, a identificação por pessoas transexuais e/ou travestis de traços faciais masculinos em seu corpo, agora feminino, pode ser vista como um estigma nas mais diversas interações sociais, o que demandaria intervenções para feminizar ou “suavizar” esta face.



**Fig. 6.** Forehead reconstruction technique sequence. (*Above, left*) Patient's profile before surgery. (*Above, center*) Modified coronal approach, with elimination of the scalp strip. (*Above, right*) Coronal flap, preserving the frontal branch of the facial nerve. (*Second row, left*) Pericranial flap until frontonasal-orbital ridge and both frontomalar apophyses are reached. (*Second row, center*) Skull profile; note the protrusion of the frontal bossing. (*Second row, right*) Osteotomy of the anterior wall of the frontal sinus using a saw. (*Third row, left*) Access to the frontal sinus. The anterior wall is preserved in saline solution until shaving and repositioning. (*Third row, center*) Sculpture of the entire frontonasal-orbital complex, paying special attention to the frontonasal transition. (*Third row, right*) Sculpture of the anterior wall of the frontal sinus. (*Below, left*) Stable fixation of the anterior wall of the frontal sinus with osteosynthesis. (*Below, center*) Meticulous closure of the pericranial flap and placement of the resorbable anchors (Endotine Forehead Fixation Device) to achieve the correct repositioning of the eyebrows over the new bone structure. (*Below, right*) Patient's profile after surgery.

**Figura 54** – Descrição em 3D dos procedimentos realizados na testa pela equipe da Facial Team. Disponível em: Capitán et al, 2014, p.614.



**Fig. 5.** Preoperative and postoperative teleradiography and cephalometric study. Note the clinical modification of the frontal bossing after surgery. Setback of the frontal bossing can be determined by measuring the distance from the point corresponding to the frontal prominence landmark (PF) to the gonion (Go) and to the sella (S). For the case in the figure, preoperative measurements include the following: frontal prominence landmark to sella, 81.17 mm; and frontal prominence landmark to gonion, 121.15 mm. Postoperative measurements include the following: frontal prominence landmark to sella, 72.66 mm; and frontal prominence landmark to gonion, 112.42 mm. A setback of 8.51 mm from frontal prominence landmark to sella and a setback of 8.73 mm from frontal prominence landmark to gonion can be observed.

**Figura 55 - Imagem de radiografia mostrando as modificações na estrutura óssea de paciente submetida à feminização facial. Disponível em: Capitán et al, 2014, p.613.**

No contexto do Miss T Brasil, a feminização facial aparecia como sendo bastante desejada e alvo de expectativas e curiosidades. Parecia ser a mais nova e tecnológica intervenção no corpo agora disponível no Brasil, de modo que frases anteriormente ditas em separado como “eu quero fazer meu nariz” ou “eu quero fazer meu queixo” foram sendo substituídas pela frase “eu quero fazer a feminização [facial]”. Influenciadas por esta tecnologia e sua disponibilidade no mercado cosmético-cirúrgico brasileiro, uma concepção do rosto e sua feminilidade parecia estar migrando de uma imagem e intervenções que seriam feitas em caracteres específicos para uma nova concepção/ideia, talvez mais holística. Neste sentido, a palestra com a equipe da *Facial Team* inserida nas atividades oficiais do Miss T Brasil 2014 foi um momento extremamente pedagógico que tanto oferecia tal serviço às candidatas como as ajudava a forjar esta nova concepção de um feminino através do rosto. Aliada à exibição de muitas imagens de antes e depois de pacientes e vídeos com imagens em 3D ressaltando todas os aspectos das técnicas e tecnologia utilizadas (Figuras 53 e 54), a ideia de um médico especialista analisando aquele rosto para torná-lo feminino era bastante apreciada, até porque logo no início de tal palestra o cirurgião responsável por ela frisou que:



Esse primeiro slide não é só uma apresentação, ele tem uma coisa muito importante que são essas duas palavrinhas aqui: é um guia para as pacientes. Então a palestra de hoje ela não é uma palestra pra mostrar quem somos necessariamente, para vocês operarem necessariamente com a gente. Não. Eu quis trazer pra vocês o que há de melhor em cirurgia de feminização facial no mundo, tá? Então, assim, para vocês terem essa informação. Não fiquem sem essa informação e... soltas assim, à mercê de qualquer cirurgião que diz que faz feminização e na verdade não faz. Hoje vocês vão ter esse embasamento inclusive pra poder discutir: “Mas que técnica que o senhor usa? Por onde que você acessa? Quem faz transplante de cabelo? O senhor só raspa ou faz osteotomia?”, todo um sistema que vocês vão se habituar, tá? E vai ser importante pra vocês não só terem o conhecimento para vocês, mas também transmitir esse conhecimento pra frente, adiante, pra pessoas que não estão hoje aqui e também precisam dessa informação tanto quanto vocês, tá bom? (PALESTRA FACIAL TEAM, MISS T BRASIL 2014).

Assim como os demais momentos pedagógicos do Miss T Brasil em direção à construção desta corporalidade travesti/transsexual bela, esta palestra discutiu diversas ideias que as tornariam detentoras de tais conhecimentos como também ofereciam seus serviços e incutiam o desejo de se passar por este procedimento para a conquista da almejada feminilidade e um “passar por” mulher no cotidiano. No caso de pessoas trans, este “passar por” poderia ser efetivado de acordo com diversos sentidos, como uma forma de se proteger da violência (Duque, 2013) ou como um “direito à indiferença” (Almeida, 2012) na vida pública cotidiana<sup>88</sup>.

O peso de se estar constantemente em foco em público, geralmente sob julgamento negativo, é o que se deseja evitar, pois o fato de se ser uma pessoa trans pode ser positivado em outros âmbitos da vida, mas talvez não na rua, na farmácia, no

---

<sup>88</sup> Ainda que sentidos relacionados à uma espécie de jogo erótico de visibilidade/conhecimento possível de estar contido neste “passar por”, Tiago Duque (2013) afirma que “passar por, ou o não passar por, conforme os contextos de interação, é uma possibilidade de conquistar menor exposição a situações de não violência e também uma forma de galgar reconhecimento a despeito da posição de classe” (p.180), no qual um regime que este autor identifica como de visibilidade/reconhecimento moldará um processo em que: “[...] tanto quando se quer tornar-se passável, como quando se deseja não passar por, busca-se evitar a mesma ameaça social: a abjeção como alvo da violência. Afinal, seja via a passabilidade seja via a não passabilidade, o reconhecimento estará dado sempre como uma das alternativas contra as experiências de rechaço, discriminação e violência. Aproximar-se dos normais, isto é, daqueles mais inteligíveis – ser identificado como um homem e uma mulher de “verdade”, em termos também de classe, raça/cor e idade mais privilegiados – é uma forma de se proteger, mas diferenciar-se dos normais e dos tidos com experiências mais coerentes com as convenções hegemônicas, inclusive alçando a categoria de corajosamente diferente, é outra forma de fazê-lo. Tanto uma como a outra estão mutuamente se constituindo enquanto possibilidades de sobrevivência viável em um contexto ainda pouco acolhedor das diferenças mais ininteligíveis em termos não só de gênero e sexualidade, como também em relação a outros marcadores sociais da diferença (Duque, 2013, p.186-187).

supermercado, etc. É neste sentido que vai a justificativa da clínica *Facial Team*<sup>89</sup> acerca da importância da cirurgia de feminização facial:

Porque (sic) realizar a Feminização Facial?

A Cirurgia de Feminização Facial está crescendo principalmente entre as mulheres transsexuais (sic). Psicologicamente pode ser mais importante do que a redesignação de sexo ou gênero, pois ajuda a integração social como um indivíduo do sexo feminino. O rosto nos dá a primeira impressão visual e nos permite de forma rápida atribuir diretamente o sexo da pessoa que você está olhando. Enquanto outras partes de nosso corpo podem ser escondidas, camufladas ou exageradas para parecer mais femininas, é bastante difícil criar um aspecto facial feminino sem a Cirurgia de Feminização Facial. Por esse motivo a pessoa que está em transição de masculino para feminino pode se beneficiar dessa cirurgia para transformar seu rosto e ajudar em sua interação social. A Cirurgia de Feminização Facial nos permite atingir mudanças significativas no rosto e esqueleto facial (*FACIAL TEAM*, 2014).

A cirurgia de feminização facial viria, então, como a conquista definitiva e encarnada no corpo de uma feminilidade em uma identificação social imediata. Podemos também conceber este processo de “passar por” como uma forma de encobrimento e transformação de um estigma em seu contrário. Erving Goffman (2004) analisou este processo de estigmatização como a estereotipação de toda a vida e corpo daquele de algum modo marcado por algo identificado como um estigma a tal marca. A pessoa e todos os âmbitos de sua vida passam a ser reduzidos a seu estigma, tornando-a assim uma “estigmatizada”. Nesta construção de uma noção e experimentação de um estigma, Goffman menciona diversos exemplos que têm o rosto como alvo imediato e talvez principal local da identificação daquela pessoa como de algum modo desviante ou portadora de estigma.

Este autor afirma que este estigma nitidamente visualizado geralmente será manipulado por aquele que o porta, seja de forma direta na tentativa de escondê-lo ou corrigi-lo, seja indiretamente ao se desenvolver outras áreas da vida do sujeito que de alguma forma compensará aquele “defeito” ou estigma. Ele postula ainda que, principalmente aquela manipulação direta, pode levar a um processo de vitimização, no qual o estigmatizado se colocará vulnerável frente a profissionais que oferecem uma série de tratamentos e intervenções visando a correção daquilo que tanto lhe causa dor por ser

---

<sup>89</sup> Esta é uma das clínicas mais conhecidas na realização deste conjunto de procedimentos que consistem na chamada Feminização Facial e a menciono por ter estado presente no meu campo como uma das patrocinadoras do Miss T Brasil nos anos de 2012, 2013 e 2014. Ressalto que há outras clínicas no Brasil, incluindo uma em especial que utiliza este mesmo texto presente no site da *Facial Team* na justificativa que faz para a apresentação de seus serviços de cirurgia estética.

objeto de identificação social como algo moralmente considerado “defeituoso”, “anormal”, etc.

No caso aqui analisado da popularidade das cirurgias de feminização facial para travestis e transexuais, o que Goffman chama de “informação social” é bastante relevante, pois a informação da condição de que se trata de uma pessoa trans será a chave através da qual pessoas cisgênero identificarão tal sujeito e reduzirão sua identidade a esta condição ainda estigmatizada. Em boa parte das vezes, isso implica a redução da pessoa portadora de um estigma ao estigma em si e sua colocação em um lugar inferior àquele não identificado com tal marca. Como também é destacado por Goffman, mesmo que tal traço não seja de imediato identificado ou não se trate de uma pessoa trans, a presença de outras assim identificadas “pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (Goffman, 2004, p.43).

Neste processo de identificação e estigmatização, o par visibilidade e encobrimento (que poderiam levar ao reconhecimento de sua legitimidade social, segundo concepção de Tiago Duque, 2013) atua como um jogo no qual a pessoa procurará encobrir seu estigma, tornando-se visível para outrem de uma forma que este seu estigma não ganhe prioridade na cena e ela seja identificada segundo a apresentação que gostaria de fazer de si. Goffman afirma que isto pode ser bastante difícil, pois nossas relações cotidianas são mais estreitas do que apenas contatos visuais e breves encontros em locais públicos. Porém, aqui me detenho neste último ponto por ser elemento chave no desejo e justificativa de realização da cirurgia de feminização facial.

Esconder daqueles com quem se relaciona, ou encobrir segundo termos de Erving Goffman (2004), que se é uma pessoa trans parece ser tarefa quase impossível como também não necessariamente desejada. O desejo parece ser mais o de não se tornar visível desta forma no espaço público, pois é ali que estranhos podem identificar esta condição, marcá-la moralmente como um estigma e conseqüentemente se sentirem autorizados a discriminarem ou mesmo violentarem tal pessoa. Este modo não estigmatizado de ser visto em público foi reafirmado nesta palestra com a equipe da *Facil Team* ao reiterar o que constituiria a feminilidade e como poderia ser conquistada ou melhorada, embasando-a segundo os saberes biomédicos que encarnavam ali:

Então quando a gente olha o rosto, que que identifica esse rosto como feminino, como masculino? Parece uma coisa um pouco vaga, um pouco subjetiva. Então pra facilitar a gente dividiu em três aspectos aqui: [...] Então aspectos primários, secundários e terciários que eu vou falar. Os primários são os aspectos estruturais, né, que eles vêm de acordo com o desenvolvimento de

cada pessoa, principalmente por ação hormonal na época da adolescência, da puberdade. Aspectos secundários é o cabelo, a distribuição de gordura, a textura da pele e durante essa semana a gente discutiu aspectos terciários, que é o que muitas de vocês já sabem, que é maquiagem, postura, forma de falar, de se impor, né, de maneira mais suave e feminina. Importante dizer que esses três aspectos eles são pilares. São três pilares pra você ter um resultado completo. Não adianta só fazer a cirurgia se os outros dois aspectos também não tiverem perfeitos. Não adianta você fazer uma boa maquiagem, tomar um bom hormônio, mas se você tiver uma estrutura óssea que teve uma ação da testosterona e precisa ser operada. Então as estruturas ósseas elas são modificadas de acordo com, fazendo a cirurgia (PALESTRA FACIAL TEAM, MISS T BRASIL 2014).

Este sistema que procuraria alinhar os aspectos primários (nomeados estruturais, como o sistema ósseo), secundários (de cunho mais endocrinológicos) e terciários (tidos como comportamentais e sociais) na composição desta feminilidade para travestis e transexuais visaria a alcançar uma perfeição das formas, o que garantiria expressões como aquelas que as candidatas dirigiram às imagens de antes e depois exibidas pela equipe *Facial Team* durante a palestra de 2013: “Gente, ficou belíssima!”; “Pode fazer na minha cara”; “Acho que ela ficou mais bonita. Olha lá!”; O nariz ela fez também, né? Tá perfeito!”; “Ah, mas ela já era bonita. Ficou mais ainda”.

Sendo especialistas nos aspectos primários, a equipe *Facial Team* versou bastante sobre o que realizavam para modificar a estrutura óssea da face visando sua feminização, com destaque para as intervenções feitas na parte da mandíbula, conforme mencionado no início desta seção, e da testa:

Então quatro aspectos da testa chamam mais a atenção. Pra gente ter experiência a gente bate o olho e já percebe esses aspectos. Eu vou falar pra vocês e durante essa palestra muitas fotos vão ser mostradas. No final da palestra vocês mesmo vão identificar, seja na foto, seja em alguma conhecida, aspectos que vocês identificam como “grosseiros”, “aspectos fortes” que chamam muito a atenção, às vezes até trazendo um aspecto mais masculino. Isso principalmente na testa é essa região aqui do olhar, tá? Então eu falei que são quatro aspectos: aqui a testa; essa região do osso muito forte, têm muitas meninas que têm dificuldade em fazer maquiagem porque o olho tá muito lá no fundo e não consegue fazer a maquiagem nessa região, tá. Geralmente a órbita ela é mais fechada no homem do que na mulher, então a mulher tem o olho mais aberto, mais claro, mais leve, né? E muitas também têm essas duas listas aqui, que também trazem um aspecto muito anguloso pra testa que também dá pra considerar pra cirurgia, né?

Candidata: É como se fosse uma saliência, né?

Isso, duas saliências. Então essa próxima [gritos de espanto ao se mostrar a imagem do antes e depois da paciente] só operou a testa, tá? Ela não fez mais nenhuma outra cirurgia. Você vê que a proporção do rosto muda, parece que ela fez mais coisa.

Candidata: Até o nariz dela mudou.

Levanta a sobrancelha, abre o olhar, deixa o olho sem ficar tão profundo. (PALESTRA FACIAL TEAM, MISS T BRASIL 2014).

Esta concepção da testa como central na identificação do gênero vai ao encontro da afirmação feita na referida palestra desta mesma equipe, no ano de 2012, de que o gênero estaria visível na estrutura óssea da cavidade ocular, parte do que é chamado de testa. A testa desempenharia papel tão central que mesmo partes faciais muitas vezes não relacionadas diretamente à testa são concebidas como diretamente influenciadas por ela, como as chamadas maçãs do rosto, alvo de preenchimento com silicone por muitas travestis e transexuais visando projetá-las de uma forma concebida como feminina: “[...] muitas vezes a percepção de que a maçã do rosto tá muito pra trás na verdade é uma percepção enganosa, né? Por quê? Na verdade é a testa que tá muito pra frente. Uma vez que você opera a testa é como se você projetasse as maçãs do rosto” (*Facial Team no Miss T Brasil, 2014*).

A conquista da feminilidade para travestis e transexuais tem um grande peso em sua identificação social mediata, além do quanto esta identificação pública pode dar suporte pessoal para que esta feminilidade, que é corroborada socialmente, também possa ser performativamente reconhecida como algo pessoal e subjetivo, como aquilo que se é. Neste sentido, a feminilidade facial conquistada pela cirurgia de feminização poderá cumprir objetivos pessoais, como o de se sentir mais feminina, mais bonita, entre outros. Porém, destaco a função social de encobrimento de um estigma denunciado pela identificação de traços masculinos em uma apresentação de si feminina, pois esta é a justificativa utilizada por diversas outras clínicas para a realização de tal procedimento, como também é o ponto ressaltado em diversas narrativas de travestis e mulheres transexuais quando afirmam que o que desejam é andar tranquilamente nas ruas sem ser a todo momento identificada – e logo julgada moralmente de forma negativa – como uma pessoa trans. Não ser identificada de imediato como uma travesti ou mulher transexual está estreitamente relacionado a ser identificada positivamente de acordo com o gênero feminino agora conquistado. Como afirmado por uma das candidatas da edição de 2013 do Miss T Brasil, ao ser perguntada sobre seu interesse em participar de tal concurso de beleza,

Meu interesse inicial foi bastante egocêntrico – eu queria ter minha beleza avaliada. A pessoa trans, quando define sua transição como terminada, adquire uma curiosidade por sua aparência e pela opinião dos outros sobre a mesma de uma forma que uma pessoa cis nunca entenderia, tendo esta sido, digamos, ‘o que queria’ desde o nascimento. Tem toda uma questão aprovação externa de sua nova identidade social (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Destaco que, à época da edição de 2013 do Miss T Brasil, esta candidata tinha passado fazia pouco tempo pela cirurgia de feminização facial, de modo que esta aprovação externa a que tal candidata se refere não diz exatamente da aprovação de si perante seu círculo de relações, mas sim da aprovação do sucesso de sua transição de gênero, ou seja, da não identificação dos traços masculinos que se pretende apagar/afastar na cirurgia de feminização facial. A opinião sobre si que ela desejava que estranhos dissessem se relacionava à construção de sua visibilidade feminina pública e afastamento de traços socialmente identificados como masculinos. O rosto feminino alinhado àquela feminilidade expressa corporalmente por aquela pessoa trans a inscreve em um outro lugar, talvez mais legítimo socialmente e, por isso, também mais legítimo para si<sup>90</sup>.

A beleza construída juntamente com –e muitas vezes vezes sobreposta a – esta feminilidade parece ser daquele tipo identificado por Edmonds (2010) como sendo “*harmony and regularity. Approximating norms of proportion, beauty paradoxically also transcends them, becoming anything but normal. Beauty is radiant – it literally draws the eye to it – while normality is inconspicuous*” (Edmonds, 2010, p.147). A beleza então construída via cirurgias plásticas ou qualquer outro meio é aquilo que será raro no cotidiano e, como Alexander Edmonds (2010) destaca, legitima este “novo” feminino socialmente. Não há como não olhar para esta face, reconhecer sua feminilidade e, na maioria dos casos, sua beleza e não realocar aquela figura geralmente tida como marginal no imaginário social em uma outra construção, mais próxima de uma humanidade e legitimidade.

Paradoxalmente, este “*anything but normal*” da beleza também exige a construção fictícia de sua suposta naturalidade: o harmônico e proporcional é tido como belo, ainda que tenha sido construído via cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, uso de cosméticos variados, entre muitas outras intervenções possíveis. Isto foi corroborado nesta palestra quando, ao falar sobre a reconstrução da linha do cabelo, uma das formas de se feminizar a testa, o cirurgião afirmou que: “tá vendo que a gente faz essa linha meio em ziguezigue? Na verdade acompanha a própria linha do cabelo pra deixar natural. E assim que é a linha do cabelo dela, então aqui é feita a incisão [...] Se a gente fizesse

---

<sup>90</sup> Como reitera Goffman, “é através de nossa visão que o estigma dos outros se torna evidente com maior frequência, talvez o termo visibilidade não crie muita distorção. Na verdade, o termo mais geral ‘perceptibilidade’ seria mais preciso, e ‘evidenciabilidade’ mais preciso ainda” (Goffman, 2004, p.44).

retinho ia ficar muito artificial. Você poderia identificar não pela qualidade da cicatriz, mas pelo... é muito perfeitinho, né?”

O artificial aqui também pode relacionar-se ao excesso – e que neste caso específico remete-se à figura das travestis com excesso de silicone pelo corpo, bastante em voga em décadas passadas, ao passo que o natural é o comedido, o não excessivo. A cirurgia de feminização facial ao apregoar a proporcionalidade do rosto constitui-se como o oposto de um excesso de modificações feitas sem a preocupação com o todo daquele rosto ou realizadas em quantidade também considerada excessiva:

A gente geralmente mexe no nariz que já foi operado quando existe realmente um problema. Se é um nariz bonito, se é um nariz que não tem um problema respiratório a gente evita de mexer. Questões estéticas, cada vez que opera, a tendência é que o nariz fique cada vez menor. Como aconteceu o caso mais famoso do Michael Jackson. A primeira cirurgia que foi feita nele foi super bem feita, só que o problema foi que ele não ficou satisfeito e procurou sempre um cirurgião e cada vez que vocês procurarem, vocês vão encontrar alguém que vai se comprometer a fazer. Por questões financeiras ainda mais o Michael Jackson<sup>91</sup> (PALESTRA FACIAL TEAM, MISS T BRASIL 2014).

Neste processo de se buscar um comedimento na realização das intervenções cirúrgicas e uma harmonia das formas, a cicatriz representa uma questão fundamental. Como já postulava Sander Gilman (1999) – e Edmonds, através de uma expressão que se tornou título de um de seus textos, *Almost invisible scars* (2011) – em cirurgias plásticas que se pretendem “naturais” é crucial que cicatrizes não sejam aparentes. Instaura-se aqui novo jogo entre visibilidade/reconhecimento, no qual a não-visibilidade da cicatriz garantiria o reconhecimento da suposta naturalidade das formas femininas conquistadas na cirurgia de feminização facial, em especial com relação à manipulação do osso da testa, que é feito em incisão realizada no topo da cabeça (conforme Figura 53) e a retirada do Pomo de Adão:

A traqueia é mais importante de pensar nessa técnica porque a gente não vai fazer um corte diretamente em cima do pomo. Você troca uma proeminência de cartilagem por um corte, corta um estigma, que é natural, que é da própria pessoa, por outro, por um estigma cirúrgico. A pessoa vai identificar da mesma maneira. De que maneira a gente faz? A gente faz um corte mais próximo do queixo possível. Geralmente localizado aqui [indica a junção entre cabeça e pescoço], a gente não consegue fazer claro invisível, mas a gente faz bem na transição que a pessoa de frente não consegue ver nada. Fica embaixo. E a gente usa uma serra diamantada pra poder cortar a cartilagem (PALESTRA FACIAL TEAM, MISS T BRASIL 2014).

---

<sup>91</sup> Sobre as cirurgias no nariz, uma candidata do ano de 2012 havia afirmado que não queria “mexer muito” no seu nariz, pois, segundo ela, um nariz “muito feito” não é feminino, já que demonstra sua não naturalidade.

Algumas candidatas demonstravam apropriação do saber biomédico sobre os procedimentos realizados, de modo que absorviam certa nomenclatura médica e falavam com bastante desenvoltura sobre tais temas, desde simples menções sobre o que havia sido realizado em seus corpos, até descrições mais próximas de um discurso especializado, como demonstraram as seguintes candidatas: “Tem pessoas que são mais fáceis dar queleide, né?”; “E a sobrancelha daquela... redirecionar a sobrancelha. Igual eu já vi muitas técnicas, mas eu sempre vejo com a cicatriz”; “Não precisa nem tirar [pelos, para implante capilar] daqui de baixo então, que nem uns cirurgiões fazem?”; “No caso, vocês implantam o bulbo, depois ele cresce, é isso?”; “Mas a de vocês é como? Porque tem gente que corta aqui, tem gente que faz por dentro...”.

Acredito que elas tanto tomam para si tal discurso científico por este ser passível de ser inserido naqueles saberes construídos, vivenciados e partilhados em seu cotidiano na construção de seu feminino, como também pela cirurgia talvez dotá-las de determinado capital simbólico<sup>92</sup>. O acesso à tecnologias tidas como as mais avançadas e a inscrição deste feminino de forma tão “definitiva”, sem cicatrizes aparentes e com resultados considerados muito satisfatórios, tornam quem passa por tais procedimentos uma espécie de embaixadora informal deste tipo de modificação corporal e, quiçá, de algo da ordem do feminino e do belo. Passar pela cirurgia de feminização facial proporciona o desejado “passar por” mulher cisgênero no cotidiano e a inserção em um mercado de bens e consumo muito próximo de um mercado de luxo mais convencional<sup>93</sup>.

O Brasil é conhecido mundialmente como um importante destino para realização de cirurgias plásticas (Edmonds, 2011) e, principalmente se comparado aos valores cobrados em países do hemisfério norte, uma cirurgia no país é muito mais barata e com o mesmo grau de sucesso, eficiência e tecnologia dos grandes centros mundiais. Processo análogo acontece com países como a Tailândia (Aizura, 2010), que conjuga uma moeda desvalorizada frente ao dólar e o euro, por exemplo, com profissionais de excelência na

---

<sup>92</sup> Sobre apropriação de discursos científicos acerca do corpo, ver Laura Deppe (2001) e Luc Boltanski (2004). Boltanski se detém especialmente sobre a apropriação de discursos médicos, tidos como das camadas médias, por camadas populares.

<sup>93</sup> Raweyn Connel caracteriza o processo de um “turismo cirúrgico” para transexuais e mulheres cisgênero como restrito (e restritivo) a quem pode pagar por ele ao mesmo tempo em que não há maiores regulações de tais cirurgias neste mercado global ou transnacional, tornando-o mais acessível a qualquer uma que tenha como pagá-lo (2012).



realização de uma série de procedimentos relativos à passagem corporal do masculino para o feminino e vice-versa, em especial a cirurgia de transgenitalização.

Há aqui um forte corte de classe imbricado em uma lógica que, como Edmonds (2010) afirma ao refletir sobre cirurgias plásticas que visam a um embranquecimento do corpo, “*have now been transformed from a project of social hygiene into a private practice aiming at happiness and self-improvement*” (2010, p.148). O discurso em torno da autoestima é também bastante recorrente neste campo de cirurgias plásticas de um modo geral. Localiza-se no sujeito a responsabilidade sobre sua “melhora” frente um mundo que sempre pode apontar suas falhas (e criar novas), incompletudes ou mesmo faltas, para utilizar um jargão de um discurso psicológico mais tradicional. Credita-se a este discurso psicológico – e insisto que este é um dos diversos discursos e práticas psicológicas possíveis – esta melhora ou aprimoramento na forma como cada um se concebe. “Melhorar” é um termo e noção também comumente presente no campo das cirurgias plásticas, como na anedota contada por Edmonds de um cirurgião que brincava, perguntando: “*What’s is the difference between a psychoanalyst and a plastic surgeon? The psychoanalyst knows everything but changes nothing. The plastic surgeon knows nothing but changes everything*” (Edmonds, 2010, p.76). Também se manifestava no discurso de uma candidata que abertamente via seu processo de encarnar um feminino como uma melhora de si: “Então, amiga, eu já venho melhorando gradualmente, né? Porque eu sou trans há pouco tempo. Tem um ano e... pouco mais de um ano e meio. [...] Então, assim eu já venho melhorando de lá independente do concurso. E, assim, esse é o momento que eu tô achando que eu tô mais bonita”.

Ao contrário da cirurgia de transgenitalização que muitas não sabem se desejam realizar ou não, a cirurgia de feminização facial parecia ser consensual entre as candidatas do concurso de beleza Miss T Brasil. Afirimo que a conquista da visibilidade feminina propiciada por tal intervenção pode ser lida no contexto do desejo de “passar por”, conforme trabalhado por Sander Gilman (1999) e Tiago Duque (2013). “Passar por” mulher no cotidiano público tanto encobre um estigma, como talvez seja o âmbito mais visível e identificável de um processo de “purificação”, para utilizar o termo com que Carvalho (2011) se refere à construção de identidades políticas morais, daquele rosto inicialmente identificado como masculino. Ao invés da construção de um sujeito ou identidade política como identificado por Mário Carvalho, no cotidiano corriqueiro do

espaço público e perante o olhar de estranhos, constrói-se e valida-se um sujeito feminino geralmente baseado em seus traços faciais.

Deste modo se faz pertinente as já referidas palavras do médico da *Facial Team*, para quem o “o gênero está no olhar”. Segundo ele o gênero se encontra na estrutura formada pela órbita ocular e sobrancelhas. Porém talvez possamos deslocar tal ideia e afirmar que o gênero tanto está no olhar de estranhos, que identificarão determinada pessoa como masculina ou feminina, como no olhar de muitas travestis e transexuais que buscam, no olhar de aprovação ou de indiferença dos outros, o reconhecimento de sua feminilidade.

### 3.2.2 A cirurgia de transgenitalização como possibilidade

Diário de campo, Miss T Brasil

Em uma das edições do Miss T Brasil, estava entre um grupo que conversava animadamente sobre beleza e concursos de beleza no quarto de uma das participantes:

- Você tá sem maquiagem, né?
- Eu só passei um pó [risos de todas].
- Só um pó... [risos]. Ai, eu não sou obrigada a ouvir, mas tudo bem [Risos e comentários diversos]
- E um gloss, né?
- E um gloss incolor, incolor ainda [risos].

Estes eram tópicos recorrentes e naquele momento de descontração uma das meninas contou uma história vivida por uma amiga. Certa vez, participando de um concurso de beleza no exterior, esta amiga havia presenciado um escândalo nos bastidores de tal concurso, feito por uma candidata que não se conformava por ter ficado fora do Top 10 ou Top 15, a que relatava não se lembrava. O fato era que ao ser anunciada a seleção das finalistas e ela não ter sido contemplada, gritou nos bastidores para todos ouvirem, incluindo pessoal da equipe e organização, que aquele concurso não sabia o que

era beleza, pois ela era muito mais feminina do que candidatas escolhidas para o Top e que isso era injusto!

As meninas ali presentes não se chocaram com a cena relatada, pois isso poderia acontecer em qualquer concurso de beleza, principalmente vindo daquelas que investiram muita expectativa e dinheiro para a participação no certame. Mais interessante que a cena relatada foi a explicação dada: a candidata que fez o escândalo era uma “operada” [segundo categoria nativa], que havia feito a cirurgia de transgenitalização há vários anos atrás, de modo que, por ser bastante feminina, “passava batido como mulher”. Ela efetivamente “vivia como mulher”, sem que muitas pessoas de seu cotidiano soubessem que se tratava de uma pessoa trans. Dizia-se que de fato ela havia “surtado” não por estar fora do concurso, mas porque havia se exposto em um concurso de beleza que divulgaria sua imagem associada à transgeneridade.

“Babado!”, disse uma das presentes, seguida por outra que afirmou: “é por isso que eu não quero me operar, tenho medo de depois ficar louca!”. “Essas bichas quando operam ficam tudo louca, essas operadas são todas loucas!”, complementou outra que também participava deste momento. Fiquei bastante curioso com essa associação entre a cirurgia de transgenitalização e loucura e disse que não havia entendido muito bem o que chamavam de “operada louca”, quando aquela que mais explicitamente usou esta expressão me disse: “Essas meninas acham que operar vai resolver toda a vida e não vai. Acham que operando todo mundo vai aceitar como mulher, vai tratar como mulher e não vai. É mentira. Além de que as operadas não vão gozar mais e isso enlouquece. A única operada que conheço que não ficou louca foi a Leonora, que você conheceu, porque é operada, mas é travesti, ela operou, mas não perdeu aquele jeito de travesti”.

Conversas sobre candidatas “operadas” e sobre o desejo ou não de realizar a cirurgia de transgenitalização aconteciam algumas vezes no contexto do Miss T Brasil. Algumas diziam querer realizar tal cirurgia, outras não. E me pareceu que a realização da cirurgia não aparecia como definidora do que seria uma transexual em contraposição ao que seria uma travesti. A cirurgia de transgenitalização era algo que poderiam desejar fazer: “Ah não [quero], mas se um dia eu quiser fazer eu faço”.

Se as cirurgias mencionadas nas seções anteriores, como a de feminização facial e a colocação de próteses de silicone (nos seios, nádegas, etc), são efetivamente levadas à cabo pelas travestis e transexuais que se pretendem misses ou rainhas da beleza e altamente desejadas pelas candidatas do Miss T Brasil, a cirurgia de transgenitalização não possui o mesmo status<sup>94</sup>. Concebida mais como uma possibilidade do que um efetivo anseio em suas vidas, a popularmente chamada “mudança de sexo” era vista quase de uma forma contraditória, ora despertava a expectativa de uma total mudança de gênero, ora o receio de não se sentirems mais plenamente realizadas sexualmente, maximizado aqui na figura da “operada louca”.

O medo de enlouquecer, também mencionado por Marcia Ochoa (2014) em sua etnografia junto a *transformistas* venezuelanas, parece significar duas coisas distintas, porém complementares: De um lado, o medo de não atingir mais o orgasmo na relação sexual, algo mais objetivo. De outro, o medo de algum tipo de desorganização de si que poderia surgir, tanto por uma falta do orgasmo e algo nomeado como “sensibilidade”, como pelo desconhecimento da nova configuração daquele corpo, lembrando aqui o quanto o sexo e a genitalidade são tidos como centrais nos modos e processos de subjetivação presentes nas sociedades ocidentais modernas (Navarro-Swain, 2006). Todas as expectativas que pudessem ter com relação à feminilidade conquistada via cirurgia de transgenitalização poderia levar a uma espécie de enlouquecimento definitivo inscrito no novo modo de ser deste corpo generificado.

O exemplo de Lea T na abertura deste tópico ilustra esta frustração, apesar dela não ser reconhecida como “louca”. Para ela, a desejada e socialmente legitimada feminilidade não veio com a conquista de uma vagina, de modo que ela então precisa se reorganizar para conviver com suas expectativas e aquelas do meio social. E qualquer descompasso neste processo pode ser visto como “loucura”, a qual, em alguns casos, pode atingir níveis realmente tidos como patológicos<sup>95</sup>. Neste sentido, aquela que não

---

<sup>94</sup> Fato que também justifica meu maior investimento analítico nas cirurgias de feminização facial do que na de transgenitalização.

<sup>95</sup> Ressalto aqui que há um movimento internacional em favor da despatologização das identidades trans (Stop Trans Pathologization, 2016; Bento e Pelúcio, 2012), que apregoa a não necessidade das identidades trans serem patologizadas por categorias diagnósticas advindas do saber biomédico, em especial o de tipo psiquiátrico. Reivindica-se a legitimação de uma identidade trans auto-atribuída. Esse movimento, no Brasil, é reiterado pelo Conselho Federal de Psicologia. Apesar do CFP se colocar ao lado da despatologização das identidades trans, este órgão também afirma que um suporte tido como psicológico pode estar incluído no rol de cuidados a serem disponibilizados àqueles usuários de serviços que compõem o processo transexualizador que os demandam.

enlouqueceu foi a que passou pela transgenitalização, mas não perdeu seu “jeito de travesti”, ou seja, por não ter esperado ser uma nova pessoa após tal procedimento, conseguiu manter-se bem ou sã, ainda que fosse nomeada através de uma categoria não existente nos ditames do saber biomédico: a “travesti de buceta”.

A ideia daquela falta de sensibilidade ou prazer na relação sexual após a cirurgia de transgenitalização é afirmada por Ochoa (2014) como mais uma suposição daquelas “não operadas” do que efetiva falta de prazer daquelas que passaram por tal procedimento cirúrgico. Isto vai ao encontro da afirmação do médico cirurgião Eloísio Alexandro da Silva, apresentado por Arilha, Lapa e Pisaneschi (2010) como o “responsável pelo ambulatório de Cirurgia Reconstructora Genital do Serviço de Urologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto – RJ, coordenador do Grupo de Atenção Integral à Saúde Transexual” (2010, p.329), para quem a interpelação que constantemente lhe é feita por colegas diz respeito a “como é que faz, se goza, se tem sensibilidade, são perguntas da área da sexualidade do leigo” (2010, p.329).

Não pretendo aqui discutir aspectos mais diretamente relacionados à anatomia e técnicas das cirurgias, mas sim às imagens produzidas em torno da cirurgia de transgenitalização no Miss T Brasil, onde esta dúvida em relação ao prazer sexual apareceu fortemente, ora como uma preocupação real, ora como um estereótipo que qualificaria “operadas” e “não operadas” em seus prazeres. Interessante que, neste contexto, o foco recaía mais sobre prazeres do que na cirurgia de transgenitalização como definidora de uma identidade transexual em oposição à travesti, como grosseiramente pode ser concebido por práticas e saberes biomédicos (Leite Junior, 2008). Ainda que, por exemplo, a maioria das candidatas do ano de 2014 se afirmassem “transexuais” na sabatina realizada pela equipe de organização daquele ano, a diferenciação transexual *versus* travesti não parecia ser algo fundamental e o termo guarda-chuva “trans” era muito mais utilizado, bem como o entendimento de que todas seriam vistas pela sociedade como pessoas trans, independentemente da cirurgia.

Esta concepção se relaciona ao peso da identificação social na própria concepção de si e na forma como se afirmariam no cotidiano, a qual no contexto do concurso ganhava a especificidade de envolver pessoas socialmente consideradas belas e que muitas vezes “passavam por” mulheres cisgênero em interações sociais mais pontuais ou superficiais. Neste sentido, todas já seriam de antemão trans – e uma trans bonita – o que tanto parecia

abrir maior espaço para discussões sobre prazer como para deslocar a cirurgia de transgenitalização do aspecto definidor de sua identidade pessoal. É deste modo que afirmo que a cirurgia de transgenitalização era vista muito mais como uma possibilidade (e curiosidade) do que um desejo ou necessidade. Como sintetizou uma das candidatas, em conversa informal: “eu não quero operar, mas às vezes tenho vontade de fazer só pra saber como é que é”. À esta afirmação, ouviu como réplica de outra participante: “Você é louca, você tem é fissura por cirurgia”, o que parecia alocar a transgenitalização como apenas mais uma no rol das diferentes modificações corporais discutidas anteriormente. Desta forma, podia esta suscetível à uma lógica mercadológica de consumo (Aizura, 2009; Connel, 2012).

O fato de a cirurgia de transgenitalização poder ser capturada por tal lógica de consumo que a colocaria como mais um serviço a ser consumido – e em clínicas que ofereceriam serviços, estrutura e resultados tidos como de alto padrão e sem quase nenhum entrave burocrático (Connel, 2012) –, aliada às concepções e instituições biomédicas que a definem como o objetivo central e final de todo o processo transexualizador (Bento, 2006; Teixeira, 2009; Bento e Pelúcio, 2012), fazem com que a cirurgia de transgenitalização seja pautada por instituições diversas<sup>96</sup> como também em conversas informais como as que aconteceram nos bastidores do Miss T Brasil. E, como alerta Viviane Namaste (2005), faz-se mais necessário voltar-se para a forma como as instituições efetivamente organizam as vidas cotidianas de pessoas transgênero do que para a forma como suas identidades são construídas socialmente. Muito daquilo visto como uma concepção de si pode advir da forma como tais instituições irão conceber uma pessoa trans na materialidade de suas ideologias e dia a dia de suas práticas e serviços, ao contrário de protocolos e documentos vistos como mais abstratos.

Deste modo, tudo que é dito sobre o lugar da cirurgia de transgenitalização na vida e identidade de uma pessoa trans acaba por forjar a necessidade, ou ao menos a possibilidade, de realização desta cirurgia. Cabe ressaltar aqui que a “tradição” da figura da “travesti brasileira”, a dificuldade ou impossibilidade em acessar serviços de saúde que oferecerem a cirurgia de transgenitalização e a falta de informação sobre tal procedimento cirúrgico podem servir como um contra discurso ao discurso biomédico

---

<sup>96</sup> No Brasil, por exemplo, pelos protocolos e posicionamentos públicos do Conselho Federal de Medicina, Conselho Federal de Psicologia, Conselho Federal de Serviço Social, entre outros.

hegemônico que institucionaliza a transgenitalização como central e definidora das identidades trans.

Exemplo parecia ser a centralidade que as candidatas davam à modificação de seus nomes em seus documentos pessoais em detrimento da própria cirurgia de transgenitalização. Muito mais do que sobre a cirurgia, trocavam-se informações sobre a modificação de documentos. Uma candidata, por exemplo, disse que tentou três vezes e não conseguiu, quando outra disse que tem uma advogada que era “babado” e que era causa ganha na certa. O caminho aconselhado pela candidata era descobrir em que tribunais os casos ganhos por travestis e transexuais eram mais frequentes e “aí você vai com algum endereço dali e tenta em tal local. Você tem que procurar onde é mais fácil”. Esse tipo de circulação de informações não acontecia do mesmo acerca das cirurgias de transgenitalização, vistas como restritas aos poucos locais em que são realizadas no serviço público. Ou mencionava-se o nome de um ou outro cirurgião da rede privada. Porém, não havia nenhum tipo de estratégia a ser oferecida nestes casos, como aquela acerca da modificação do nome em documentos oficiais.

Ainda que a cirurgia de transgenitalização não fosse prioritária na vida das candidatas ao Miss T, este procedimento acabou ganhando destaque ao ser inserido no contexto de um concurso que tinha como patrocinador um serviço reconhecido internacionalmente por esse tipo de cirurgia. A segunda edição do Miss T Brasil contou com o patrocínio do tailandês *Kamol Cosmetic Hospital*, prestigiado serviço para procedimentos diversos relativos ao chamado processo transexualizador. Na edição de 2013, as candidatas que ficassem em primeiro, segundo e terceiro lugar ganhariam vouchers para serem utilizados nos procedimentos que desejassem na sede do hospital, na cidade de Bangkok. Este patrocínio foi desta forma anunciado por Majorie Marchi ao chamar ao palco uma representante deste hospital e a Sra. Aon Pansritum, esposa do cirurgião proprietário daquele hospital, Dr. Kamol Pansritum:

Agora talvez o que tenha sido pra mim um dos maiores motivos de orgulho desse ano: me chamou a atenção enquanto se estavam as meninas me procurando, histericamente pela rede social com a notícia: Majorie, o pessoal da *Kamol Cosmetic Hospital*, a maior clínica de tratamento de transexuais do mundo, que fica em Bangkok, na Tailândia, está no Facebook procurando a organizadora do Miss T Brasil porque a *Kamol Cosmetic Hospital* quer patrocinar o Miss T Brasil. Foi um momento único e que me deu a certeza de que nós precisamos inovar, precisamos testar novas metodologias e desengessar e desconstruir amarras que nos levam sempre a repetir as mesmas metodologias em busca da cidadania. Então é muito importante a iniciativa privada nacional, como bem foi citada aqui, estar presente no Miss T Brasil, mas poder anunciar a parceira da iniciativa privada internacional é um close.

Gente, Maria Tokar e a Sra Aon, esposa do Dr Kamol, que veio especialmente ao Brasil pro Miss T Brasil. Recebam com todo o carinho a equipe da *Kamol Cosmetic* [palmas]. Eu peço um pouquinho mais de salva de palmas pra premiação jamais vista que a *Kamol* [palmas] é obviamente que temos muita gente a agradecer, aonde todos são importantes [palmas] (MISS T BRASIL, 2013).

A presença do *Kamol Cosmetic Hospital*, “a maior clínica de tratamento de transexuais do mundo” com uma “premiação jamais vista” para o Miss T, nos moldes da grandiosidade e ineditismo que marcavam o discurso da política LGBT brasileira analisada por Sílvia Aguião (2014), era vista como grande legitimadora do Miss T Brasil e do sucesso alcançado por este concurso. Assim como o “selo” Rio Sem Homofobia/SUPERDir/SEASDH garantia certa legitimação do “Estado” – ou uma ideia de Estado (Mitchell, 2006) – ao Miss T Brasil, a iniciativa privada e selo *Kamol* também reiterava certa legitimidade do projeto Miss T junto aos serviços e práticas de saúde mais diretamente associadas às travestis e transexuais.

Não se pode negar que o *Kamol Cosmetic Hospital*, assim como qualquer outro patrocinador, também via o Miss T Brasil como um campo de oferta de seus serviços e legitimação das mesmas, já que associar sua imagem à destas belas travestis e transexuais não deixa de ser um grande lance em uma estratégia de visibilidade. Por um lado, o Miss T Brasil pretendia a visibilidade e legitimação que a marca internacional *Kamol Cosmetic Hospital* ali oferecia, ao passo que este também desejava a visibilidade e legitimação no Brasil, perante sua principal clientela.

Deste modo, além desta premiação, a equipe daquele hospital realizou uma grande roda de conversa com as candidatas dentro das atividades regulares do Miss T Brasil 2013 (Figura 55). Após o ensaio realizado na tarde do dia 20 de outubro de 2013, logo no início da noite, este encontro entra as participantes daquela edição e uma representante do *Kamol Cosmetic Hospital* teve lugar em um dos salões do hotel, mesmo espaço no qual elas ensaiavam as marcações do desfile e realizaram sessões oficiais de foto do concurso. A representante do *Kamol Cosmetic Hospital* falava português e estava acompanhada da Sra. Aon Pasritun, referida esposa do Dr Kamol. Como um dos patrocinadores do evento, o *Kamol* teve um espaço para apresentar seus serviços às candidatas e tirar possíveis dúvidas sobre os procedimentos que realizam, em especial a cirurgia de transgenitalização que foi o grande tema deste momento.





**Figura 56 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013 em palestra com representante do *Kamol Cosmetic Hospital*.  
Foto: Aureliano Lopes.**

A explanação da representante do *Kamol Cosmetic Hospital* foi iniciada com a explicação de como era a cirurgia, que durava de 4 a 5 horas e elas ficariam uma semana internada no *Kamol* e o total de um mês em Bangkok sem viajar para seus locais de origem. As candidatas estavam muito curiosas acerca da cirurgia e fizeram muitas perguntas, a maioria voltada para os resultados deste procedimento: como ficaria o aspecto estético da vagina, qual a profundidade que seria possível alcançar, qual a técnica utilizada, etc. A questão do orgasmo gerou uma série de perguntas, pois muitas estavam curiosas se conseguiriam atingi-lo após tal cirurgia. A representante do *Kamol* então explicou que na cirurgia as terminações nervosas são mantidas, principalmente as da glândula do pênis, e que estas são as grandes responsáveis pelo prazer sexual, já que o prazer é relacionado às sensações diretamente produzidas pelas terminações nervosas.

Muitas candidatas pareciam dominar aquele léxico, principalmente por conhecerem alguém que já tinha passado por tal procedimento. Parecia bastante comum

em determinadas redes de sociabilidade trans que as “operadas” exibissem os resultados de sua cirurgia e tirassem dúvidas de suas amigas ou colegas. Ali, porém, tais dúvidas poderiam ser diretamente endereçadas a uma profissional representante do saber biomédico. Era a oportunidade de perguntarem sobre o resultado estético: “Depois que fizer a cirurgia, se eu não falar pra ninguém que sou trans as pessoas vão saber [pela minha vagina]?” ou “O buraco fica dentro da conchinha ou é diferente?”; sobre a funcionalidade: “Vai ter lubrificação natural?” ou “A buceta aguenta sexo mais selvagem?”; além de sobre os já mencionados orgasmo e prazer sexual de modo geral. A discussão sobre anatomia e funcionalidade de uma vagina, que possivelmente muitas desconheciam, foi objeto de grande curiosidade e escrutínio. Vagina, aliás, foi o termo utilizado pela representante do *Kamol* e por mim na escrita deste trabalho, pois os termos utilizados pelas candidatas foram os mais variados, como “tcheça”, “perereca” e, a mais comum, “buceta”.

Informações práticas e burocráticas para a realização dos procedimentos também foram tema da conversa e dúvida das candidatas, como valores da cirurgia, documentos necessários para a viagem, necessidade de falar inglês ou de apresentação de laudo médico e como poderiam consegui-lo etc. Foi informado que é necessária a apresentação de um laudo médico (dito assim de forma vaga) e um ano de hormonização. Todos os outros documentos são providenciados pelo hospital na Tailândia. Dúvidas sobre se quem é mais velha e/ou é portadora do vírus HIV e/ou possui o chamado silicone industrial em algum local do corpo poderia fazer a cirurgia de transgenitalização também foram levantadas, sendo todas respondidas afirmativamente.

Após uma intensa conversa sobre a cirurgia de transgenitalização, uma candidata perguntou: “eu quero saber sobre a feminização facial, pois quero ficar belíssima. Quero fazer o rosto inteiro!”, trazendo à cena este procedimento tão desejado por muitas das candidatas. Algumas informações foram passadas acerca deste procedimento que eles também poderiam realizar no *Kamol Cosmetic Hospital*. A única cirurgia que disseram ainda não fazer é a retirada do chamado silicone líquido ou industrial, até porque afirmaram que seu uso não é comum no contexto do Sudeste Asiático e por isso esta técnica não foi desenvolvida por eles. No caso de pessoas que tenham colocado silicone líquido no quadril, por exemplo, e este acabou “descendo” para a região genital, aí sim seria feita uma raspagem deste silicone visando o total sucesso na cirurgia de

transgenitalização, o que seria diferente da retirada total do dito silicone líquido ou industrial.

Havia um desconhecimento muito grande sobre algumas questões mais anatomofisiológicas, principalmente sobre o corpo feminino. O principal exemplo desse tipo de inquietação surgiu quando uma candidata perguntou se continuariam ejaculando depois da cirurgia. Como resposta, disseram que teriam uma vagina assim como mulheres cisgênero, que não ejaculam como os homens cisgênero, mas que atingem o orgasmo. O orgasmo foi um tema que voltou várias vezes à conversa e elas receberam a informação de que após a cirurgia passariam a ter uma outra forma de sentir prazer, diferente do orgasmo que têm hoje com um pênis. O prazer precisaria então ser redescoberto, sobretudo através do próprio toque e masturbação, assim como faz uma criança quando começa a explorar eroticamente o próprio corpo, segundo alusão feita pela representante do *Kamol Cosmetic Hospital*. Neste sentido, afirmou que o prazer estaria muito mais na “cabeça” do que na genitália, de modo que elas poderiam então descobrir o que lhes daria prazer ao mesmo tempo em que a própria condição alcançada após a cirurgia também faria parte desta realização sexual e pessoal como “uma mulher”<sup>97</sup>.

Ao final desta roda de conversas, todas candidatas ganharam um bonito folheto de divulgação do *Kamol Cosmetic Hospital*, acompanhado de um pen drive com um vídeo promocional com diversas imagens da clínica e seus serviços e o seguinte texto narrado em português, que reproduzo em partes:

O que está por trás do sucesso das supermodels internacionais, estrelas, atores e atrizes, rainhas de beleza ou celebridades? Quem transforma seus sonhos em realidade? A resposta é *Kamol Cosmetic Hospital*. Bem-vindo ao *Kamol Cosmetic Hospital*, centro de cirurgia estética de nível internacional, em Bangkok, Tailândia. O hospital foi artisticamente projetado para nossas clientes, proporcionando a mais avançada tecnologia médica, acomodações elegantes, espaços públicos elegantemente projetados e arejados. Dr. Kamol Pansritum é um dos cirurgiões mais experientes e altamente qualificado especialmente em cirurgia facial e cirurgia de redesignação de sexo. [...] Nossa equipe é formada por cirurgiões plásticos profissionais, anestesistas, ginecologistas e vários especialistas. Eles trabalham como cirurgiões e artistas para tornar perfeito o seu rosto e seu corpo. [...] Temos orgulho de atendê-lo com os equipamentos médicos e tecnologias mais avançadas de nosso hospital recém construído, para garantir o máximo conforto. As instalações incluem quartos confortáveis, recepções elegantes, salas de operações de alta tecnologia e sala de recuperação. O Kamol Cosmetic Hospital é o primeiro e mais exclusivo centro médico dedicado à cirurgia plástica na Tailândia, que é credenciado pelo Ministério da Saúde. [...]. Os cuidados pós-operatórios é um dos serviços mais importantes e temos prazer em cuidar de nossas clientes até

---

<sup>97</sup> Aqui, mais uma vez aquele já mencionado sujeito psicológico era novamente reiterado através do corpo, já que o prazer sentido por este encontraria-se na verdade dicotomizado e “na cabeça”.

que se alcance um resultado completamente bem-sucedido. [...] Cirurgia facial. As proporções faciais consideradas bonitas pelo padrão universal são divididas em três partes iguais: parte superior, parte intermédia ou do meio, parte inferior. O rosto perfeito está em boas proporções, simetria e harmonia. *Ninguém é perfeito, por isso as pessoas podem mudar e fazer seu rosto e corpo de forma mais completa para alcançar seus sonhos.* [Descrição de procedimentos das cirurgias faciais e corporais] [...] Cirurgia de redesignação de sexo: cirurgia de redesignação de sexo de masculino para feminino, aumento de mama, cirurgia de redesignação de sexo, redução de pomo de adão, cirurgia de feminização facial, cirurgia de redesignação de sexo de feminino para masculino, metodioplastia, faloplastia, mastectomia. Histórias de sucesso. [...] Seu sonho se torna realidade e agora ter uma nova vida. (KAMOL COSMETIC HOSPITAL, 2013, grifos meus)

Como apregoado na descrição acima, “ninguém é perfeito, por isso as pessoas podem mudar e fazer seu rosto e corpo de forma mais completa para alcançar seus sonhos”, de modo que esta completude de si pode ser alcançada em clínicas como a *Kamol Cosmetic Hospital* ou qualquer serviço de saúde (Edmonds, 2010) que ofereça estas “cirurgias cósmicas”, segundo precisa nomeação de Taussig (2012). A descrição pormenorizada dos procedimentos realizados não deixa de constituir-se em fetichização da tecnologia aplicada à modificação dos corpos, os quais podem ser conformados da forma como os sujeitos os concebem. É a descrição de um sonho, seja este desde antes desejado ou cujo desejo é produzido no próprio ato de oferece-lo.)

Se em 2013 o valor máximo do voucher dado à primeira colocada foi de 200.000 Bahts (aproximadamente US\$6.000,00 à época), sendo que a segunda e terceira colocadas receberam, cada uma, metade deste valor; na edição de 2014 do Miss T Brasil, o *Kamol Cosmetic Hospital* presenteou a vencedora com um voucher de US\$15.000,00 (Figura 56), valor considerado bastante alto e que cobriria integralmente a cirurgia de transgenitalização a ser realizada em suas dependências. A cirurgia de transgenitalização aparecia aqui como o grande prêmio a ser conquistado no concurso, tendo muito mais valor do que uma coroa ou título de Miss. A cirurgia de transgenitalização apresentava-se, então, como um prêmio legitimado pelo saber biomédico, que a concebe como central nas identidades trans, e institucionalizado aqui pela presença do tailandês *Kamol Cosmetic Hospital*.

O Miss T Brasil acabou por projetar a Tailândia como o lugar onde ocorreria a legitimação política máxima de seu projeto, no palco do *Miss International Queen*. As possíveis diferenças no acesso a serviços de saúde e conformação social de uma identidade trans entre os dois países também estiveram presentes nos bastidores do

certame asiático quando as brasileiras premiadas no Miss T com uma viagem para a Tailândia foram ali inseridas, como será discutido no próximo capítulo.



Figura 57 - A vencedora do Miss T Brasil 2014 em pose com a premiação recebida do Kamol Cosmetic Hospital. Foto: Bianca Silva.

**PARTE II**

**ESPETÁCULO**

## 4 DISCURSO PÚBLICO, VISIBILIDADE POSITIVA

**Muito prazer, eu existo**  
Álvaro Socci e Cláudio Matta

Existem filhos que precisam mais carinho  
De mais cuidados e atenção especial  
E essas crianças quando muito bem amadas  
Só Deus quem sabe qual o seu potencial

Seus pais conhecem um segredo do universo  
Da harmonia na diversificação  
Amar alguém dito normal é muito fácil  
Longe da indiferença e discriminação

Me pergunto, se a tua indiferença é natural?  
Me pergunto, em que consiste ser normal?  
Me pergunto, qual o referencial?  
Por que todo mundo tem que ser igual?

Quem de nós é um ser humano exemplar?  
Quem de nós não tem espelho pra se olhar?  
Quem de nós é capaz de atirar  
A primeira pedra sem se machucar?

Alguns de nós julgam-se mais que todo mundo  
Como se o sol fosse escolher pra quem nascer  
Comparações são vaidosas ou amargas  
Tudo na vida tem uma razão de ser

Tem gente preconceituosa e arrogante  
E eu me preocupo com seu modo de pensar  
Como se Deus fosse algum ser inconsequente  
Que faz pessoas diferentes só pra olhar

Me pergunto, se a tua indiferença é natural?  
Me pergunto, em que consiste ser normal?  
Me pergunto, qual o referencial?  
Por que todo mundo tem que ser igual?

Quem de nós é um ser humano exemplar?  
Quem de nós não tem espelho pra se olhar?  
Quem de nós é capaz de atirar  
A primeira pedra sem se machucar?

Muito prazer, EU existo.



Figura 58 - Cartaz Entlaids 2009. Divulgação.

“Muito prazer, eu existo” foi o slogan escolhido para ser o mote e representar o 16º Encontro Nacional de Travestis e Transexuais/Entlaids organizado pela ASTRA-Rio na cidade do Rio de Janeiro em 2009 (Figura 57), o qual teve como pauta principal a



discussão sobre a regulamentação e utilização do nome social em documentos oficiais (Carvalho, 2015). Para Mário Carvalho, “condensado no próprio slogan do encontro, em seu principal ponto de pauta e na iconografia a ele vinculada, o reconhecimento social vem se configurando como a reivindicação central do movimento brasileiro de travestis e transexuais” (2015, p.16)<sup>98</sup>.

“Muito prazer, eu existo” também é o nome de uma canção lançada pela cantora e apresentadora Xuxa no ano de 1994. O videoclipe<sup>99</sup> de tal canção, veiculado no programa Xuxa Park que ela comandava na época, foi feito basicamente com imagens de Xuxa dublando os versos da música de forma um tanto quanto dramática. O cenário era composto por um palco ocupado apenas por ela e alguns efeitos de iluminação intercaladas com imagens de crianças correndo e brincando, individual ou coletivamente, apresentando algum tipo de deficiência ou não. Também vemos uma menina supostamente cega datilografando em uma máquina de escrever em Braille, outra menina que aparenta ter sua mobilidade reduzida caminhando por entre duas barras de apoio, algumas crianças classificadas com a chamada Síndrome de Down jogando capoeira ou um grupo um pouco mais velho se comunicando em Libras. Ao final do vídeo, pouco antes das duas estrofes do refrão serem repetidas por algumas vezes mais – “Me pergunto, se a tua indiferença é natural?/ Me pergunto, em que consiste ser normal? Me pergunto, qual o referencial?/ Por que todo mundo tem que ser igual?/ Quem de nós é um ser humano exemplar?/ Quem de nós não tem espelho pra se olhar?/ Quem de nós é capaz de atirar/ A primeira pedra sem se machucar?” (Socci e Matta, 1994) – uma criança com Síndrome de Down olha para a câmera e diz “Muito prazer, eu existo” e, na sequência, faz um movimento de reverência em frente a um grande espelho.

A letra da canção também foi declamada de forma dramática por Majorie Marchi logo após seu discurso de abertura na primeira edição do Miss T Brasil, em 2012, precedida da seguinte introdução à letra desta canção: “[Há] alguns meses começamos a reunir preciosas jóias que pudessem iluminar e abrihantiar uma missão tão árdua que é visibilizar nosso seguimento. E essa reflexão de Álvaro Socci e do Claudio Matta é muito importante pra que a gente consiga entender o sentido desse evento. E é mais ou menos assim...” (Miss T Brasil, 2012).

<sup>98</sup> Isto levou este pesquisador a também utilizá-lo como título de sua tese de doutorado que versa justamente sobre tais questões: “‘Muito prazer, eu existo’: visibilidade e reconhecimento no ativismo de travestis e transexuais” (Carvalho, 2015).

<sup>99</sup> Este vídeo pode ser encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=g3kdqFOeIGg>. Acesso em 17 out 2015.

Além do grande cartão de visitas e reconhecimento que parecia estar contido nos termos “Muito prazer, eu existo”, o “sentido desse evento” poderia também ser relacionado a diferentes versos da canção, como os que dizem que “Existem filhos que precisam mais carinho/ [...] E essas crianças quando muito bem amadas/ Só Deus quem sabe qual o seu potencial”, já que as candidatas ao título de Miss T Brasil, diferentes daquilo que a sociedade e sua imperativa norma binária de gênero postula e espera, podem então não ser vistas como “normais” pelo grande público. Porém, sugerindo que uma certa “diversificação” pessoal/subjetiva possa existir, e, portanto, essas pessoas vistas como “diversas”, “anormais” ou mesmo “abjetas”, para novamente usar as ideias de Butler (1993), possam ser inseridas dentro de certa “harmonia” de um convívio social, questiona-se: “[...] se a tua indiferença é natural?/ Me pergunto, em que consiste ser normal?/ Me pergunto, qual o referencial?/ Por que todo mundo tem que ser igual?”.

Ao mesmo tempo em que clama por certa igualdade na diversidade, a canção reitera que todos e todas nós teríamos nossas “falhas” e seríamos passíveis de julgamento e/ou discriminação por outrem, já que “Quem de nós é um ser humano exemplar?/ Quem de nós não tem espelho pra se olhar?/ Quem de nós é capaz de atirar/ A primeira pedra sem se machucar?”. Neste sentido, imersos na diversidade que nos cerca, “amar alguém dito normal é muito fácil”, de modo que “comparações são vaidosas ou amargas”, pois “tudo na vida tem uma razão de ser”. A ideia de um Criador é também mencionada para frisar ainda mais que todos e todas deveriam ser vistos como “normais” e respeitados, já que não haveria nenhum “Deus [...] inconsequente/ Que faz pessoas diferentes só pra olhar”. A diversidade (estendida para o caso aqui analisado, acerca da diversidade de gênero) existiria, ainda que “alguns de nós julgam-se mais que todo mundo/ Como se o sol fosse escolher pra quem nascer”.

Tecendo de forma conjunta ideias que vão do respeito a todos da forma como teriam sido “criados” a um certo tom que apregoa que um padrão de normalidade perpassa o todo social, “Muito prazer, eu existo” dotava o evento de um sentido político de afirmação de determinado coletivo e sua identidade. Assim como seria expresso no slogan da terceira edição do Miss T Brasil, em 2014, “Pelo direito de ser quem somos”, a ideia de um orgulho e afirmação de si da forma como se é, independente do modo como o imaginário social conceberia as figuras de travestis e transexuais, seria motivo de orgulho e celebração, de modo que a elas caberia a exteriorização/visibilização deste



#### 4.1 “Bela, fera”: a visibilidade positiva da “beleza feminina brasileira”

Ao som de “Bela, fera”<sup>100</sup>, canção de Pedro Luís cujos versos “Linda, doce, fera” dão título a esta tese, teve início no palco do Teatro João Caetano, em 2012, o espetáculo do Miss T Brasil, no qual neste número de abertura as candidatas desfilaram a coreografia ensaiada por Cláudia Celeste com o objetivo de visibilizar suas belezas, suas identidades e tudo aquilo que poderiam projetar como desejo ao se inscreverem e participarem deste concurso de beleza:

Bela, bela, bela  
Ela anda na rua  
Como quem passa na passarela  
O mundo é dela

Linda, doce fera  
Seu corpo provoca engarrafamento  
Mudança de vento  
Faz fila de espera

Demorou, perdeu a vez  
Vacilou, casa caiu  
A bela é carioca  
Mas é da cor do Brasil (bis)

Olha como é linda Iaiá  
Vem fazer denguinho ioiô  
Nem faz força para abalar  
Bobeou te chama de amor

Linda, doce, fera, andando na rua “como quem passa na passarela” com seus corpos que “provoca[m] engarrafamento, mudança de vento, faz fila de espera”, assim foi a entrada das candidatas em 2012 como também em 2013 e 2014, anos nos quais esta

---

<sup>100</sup> Esta música foi tema do seriado “As cariocas”, inspirado na obra de Stanislaw Ponte Preta, produzido e veiculado pela TV Globo no ano de 2010. Cada episódio possuía uma história independente que sempre se passava em determinado bairro da cidade do Rio de Janeiro, o qual também caracterizava aquela “bela fera”, como, por exemplo, “A vingativa do Méier”, “A atormentada da Tijuca”, “A adúltera da Urca”, “A suicida da Lapa”, entre outros. No ano de 2012 foi produzida uma “versão nacional” deste seriado, agora com o nome “As brasileiras”. Seguindo o mesmo formato e com episódios com nomes como “A inocente de Brasília”, “A viúva do Maranhão”, “A Mascarada do ABC”, “A sambista da BR-116”, entre outros, esta nova versão teve novamente a canção “Bela fera” como tema de abertura, porém com uma modificação em seu refrão: ao invés de “Demorou, perdeu a vez/ Vacilou, casa caiu/ A bela é carioca/ Mas é da cor do Brasil” ouvíamos os versos “Demorou, perdeu a vez/ Vacilou, casa caiu/ A bela é linda, é nossa/ Ela é da cor do Brasil”. Esta última versão seria a utilizada na abertura do Miss T Brasil, principalmente porque daria a ideia de um concurso realmente nacional, porém a versão ensaiada e que acabou também sendo levada ao palco foi a primeira citada, talvez por descuido, já que esta é a mais popular e a mais conhecida.

canção não foi utilizada, mas seus versos e a ideia do tipo de beleza ali contida não deixou de dar o tom para a imagem de travestis e transexuais criada pelo Miss T Brasil e a própria forma como elas pisaram nesta passarela.

A edição de 2012 do Miss T Brasil (Figuras 59 e 60), realizada no Teatro João Caetano, teve início com as candidatas desfilando suas belezas, coreograficamente, em trajes similares ao som da canção “Bela, fera”, acima transcrita. Ao final do desfile, as participantes permaneceram em semi-círculo ao fundo do palco, para a entrada da artista travesti Jane Di Castro, que cantou a “Canção das Misses”, de Lourival Faissal, no meio das candidatas<sup>101</sup>. Ao final de sua apresentação, Jane chamou Majorie Marchi ao palco, que declamou a referida “Muito prazer, eu existo”, fez seu discurso de abertura, despediu as meninas e chamou a modelo transexual e ex-BBB<sup>102</sup> Ariadna Arantes para acompanhá-la na apresentação do evento. As duas chamaram os jurados um a um, que proferiram algumas palavras junto ao púlpito. Na sequência, Cláudia Celeste apresentou diversos números artísticos com alguns dançarinos, além de seu companheiro, Paulo Wagner, e sua afilhada, a transformista Sid Miller. Majorie Marchi e Ariadna voltaram ao palco para anunciar o desfile em traje de gala, que as candidatas realizaram individualmente enquanto uma música de fundo e informações pessoais de cada uma eram ouvidas.

Ainda em traje de gala, todas as candidatas voltaram ao palco para um breve desfile coletivo, seguido de intervenções de Majorie e Ariadna e as apresentações artísticas de Angélica Ravache e Jakellyne Uchoa, duas artistas travestis. Após estes números artísticos, as candidatas desfilaram em biquíni, novamente de forma individual. Em biquíni, o conjunto foi chamado ao palco para o anúncio do Top 10. As selecionadas fizeram uma nova entrada individual em traje de gala e, finalmente, foi feito o anúncio do Top 3 e da vencedora do Miss T Brasil 2012, a jovem representante do Distrito Federal, Marcela Ohio.

---

<sup>101</sup> Classifico as artistas que participaram do Miss T como travesti ou transformista porque isso foi marcado no discurso do concurso, conforme ainda discutirei neste capítulo.

<sup>102</sup> Ex-BBB é a forma como ficou conhecidos os participantes do *reality show Big Brother Brasil*, da TV Globo. Ariadna participou da edição de 2011 do programa.



Figura 60 - Desfile de abertura Miss T Brasil 2012. Divulgação Miss T Brasil.



Figura 61 - Desfile de gala das candidatas ao Miss T Brasil 2012. Foto: Aline Macedo para divulgação Miss T Brasil.

A segunda edição do Miss T (Figuras 61 e 62), em 2013, seguiu estrutura parecida com a do ano anterior: candidatas desfilando em trajes que seguiam o mesmo padrão estético; discurso de Majorie Marchi (única apresentadora naquele ano); apresentação dos

jurados; números artísticos de Jane Di Castro e da comedianta transformista Silvetty Montilla; desfile individual das candidatas em traje de gala; mais apresentações artísticas, desta vez das travestis Aloma e Lídia Andrews e Bibi Young, introduzida com a nota de Majorie Marchi de que “antes que vocês me perguntem, não, gente, ela não é trans”. O desfile individual de biquíni foi novamente realizado, seguido do número musical de Jéssika Simões, representante da ASTRA-Rio premiada como *1st runner up* no *Miss International Queen 2012*.

Um diferencial para o ano anterior foi o retorno das candidatas ao palco em maiô preto ao invés de traje de gala, pois se queria coroar a vencedora da mesma forma que as clássicas edições do Miss Brasil. Marcela Ohio entrou para seu último desfile como Miss T Brasil 2012 e Silvetty Montilla foi novamente chamada para entreter a plateia, enquanto o resultado final não saía. Com o resultado em mãos, Majorie anunciou o Top 3, para, na sequência, coroar uma das representantes do estado de São Paulo, Raika Ferraz, como a Miss T Brasil 2013.



Figura 62 - Abertura do Miss T Brasil 2013. Foto: Franz Borborema para divulgação Miss T Brasil.



Figura 63 - Desfile de gala das candidatas ao Miss T Brasil 2013. Foto: Franz Borborema para divulgação Miss T Brasil.

As duas primeiras edições do Miss T foram realizadas no Teatro João Caetano, enquanto a edição de 2014 (Figuras 63 e 64) teve lugar no clube Casa das Beiras, no bairro da Tijuca. Com palco e passarela em formato de T e mesas para o público distribuídas por toda sua extensão, o espetáculo do Miss T Brasil 2014 teve início com um número musical com a presença de Majorie Marchi e todas as representantes da ASTRA-Rio que participaram do *Miss International Queen* entre os anos de 2012 e 2014. Ao final desta apresentação, as candidatas, em vestido preto, entraram no palco, Majorie proferiu o discurso de abertura e apresentou cada uma delas, que desfilaram individualmente. Os jurados, que já se encontravam em uma grande mesa ao final da passarela, foram apresentados e Jane Di Castro entrou ao palco para mais uma vez cantar “A canção das Misses”, que entraram desfilando em traje de gala. Jane e as participantes saíram do palco, para estas logo retornarem uma a uma para seus desfiles de gala. A artista drag queen Diziky se apresentou e as candidatas voltaram individualmente para seus desfiles em biquíni. Lorna Washington, referência do transformismo carioca, cantou algumas músicas antes das candidatas adentrarem o palco em maiô preto para o anúncio do Top 15, Top 5 e vencedora. A mineira Valesca Ferraz foi coroada Miss T Brasil 2014, tornando-se a primeira candidata negra a ganhar tal título<sup>103</sup>.

<sup>103</sup> Ressalto que esta breve caracterização do espetáculo do Miss T Brasil só foi possível de ser realizada devido aos vídeos feitos de cada uma das edições. Como afirmei anteriormente, o lugar que ocupei junto





Figura 64 - Desfile de gala das candidatas ao Miss T Brasil 2014. Foto: Roberta Brandão para divulgação Miss T Brasil.



Figura 65 - Candidatas ao Miss T Brasil 2014. Foto: Roberta Brandão para Miss T Brasil.

---

ao Miss T foi nos bastidores, de modo que efetivamente não vi boa parte do espetáculo por estar envolvido com as candidatas e o que acontecia nas coxias. Posteriormente, tive acesso às gravações do espetáculo. Agradeço a Roberta Brandão e Marcelo Bagik que gentilmente me forneceram este material.

Além desta produção imagética promovida pelas candidatas ao desfilarem e colocarem seus corpos a serviço daquilo que era ao mesmo tempo um concurso/competição de beleza, uma festa do orgulho de se ser travesti e transexual e um projeto político que trazia determinadas pautas para o palco, o Miss T Brasil também construiu seu discurso tanto através de artefatos artístico-culturais, como as canções citadas anteriormente, como através de falas oficialmente proferidas junto ao microfone/púlpito deste evento. Todas estas imagens, músicas e falas viriam a “dar corpo” ao projeto político de visibilidade positiva pretendido pelo Miss T Brasil.

O concurso trabalhava com esta ideia de uma visibilidade positiva, a qual parecia contribuir para o processo, analisado por Mário Carvalho (2011), que as alçariam da condição de “não pessoa” para a condição de “pessoa”, principalmente por uma aproximação com o campo dos saberes biomédicos (acesso a modificações corporais diversas) e com o campo dos direitos (“luta por cidadania”) (Carvalho, 2011). Este processo referido por Carvalho diz do movimento brasileiro de travestis e transexuais de forma mais ampla, porém acredito que o concurso Miss T Brasil também pretende produzir esta “pessoa” trans, em um nível que poderia ser identificado como cultural, já que o discurso nativo do Miss T o concebe como parte da “cultura trans”. Ressalto também que, assim como discutirei melhor no próximo capítulo, pela ótica das candidatas o acesso ao saber médico e modificações corporais passa pela conquista de recursos financeiros que permitam tal aproximação ao passo que a “luta por cidadania” poderia ser algo bastante amplo e vago e que parece advir mais da incorporação do discurso oficial do Miss T do que de suas vivências mais imediatas.

Ao tornar esta “mais bela travesti” visível, o Miss T produz um sujeito político – que também é moral – para este concurso. Tal sujeito para travestis e transexuais é novo no mundo público, em contraposição à relação imbricada entre travestilidade e prostituição/marginalidade presente intensamente no imaginário social e, justamente por isso, muitas vezes também na concepção de si que faz o próprio coletivo de travestis e transexuais, como discutido no capítulo anterior. Em contraposição, aqui se conforma um sujeito que é belo e cidadão, que pode ser o que ele quiser e ocupar o espaço social que desejar. O modelo identificado como “traveção”<sup>104</sup> é tudo aquilo que elas não desejam

---

<sup>104</sup> Modelo que identifica as travestis com o exagero corporal (seios e bunda grandes e modificações tidas como excessivas no rosto) e de comportamento (gritaria, escândalos, violência, etc). Segundo Larissa Pelúcio, “o ‘traveção’ está ligado ao exagero, ao masculino e, portanto, ao insucesso ou ao ultrapassado. Valoriza-se atualmente o estilo ‘menininha’, isto é, mais natural: curvas mais enxutas, seios menos

ser, podendo ser alvo de críticas e deboche nos bastidores ao mesmo tempo em que é excluído do regime de visibilidade encarnado pelo *casting* do Miss T Brasil.

Mais uma vez recorro às afirmações de Mário Carvalho, para quem

[...] a purificação moral das identidades políticas passa não só por um encobrimento do estigma, mas também pelo aprendizado de comportamentos específicos para espaços que na maioria das vezes não fazem parte do cotidiano dessas pessoas. Assim, creio que se trata da aquisição de um novo *habitus* cultural resultante de uma preocupação com a purificação intragrupal (CARVALHO, 2011, p.51).

Não é à toa que cada vez mais se utiliza o termo “trans” para se referir a este coletivo, pois este parece abarcar as travestis, mas encobre seu estigma marginal, como também contempla as transexuais, porém sem reduzir toda vivência travesti a esta. Aqui foi produzido tanto um sujeito político ideal para representar um grupo perante a sociedade de modo mais geral como também para o próprio grupo. A Miss T corporifica uma causa, um movimento social, um histórico de marginalidade que se concebe superado e uma mobilização em prol de algo entendido como direitos e cidadania. A beleza e os tons que podem nobilitá-la, em jogo em todos os âmbitos do certame – como empatia, orgulho, solidariedade, alegria etc – produzem e modulam um tipo de engajamento político e estético tanto em seu modo de se fazer como na sua literalidade artístico-cultural reivindicada como caracterização do evento.

A tônica da reivindicação de direitos de modo afetivo, estético e político foi dada desde o início, como explicitou Majorie Marchi em seu discurso de abertura na primeira edição do Miss T Brasil, no qual positivava as travestis e transexuais ao dotá-las de certa capacidade de afirmação de si e possível agência, como também por incluí-las na categoria “mulheres brasileiras”:

Boa noite. [...] Não tem como eu não fugir do protocolo num momento como esse e dizer: Nossa, vocês vieram, muito obrigada. [...] É inegavelmente com muita emoção, com muito respeito, com muita dignidade que nós, travestis e mulheres transexuais brasileiras, adentramos este espaço, este palco e compartilhamos com vocês a nossa alegria de viver, de existir e de ser positivamente visibilizada através do nosso sonho. Sonho esse... um sonho de existir, sonho esse de provocar cotidianamente a criação de uma sociedade mais justa e igualitária. Hoje graças à generosidade, ao carisma, à beleza e à coragem dessas lindas meninas que aqui se apresentam que nós podemos adentrar pela porta da frente um importante espaço de cultura de nosso estado, afirmando a nossa identidade dizendo: ‘A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte’ [aplausos].

---

exagerados, roupas mais ao gosto das adolescentes que aparecem em programas televisivos” (2005, p.100, grifos no original).

E eu escolhi para a gente começar este momento que é nosso, é de toda comunidade carioca, brasileira, aonde nós celebramos não a beleza de travestis e mulheres transexuais, mas legítimas representantes da diversidade e da beleza das mulheres brasileiras [...]

Meninas lindíssimas, meninas vencedoras, meninas o meu muito obrigado e podem se preparar para encantar essa plateia e o Brasil inteiro [candidatas saem do palco] (MISS T BRASIL, 2012).

As misses, que “contemplam toda diversidade da beleza feminina brasileira”, também deveriam assumir o lugar político de travestis e transexuais, o que era previsto no regulamento do concurso no item “8. A Miss T Brasil 2012 é obrigada a participar de campanhas de combate a Transfobia, Homofobia, Dst/HIV/AIDS e Direitos Humanos durante seu reinado” (Miss T, 2012). Além desta politização e engajamento da miss na pauta tradicional do Movimento de Travestis e Transexuais, seu comportamento igualmente deveria ser exemplar e de forma alguma comprometer a “visibilidade positiva” tão almejada pelo certame: “10. Posicionamentos Racistas, Preconceituosos, envolvimento em escândalos que contribuam negativamente para a Imagem das Travestis e Transexuais Brasileiras, Atos de Violência e/ou envolvimento em ilícitos serão motivos para a imediata e irrevogável destituição da Miss T Brasil (Miss T, 2012).

Tais tópicos também parecem se referir a uma imbricação entre beleza e classe social, de modo que o modelo que se exige para as travestis e transexuais seria o ideal feminino das camadas médias: corpos magros e atléticos aliados a comportamentos morais considerados ao mesmo tempo comedidos e espontâneos (Batista, 1997). Esta composição, que podemos classificar como harmônica e equilibrada (Giacomini, 2006), seria a desejável a este modelo de feminilidade das camadas médias e do Miss T Brasil.

O item 11 do regulamento reforçava ainda mais a ideia de tal comportamento exemplar ao proibir a relação entre o certame e o mercado sexual: “Fica estritamente proibido a utilização da marca e do título ‘Miss T Brasil’ pela vencedora e ou qualquer participante em produções pornográficas e ou de nudez (revistas, vídeos, DVDs, Filmes, Shows eróticos)” (Miss T, 2012, aspas no original). Este tópico é particularmente interessante pois nos mostra a diferença entre o discurso público pretendido pelo evento e os bastidores de sua realização, já que diversas meninas destas três edições do certame estavam no mercado da prostituição e, apesar de em nenhum momento isto ser motivo de reprovação pela organização e não ser uma acusação direta feita por outras participantes fora deste meio, no discurso público geral tal fato deveria sair da cena e só seria visibilizado de um modo mais pessoalizado, como ainda discutirei neste capítulo.

Parece haver aqui a construção de uma identidade que se situa entre uma corporalidade percebida como pessoal e um “corpo político” que a sustenta. Como afirmado anteriormente acerca da construção de corporalidades trans e partilhando da matriz individualista contemporânea na qual um investimento em si se faz como um investimento no corpo e em suas potencialidades (Deppe, 1999), corpos tidos como trans tanto se subjetivam entre aquilo que o “coletivo trans” e a sociedade de modo geral ditam em termos de constituição de si, como também se inscrevem em uma categoria social e política (específica) mais ampla. Além da necessidade da não-exotização de vivências trans, localizando-as como um tipo de “outro” distante, é preciso reconhecer as especificidades que cercam as construções de tais vivências.

Segundo Jurandir Freire Costa, “as políticas de identidade corporal, para cumprir os seus objetivos de equidade e justiça, devem ter a precaução de valorizar as bioidentidades sem deixar de fora os propósitos políticos mais vastos” (Freire Costa, 2004, p.223). Porém, este mesmo autor nos coloca a problematização de que “em uma sociedade democrática e republicana, *qualidades físicas* não podem justificar a exclusão de certos indivíduos do usufruto de seus direitos humanos básicos, mas também não podem ser trunfo na reivindicação do direito de cidadania” (Freire Costa, 2004, p.222, grifos no original). Não estamos aqui exatamente remetendo a qualidades físicas específicas, como também não concebemos a travestilidade/transexualidade como uma simples modificação plástica ou “*design corporal*”, como sugere David Le Breton (2009). As modificações corporais levadas a cabo por travestis e transexuais se fazem como uma recriação de um sujeito social e político, ainda que muitas pessoas só a percebam em um nível plástico ou estético.

Neste sentido, o corpo belo construído e visibilizado através de concursos de beleza trans acaba tendo que construir-se pautado em justificações sociais e políticas que, de algum modo, legitimam suas percepções de si e trajetórias de construção de suas corporalidades. Estes certames para travestis e transexuais e a noção de beleza e Miss para este coletivo, que aqui também se pensa como população, se pauta e se aproxima dos concursos para mulheres cisgênero, tanto por oferecem um tipo de feminilidade almejada como também por as diferenciarem de grupos de homossexuais masculinos que se travestem em momentos específicos de espetáculos e performances. As candidatas ao título de “trans mais bela do Brasil” certamente não desejam se tornar uma mulher, mas sim exaltar e visibilizar sua feminilidade, concebida como nem nada deixando a dever

àquelas estabelecidas nos diversos concursos de Miss regionais e nacionais para mulheres cisgênero.

Sobre esta relação entre participantes de concursos de beleza para mulheres cisgênero ou transgênero, dois exemplos podem nos ser bastante ilustrativos da forma como cada certame, tanto constitui o perfil de quem deles participará como do fato de tal construção ser dada pelo seu público e candidatas. No ano de 2012, a modelo transexual Jenna Talackova havia sido inscrita pela cidade de Vancouver no concurso cisgênero *Miss Universe Canada* (seletiva nacional para o Miss Universo), porém antes mesmo da realização do certame foi desclassificada por não ter sido assignada como feminina ao nascer. Este fato gerou um intenso debate e a organização do concurso acabou reconsiderando a candidata, readmitindo-a para a competição (Talackova, 2015). Neste mesmo ano no Brasil – e admitindo ter se inspirado no caso de Jenna Talackova – a modelo transexual Amanda Sampaio se inscreveu no concurso Miss Bumbum 2012 como representante do estado da Bahia, que não tinha enviado nenhuma candidata para a competição nacional. De acordo com a organização, a candidatura de Amanda foi aceita por ela ser legalmente considerada mulher, ter feito a cirurgia de transgenitalização e não ter silicone nas nádegas. Este fato, porém, motivou um protesto realizado na cidade de Salvador por algumas mulheres cisgênero que, de biquíni, carregavam uma faixa com os dizeres “Organizadores do Miss Bumbum: Na Bahia tem mulher bonita, não precisa de transexual”. O principal argumento delas era que, tendo “nascido homem”, Amanda teria uma “genética” e composição muscular que a colocaria em vantagem em comparação com as outras candidatas (Machado, 2012). Na época este protesto chegou a ser jocosamente chamado de “bundaço”.

O foco parece ser a produção de corpos valorizados e legitimados socialmente, produzidos e assumidos como discurso do Miss T Brasil através da ideia de uma visibilidade positiva que desconstruiria estereótipos negativos relacionados às travestis e transexuais. Indo ao encontro desta produção de legitimidade via politização da beleza em identidades travestis e transexuais, estão as noções de distinção, como trabalhada por Bourdieu, e reconhecimento, como desenvolvida por Axel Honneth e Nancy Fraser, utilizadas por Maria Cecília Patrício (2008) em seu trabalho sobre transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras que migram para a Europa, principalmente Espanha. Esta autora utiliza-se destes aportes para refletir sobre a participação destas travestis em concursos de beleza e afirma que além de um reconhecimento relacionado a uma “auto-

realização individual”, estaria imbricado, no caso das trans, um reconhecimento social mais amplo e “em íntima ligação com a luta por justiça social de reconhecimento de sua condição de gênero e de seres humanos que são e que sofrem com ‘práticas discriminatórias institucionalizadas’ (Mattos, 2006: 150. op.cit Fraser & Honneth p. 29) por se dedicarem ao mercado do sexo” (Patrício, 2008, p.194-195).

Carvalho (2015) também faz uso destes mesmos autores, apesar de reconhecer-se mais nas proposições de Fraser do que nas de Honneth, para falar de um ativismo trans levado a cabo de diversas formas, como discussões públicas, produção de material imagético, campanha político-eleitoral etc; e em diferentes locais, como em “em manifestações de rua; em seminários realizados em parcerias com órgãos governamentais; em uma campanha eleitoral e em espaços de sociabilidade e de ativismo *online*” (2015, p.27), mas que em seu fim buscavam produzir regimes de visibilidade (pública) e reconhecimento social. Assim como observado no Miss T Brasil e em sua produção de certo regime de visibilidade tida como positiva tanto para a “população trans”, representada ali pelas candidatas, quanto para a sociedade em geral, que teria acesso a esta “nova imagem trans”, também nos diversos ativismos de pessoas trans discutidos por Carvalho faz-se presente

A disputa simbólica [que] se dá no enfrentamento à deteriorização da individualidade perpetrada pelo estigma através de uma luta pelo reconhecimento da pluralidade de modos de vida trans e da singularidade dos indivíduos que compartilham tais modos.

Nesse sentido, a luta por reconhecimento é operada em dois planos, um interno e um externo. Para a grande audiência, “a sociedade”, a multiplicação de exemplos distintos de pessoas trans põe à sombra seu exemplo mais visível e estigmatizado: a travesti prostituta. Já no plano interno da comunidade ou do ativismo, o respeito à individualidade pode ser compreendido enquanto um processo de reconhecimento recíproco em relações sociais simétricas possibilitando uma solidariedade interna no grupo (CARVALHO, 2015, p.116).

Como afirmei em momento anterior acerca de concursos de beleza femininos de modo geral, a corporificação da beleza na figura de uma Miss produz uma imagem que se pretende coerente e resolutiva de processos histórico-sociais que poderiam estar em disputa dentro de determinada categoria social e, a partir desta, em relação à sociedade como um todo (Lopes, 2012). Assim, o que está sendo produzido como aquilo “que nos representa”, advém de processos “de seleção não explícitos que conferem a uma vertente particular a hegemonia no processo de integração ou de identidade” (Giacomini, 1994, p.225), o qual, no exemplo do Miss T Brasil, irá buscar uma aproximação com a beleza

feminina cisgênera tida como nobilitada por seus padrões serem considerados os mais legítimos frente a outras possibilidades, “ de modo que todo este processo de domesticação e coerência discursiva possa parecer ‘natural’, ‘universal’, enfim, desejado e desejável, pois é a identidade mesma de um grupo que está em jogo” (Lopes, 2012, p.10, destaques no original)

A “disputa simbólica” a que Carvalho (2015) se referiu foi politizada no Miss T Brasil através da reivindicação e celebração da noção de um direito que mesclava um reconhecimento das travestis e transexuais como um sujeito universal de direitos ao mesmo tempo em que direitos específicos eram produzidos. Reconhecia-se este grupo como dotado de experiências e construções de gênero e corporalidade específicas ao mesmo tempo em que se inscrevia sua beleza em uma beleza mais geral, formada por todas as “mulheres” e femininos que destas se aproximassem. Isto foi destacado de distintas formas, na edição de 2012 do Miss T, por Ariadna Arantes, co-apresentadora do evento, e a convidada do júri, atriz e militante Maitê Schneider, respectivamente:

E eu quero dividir hoje minha alegria com todos vocês, mostrando a beleza e mostrando pra todo mundo que independente de ser travesti, transexual, mulher, homem... Todos nós somos iguais, devemos ser respeitadas e esse evento tá hoje aqui pra mostrar que não somente as mulheres têm o direito de mostrar sua beleza, que todos nós temos esse direito e as transexuais e as travestis também. Então eu espero que vocês se sintam à vontade como se estivessem em casa, se divirtam, que o show vai ser muito bonito (Ariadna Arantes, MISS T BRASIL, 2012)

Fala Rio de Janeiro, tudo bem? É uma emoção tá sempre no Rio, né? E eu fico pensando que essas meninas aqui atrás hoje não tão desfilando somente beleza. Eu acho que hoje elas desfilam dignidade, elas desfilam orgulho e elas desfilam os tapas na cara, os cuspes que a gente leva, as porradas. E as pessoas que infelizmente ainda são mortas pela intolerância e pelo preconceito. Meu parabéns ao ASTRA, meu parabéns a essas meninas. E eu queria deixar só um testamento rapidinho pra vocês: Nesta vida aqui, todos nós que estamos aqui sentados, as meninas ali atrás, somos anjos de uma asa só. E pra gente levantar voo, atingir nossos objetivos, nossos sonhos, a gente tem que fazer essa união que a gente tá aqui: nos demos as mãos e não baixemos a cabeça nunca. Obrigada, Rio de Janeiro (Maitê Schneider, MISS T BRASIL, 2012).

Esta fala de Maitê Schneider também se mostrava ambivalente em relação às noções presentes de forma concomitante entre um reconhecimento da vitimização de travestis e transexuais e a possibilidade de agência deste grupo através da beleza, o que perpassava todo o projeto do Miss T Brasil. A vitimização e a possível marginalização de tal coletivo parecia ser algo sempre latente, tanto pelas possíveis vivências tidas como marginais, discriminadas ou de violência pelas quais as candidatas pudessem ter passado, como ainda por ser um tópico de certo modo incorporado e obrigatório a qualquer



atividade ou discussão do movimento de travestis e transexuais – lembrando aqui que este concurso é oficialmente organizado pela ASTRA-Rio. Porém, parecia também que a vitimização não poderia nunca ser plenamente nominada, pois o foco era em uma celebração e na reivindicação de direitos de modo afetivo, estético e político. Vitimização e beleza não são necessariamente pares opostos, como de certa forma Marcia Ochoa (2014) e Michael Taussig (2012) demonstraram em seus trabalhos, mas talvez geralmente não sejam colocados lado a lado com tanta frequência, a não ser quando o objetivo principal seja algo como uma erotização da violência (Rodriguez, 2015). No contexto talvez mais tradicional do Miss T Brasil, parece que quando um destes dois tópicos era mais diretamente posto em cena, o outro permanecia nos bastidores, lembrando sempre que a relação palco/bastidores é pororosa e mutuamente constitutiva.

O que poderia ser considerado como a vitimização presente no palco do Miss T Brasil era mais a forma como travestis e transexuais poderiam ser concebidas pelo mundo público do que um discurso do concurso que literalmente as colocasse em um lugar de vítima primordial. Deste modo, tópicos acerca do não reconhecimento positivo de travestis e transexuais eram reescritos pelo discurso público do Miss T como situações que esta “população” vivenciava em seus cotidianos, mas que nunca poderiam ser restritas àquilo que elas eram como pessoa. Elas eram muito mais do que a violência que a “população trans” era passível de sofrer e, por isso, podiam celebrar seu orgulho sem deixar de lembrar deste sofrimento que poderia ser-lhes infligido a qualquer momento, como foi destacado nos discursos de Majorie Marchi nos anos 2013 e 2014, respectivamente:

É com imensa emoção que mais uma vez, pelo segundo ano, que a gente com toda humildade, com todo carinho se coloca nesse importante espaço de cultura de nosso estado pra celebrar o nosso orgulho. Nosso orgulho com muita honra em existir e provocar cotidianamente a sociedade. É extremamente emocionada que comemoro dois anos do nosso projeto. Um projeto que começou desacreditado, como nós, discriminado, como nós, que as pessoas riam do projeto, como riem de nós. As pessoas não acreditavam que travestis e transexuais podiam ser visibilizadas longe do risível, longe de páginas policiais ou longe do vitimismo e do sofrimento que também é comum ao nosso segmento. Mas nós também somos felizes, somos vitoriosas, temos orgulho de existir e esse projeto permite esse dialogo, essa visibilidade massiva. Eu tenho muito orgulho de poder contar com o carinho, a credibilidade desse grupo de lindas meninas que confiaram no projeto e foram cuidadosamente garimpadas de todas as regiões do país. Uma salva de palmas pras representantes... [palmas] não representantes de travestis e transexuais, mas como eu digo desde a primeira edição, legítimas representantes da beleza feminina brasileira (MISS T BRASIL, 2013).

Mas hoje vamos ter uma missão importante, de escolher a representante lúdica da beleza, da feminilidade e de orgulho trans. Hoje esse ano especialmente o

tema escolhido por nós se chama ‘O orgulho de existir’, porque nós temos orgulho. E como eu venho dizendo desde a primeira edição, ah, mas tanta coisa que as transexuais e travestis sofrem e concurso de Miss? Eu tenho direito ao lúdico, o belo também me pertence. E até o fútil se eu quiser, mas o importante é saber que a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte [palmas] (MISS T BRASIL, 2014).

Toda esta ambiguidade expressa por um balançar entre os componentes do par vitimização/protagonismo como por aqueles do par beleza plástica/beleza nobilitada, foi novamente ouvida no palco do Miss T Brasil 2012, talvez a edição que, por ser a pioneira, mais fortemente explicitou sua justificativa política. No anúncio do Top 10 daquela edição, com todas as misses de biquíni vermelho enfileiradas ao fundo do palco aguardando ansiosamente pela possibilidade de seu nome ser chamado pela voz de Majorie Marchi e Ariadna Arantes no microfone, o seguinte discurso/diálogo foi proferido:

Majorie: Meninas corajosas e muito corajosas, porque modificar seus corpos, enfrentar uma sociedade, enfrentar até mesmo membros da comunidade lgbt que não respeitam a nossa identidade, não é pra qualquer uma. Então mais uma vez eu peço respeito, carinho e aplausos pra todas essas meninas. [Aplausos] E dentro da sua pluralidade, da sua capacidade e da sua responsabilidade de construir um amanhã pras outras que venham, são muito corajosas. Porque o belo, o fútil é fácil, mas são meninas com conteúdo, com caráter, com dignidade e com coragem. Parabéns a todas vocês. E queria mais uma vez dizer que nós não estamos aqui elegendo a melhor entre elas; isso seria impossível com tantas qualidades que essas meninas têm. Estamos tirando uma representante de uma forma lúdica, de uma forma divertida, porque ninguém aqui é melhor do que ninguém. Concorda, Ariadna?  
Ariadna: com certeza. Somos todos iguais e todos nós merecemos e gostamos de respeito. [Aplausos] (MISS T BRASIL, 2012).

Aqui vemos o quanto a beleza do Miss T era nobilitada e construída como distinta (Bourdieu, 1993), já que elas não eram apenas belas, mas possuíam características como coragem, caráter e dignidade e, por isso, eram merecedoras de respeito. E como haveria de não se respeitar um sujeito tão belo e modelar? Como ainda afirma Maria Cecília Patrício (2008), parece haver uma maior legitimidade e reconhecimento social para aquelas que são tidas como belas e mais próximas do que a sociedade em geral constrói para o feminino. Larissa Pelúcio (2005) corrobora tal ideia ao postular que a construção de uma beleza travesti é um processo baseado na busca por um tipo de perfeição representado pelo “passar por mulher. Não por qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável” (2005, p.98) como também promove distinção entre o próprio grupo, em um cruzamento entre classe/recursos financeiros e feminilidade, entre aquelas que são bonitas e “as ‘outras’: pobres, ‘feias’, ‘viados de peito’” (2005, p.103, aspas no original).

Este feminino que se busca e cuja obtenção bem sucedida é ostentada através da beleza é mencionado por Mark Johnson (1997) em seu trabalho sobre algumas experiências tidas como transformistas/trans nas Filipinas. Nele, o autor também discorre sobre este embate entre uma construção de si nobilitada e socialmente legítima (por exemplo, pela cultura ou pela tradição) e uma discriminação que as colocam em um status minorizado, o qual pode ser resumido como:

*There is a long tradition of transvestism and transgendering in island Southeast Asia, where transvestites were considered to be sacred personages, ritual healers and/or, as in Sulu, accomplished singers and dancers who performed at various celebrations and rites of passage: embodiments of, and mediatory figures for, ancestral unity and potency. More recently, however, transvestites have emerged as the creative producers of an image of beauty defined in terms of an imagined global American otherness. At the same time (here as elsewhere) they have been increasingly subjected to a discourse of gender and sexual stigmatization and minoritization (JOHNSON, 1997, p.12)<sup>105</sup>.*

A construção de um feminino trans para concursos de beleza também se encontra em relação constitutiva às construções tidas como transformistas. Esta parece ser uma constante negociação. Por vezes a diferença se mostra mais radical entre as categorias identitárias ali em disputa, como podemos observar no discurso nativo do Miss T Brasil que afirma que “travesti” ou “transexual” não é um “viado de peruca”. Outras vezes, mais flexível, como apontam os trabalhos de Mark Johnson (1997); Martin Manalansan (2003), este último sobre homossexuais masculinos filipinos migrantes em Nova York; Niko Besnier (2002) que aborda o concurso *Miss Galaxy Queen* voltado para transexuais na ilha de Tonga, no Pacífico; e Marinella Miano Borruso (1991) que analisa as relações entre as categorias *muxes*, *gay* e *loca* e suas performances de gênero na região de Tehuantepec, no México.

Apesar de, em todos estes trabalhos, as categorias trans em disputa em concursos de beleza serem problematizadas, este parece não ser o foco da discussão de tais autores e autoras. Seja pelo recorte das análises realizadas ou pela própria constituição do corpus de cada um destes certames/construções de beleza, a questão primordialmente discutida é a relacionada à localidade, enfatizando-se a negociação entre aquilo que seria local

---

<sup>105</sup> Faz-se necessário aqui uma diferenciação entre diversas construções que poderíamos nomear, de alguma forma, como “trans” ao redor do globo, como as Hijas na Índia (Nanda, 2000); as Alyhas entre indígenas norte-americanos (Nanda, 2000); as especificidades entre uma identidade travesti e outras em relação a esta no Brasil (Kulick, 2008; Nanda, 2000), as “omeggid” dos Guna panamenhos, que não se subjetivam de modo mais pleno como “mulheres”, mas apresentam “uma fuga do masculino” em suas funções sociais (Dias, 2015). Naquelas, certamente um componente estético pode se mostrar fundamental na forma como se constituem socialmente, porém esta estética cotidiana pode não ser exatamente coincidente àquelas levadas às passarelas e palcos de competições de beleza trans.

naquele contexto e noções globalizadas de sujeito e beleza. Utiliza-se do mote de concursos de beleza trans – ou uma particular construção e vivência de (homo)sexualidade – para se discutir globalização, incorporação de caracteres tidos como ocidentais em um mundo concebido como oriental ou local, etc<sup>106</sup>.

Nestas relações de disputa parece que reconhecimento é um conceito chave na busca por legitimidade social em determinado contexto. Seja nos exemplos dos diferentes certames acima citados, seja na feminilidade legitimada no Miss T Brasil, estes concursos parecem trabalhar o tempo todo com a construção de um ideal que terá um referente aparentemente externo a si como o limite daquela humanidade ali reconhecida e celebrada. Serão as *Galaxys Queens* de Besnier (2002) valorizadas por se aproximarem de caracteres tidos como globais, como determinado tipo de vestimenta e estética, ou as *Misses T*, que serão reconhecidas por suas feminilidades belas e “naturais”, mais próximas de um feminino tido como “universal” do que daquele passível de, em algum grau, ser considerado caricato e/ou alegórico nas competições e construções gays/transformistas.

#### 4.1.1 O outro constitutivo da feminilidade Miss T

As relações entre as categorias identitárias gay (nomeada aqui como transformista) e travesti/transsexual podem ser bastante complexas e muitas vezes hostis. Como afirma Carvalho, que em sua dissertação de mestrado se dedicou à análise dos movimentos e das identidades políticas/militantes de travestis e transexuais, “algumas travestis tratarão com muito descrédito e minoração os *truques* utilizados por transformistas para se passarem por mulher sem fazer uso de intervenções corporais mais

---

<sup>106</sup> Para uma caracterização deste tipo de discussão, veja-se o trabalho de Niko Besnier (2002) que, apesar de seu foco aparente no *Miss Galaxy Queen*, o utiliza mais como um trampolim para a sua argumentação da relação entre Tonga e outros contextos tidos como globais. Secundariza-se a experiência de gênero e beleza das *leitS*, que não chegam a ser muito bem caracterizadas em seu texto. Este autor ainda faz uso do termo *nonlocality* para discutir relações de maior ou menor privilégio entre os tungueis, entre o que seria *translocal* e o que seria local, respectivamente, de modo que aquilo que seria transversalizado pelo global ganharia certo prestígio e valorização. As experiências trans também se constituíram segundo tal preceito.

definitivas” (2011, p.59, grifos no original). Por outro lado, na comunidade gay, exceto nas construções transformistas tidas como espetaculares e com fins artísticos, a feminilidade parece ser bastante desvalorizada em função do predomínio do modelo masculino tido como “viril,” sendo que os vistos como afeminados são vítimas de chacota, preconceitos e discriminações (Ferrari, 2006; Braga, 2015).

Apesar de distantes em suas experiências, produção de subjetividades/identidades e demandas/necessidades, travestis e transexuais se encontram próximas de gays por constituírem – ou terem sido aglutinadas em – um grupo de minorias sexuais denominado como LGBT. A princípio, transformistas – como também drag queens (Vencato, 2002) e crossdresseres (Vencato, 2013) – constroem seus femininos com um fim específico, ao passo que travestis e mulheres transexuais têm seus femininos como centrais em suas percepções de si. Porém, trânsitos entre esta experiência de gênero e aquelas localizadas em uma cultura gay (e construções outras que de algum modo se situam entre estes dois pólos), parecem ser muito mais tensas e complexas do que um primeiro olhar poderia perceber.

O próprio transformismo pode ser levado a cabo como uma primeira experimentação de um feminino que não é percebido como uma travestilidade ou transexualidade; identificar-se inicialmente como gay para depois se assumir como trans parece uma trajetória de vida possível e frequente. William Peres (2005) traz o relato da travesti Pérola (nome fictício) que, maravilhada com os shows de transformistas que via pela TV, porém “confusa diante do que fazer. Realiza as brincadeiras em seu quarto de se montar com algumas toalhas e lençóis, mas era pouco diante de seus desejos e expectativas a respeito do que queria ser na vida” (Peres, 2005, p.167). Esta passagem de uma experimentação transformista, ainda que infantil ou de “brincadeira”, para a assunção de uma subjetividade travesti ou transexual marca a fixação de tais corpos. Afirmar-se travesti ou transexual parece se constituir como uma “conquista” que substitui um corpo e subjetividade não vividos como próprios, como afirmou a ativista transexual Indianara Siqueira em entrevista a Carvalho (2011): “Então... eu não creio que eu tenha viajado nem esteja além de qualquer coisa, eu creio que eu sempre fui uma mulher. Independente de ter uma vagina ou ter um pênis, eu me identifico como uma mulher, eu sou uma mulher e ponto final” (2011, p.80).

Travestis e transexuais podem apresentar resistências a transformistas e outras travestilidades gays por estas, de certa forma, “banalizarem” a imagem que socialmente é construída das experiências trans, como mencionado anteriormente e caracterizado na seguinte narrativa de uma militante transexual ao discorrer sobre o desenho do grupo político do qual faz parte:

Na verdade, como nós somos um movimento novo organizado, nós estamos ainda naquele processo de definirmos quem nós somos... quem eu sou... quem eu sou como ser... feminino. [...] Então, aquela discussão<sup>107</sup> foi para a gente começar a tirar do meio do nosso movimento pessoas oportunistas que se vestem de mulher esporadicamente em eventos pontuais, mas que não andam de dia vestidos de mulher, que não pegam o avião vestidos de mulher, que não vive o seu lado feminino 24 horas. Então, isso a gente precisa tirar de dentro do nosso movimento, para isso que a gente tomou aquela decisão. (BENVENUTTY citada por CARVALHO, 2011, p.85).

Esta tensão também aparece no âmbito do Miss T Brasil. Talvez pela necessidade de definição – identitária, política e cultural – de seus próprios contornos e a consequente negação daquela categoria que seria sua suposta “opositora”, algumas candidatas se referem às “montadas”, categoria nativa para identificar transformistas e/ou aquelas que se montam publicamente, de forma pejorativa e como aquilo que elas não são, como afirmou uma candidata de uma das edições do Miss T: “você viu o sapato dela [uma candidata]? Aquilo é coisa de viado, acho que ela não é trans de verdade, não tem nem peito”. O sapato de salto bastante alto e de cores chamativas, aliado à não presença das próteses de silicone nos seios, foi lido por esta candidata como um possível traço transformista naquela outra participante. Se ela fosse mesmo um gay ou uma transformista poderia não gozar da mesma legitimidade que as outras candidatas – as “trans de verdade” – gozariam.

No contexto do Miss T Brasil, as próteses de silicone nos seios e o cabelo cultivado longo ou estendido com apliques eram tidos como caracteres primordiais para a feminilidade trans ali celebrada. Porém a partir do momento em que determinada candidata assumia-se publicamente como trans, ela era assim legitimada pelo grupo. Neste sentido, aquela que não tem seios porque ainda não se decidiu se coloca próteses de silicone ou faz uso de hormônios será valorizada da mesma forma do que aquela que

---

<sup>107</sup> A entrevistada se refere a uma discussão ocorrida no XVI ENTLAIDS, tradicional encontro do Movimento organizado de Travestis e Transexuais, objetivando definir aquelas que seriam verdadeiras travestis e outras que pleiteavam tal condição, mas sem ter modificações corporais definitivas, se “desmontando” quando necessário.

já encarna em si este símbolo da feminilidade porque ambas se assumem ou são identificadas publicamente como trans.

A tensão ilustrada acima ocorreu nos bastidores do evento, mas acabou chegando também à lógica de sua construção como espetáculo no palco: “Um gay que eu ponho no palco é uma trans que eu não ponho. E se não me dão a visibilidade pra um trabalho artístico em nenhum outro lugar, esse é o nosso espaço. Eu quero dar visibilidade pras trans”, como de forma contundente afirmou Majorie Marchi acerca de sua insistência pela grande prevalência de artistas travestis e/ou transexuais no palco do Miss T Brasil. Segundo ela, o palco do Miss T seria o espaço de excelência para travestis e transexuais, de modo que estas deveriam ocupá-lo de todas as formas possíveis, já que este era um evento feito por elas e para elas.

Isto vai ao encontro da crítica de Viviane Namaste (2002) sobre o quanto uma cultura artística trans pode ser celebrada no palco de boates voltadas para o público gay (ou mesmo LGBT) e em trabalhos acadêmicos nomeados queer, mas que acaba sendo segregada por estas mesmas pessoas, ao ser reduzida apenas ao palco e não legitimada em nenhum outro espaço de legibilidade e sociabilidade destes grupos. Para Namaste (2002), e falando especificamente sobre uma divisão entre drag queens e frequentadores gays em um mesmo espaço de sociabilidade, *“indeed, relegating such gender performances to the stage implies that gay men do no ‘perform’ their identities: they just are. [...] Framed as pure spectacle, this negate a variety of reasons why people might choose to cross-dress in a club: an exploration of one’s gender identity, a gesture of political intervention, a creative solution to boredom, and/or a way to pay the rent”* (Namaste, 2002, p.11, grifos no original).

São ilustrativas as falas de candidatas acerca de participações em concursos de beleza tidos como gays ou transformistas antes do Miss T Brasil: “eu participei do Miss [...] em 2008, gay, na época era uma edição pra transformista. Na época eu não era uma transexual, não tinha nenhuma cirurgia modificadora do corpo”; “eu fui coroada esse ano Rainha do Carnaval GLBT [...]. E já participei aos meus 18, eu já tenho bastante tempo quando estava me transformando em uma trans ainda já [participei] do Beleza Mineira, que é um concurso gay. E foram esses dois concursos”; “participei de vários Miss Gay, né, na época, quando eu era ainda um boyzinho, né. Me montava e participava. [...] Como hoje eu virei uma trans, então abriu essa oportunidade, né, como sempre tive esse sonho

de ser uma Miss...”. Significando em suas trajetórias momentos em que ainda não “eram” trans, esse tipo de participação geralmente é vista como um exercício de si. Porém, caso um traço tido como transformista mostra-se neste contexto em que agora “são” trans, pode ser motivo de censura da mesma forma que o sapato e a falta de seios mencionados acima: “Eu vejo aqui candidatas que pegam um vestido e ‘Ah, muito brilho’, o Miss é mulher, não é uma coisa gay, não é um Miss Gay. Então, ai o vestido... acha que o vestido vai... eu não vejo as coisas por esse lado” (Figuras 65-67).

Ressalto que este tipo de censura apareceu em algumas candidatas e talvez seja fomentado mais por uma exigência social e, portanto, externa, de definição dos contornos do que seria ou não trans. Dentro do próprio grupo não havia este tipo de censura ou julgamento direto entre uma candidata e outra, ainda que diferenciações na forma como significavam ou publicizavam suas trajetórias de vida pudessem aparecer, como ocorreu sem que fosse tido como um conflito em uma entrevista que realizei com duas candidatas ao mesmo tempo:

**Aureliano: Vocês falaram um pouco do interesse, como se inscreveram pra este concurso, mas vocês já participaram de algum outro tipo de concurso?**

Candidata 1: Eu nunca participei de nenhum concurso de beleza, esse é o primeiro.

Candidata 2: De beleza também nunca havia participado. Na minha juventude quando eu era bem mais nova, vamos dizer, participei de concursos regionais, ainda quando nem era transexual, mas não chegou a ser um evento assim de porte, que necessitasse do meu esforço que tu tem num Miss que nem esse. Mas num foi nada significativo, mas já participei.

**Aureliano: Era tipo o que?**

Candidata 1: Tipo Miss Gay, Top Drag [risos]. Eu já tive esses momentos e foi muito bacana. Pra mim foi... eu por exemplo nasci, posso dizer, a partir desses momentos, dessas coisas que eu fui me identificando e fui me descobrindo cada vez mais. Foi a partir dessas situações que eu me descobri transexual. Já sabia, mas eu acabei me descobrindo aos poucos.

Candidata 2: E eu já me descobri uma mulher transexual desde que nasci, já desde a infância. Não me espelhei em nada não, já é da minha natureza mesmo (Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).





Figura 66 – Exemplo da feminilidade do Miss Brasil Gay. Na foto, Sheila Veríssimo, representante do estado do Espírito Santo sendo premiada como a Miss Brasil Gay 2013. Foto: Roberto Teixeira para o site EGO.



Figura 67 – Sheila Veríssimo com faixa e coroa. Foto: Roberto Teixeira para o site EGO (ego.globo.com).



Figura 68 - Sheila Veríssimo no desfile com seu Traje Típico. Foto: Roberto Teixeira para o site EGO.

Particularmente interessante é a história contada por uma candidata acerca de sua participação em um concurso gay com o objetivo de ajudar um amigo que precisava do dinheiro que ela ganharia com a premiação: “ele se encontrava em um momento difícil em que eu poderia ajudar. Não é coisa que eu queria, não queria participar: ‘Mas, poxa, ele tá precisando. Eu ainda não tenho prótese, eu posso ser aceita num concurso de beleza gay. Então vamos unir o útil’. [...]foi um dever cumprido”. A candidata reconhecia seu passado de vitória em um concurso gay, mas afirmava a importância de sua participação em um concurso trans, já que “tem uma coisa [que] é o concurso de beleza gay, que tem um pré-requisito e aqui tem outro completamente diferente. E eu quero ser a Miss T Brasil sim, mas pra viver como uma mulher e ter os pré-requisitos do concurso Miss T Brasil”.

Como ainda afirma Viviane Namaste (2002), existe esta grande separação entre drag queens (e transformistas) e transexuais na comunidade trans, o que, segundo sua leitura seria reificado por teóricos ditos queer, que também promoveriam tal afastamento ao refletirem sobre performances drag/trans e não inseri-las em determinado contexto social e político. Porém, mais do que promover uma separação irreconciliável entre concursos transformistas e o Miss T Brasil, o que parece em pauta no trecho acima é o quanto uma participação em um concurso tido como gay poderia depor contra a candidata.

Neste sentido, o discurso do Miss T Brasil é um tanto quanto ambíguo, pois ora promove uma separação radical entre atividades artístico-culturais e concursos gays/transformistas, de um lado, e trans, de outro, ora ainda ressignifica como trans aquelas manifestações colocando-as em sua origem/momento precursor.

Na história contada pelo Miss T dos concursos de beleza trans, a origem está apenas nas três edições realizadas no teatro Carlos Gomes em 1974, 1975 e 1976, ainda que seus participantes, no palco ou na plateia, em geral vejam uma continuidade entre estas três edições e o Miss Brasil Gay iniciado na sequência na cidade mineira de Juiz de Fora: “Nos primeiros concursos era tudo misturado. Não tinha esse negócio de travesti, transformista, não”, como afirmou Claudia Celeste em sua entrevista. Já no palco do Miss T Brasil em 2013, Angélica Ravache foi tida como precursora das artistas trans por ter participado do Show de Calouros do Programa Sílvio Santos, que tinha um popular quadro nomeadamente transformista. Agora ele era ressignificado de modo a reverenciar Angélica Ravache como um marco e influência para “gerações e gerações de travestis e transexuais que buscam seu lugar no mundo da arte”, segundo Majorie.

Mais do que pensar se essas pessoas eram verdadeiramente trans ou não – como de certa forma algumas candidatas questionaram – o que parece ser o ponto chave aqui é o discurso público que se faz sobre tais eventos e manifestações artístico culturais. Em seu início e durante as primeiras décadas, o Miss Brasil Gay não fazia diferenciação entre transformistas e travestis/transexuais. Estava mais próximo da caracterização acima citada de Namaste (2002), que o via como espaço de experimentação trans que poderia desembocar ou não na assunção de uma identidade travesti ou transexual. Porém, com o passar dos anos, suas regras foram excluindo pessoas que tivessem próteses de silicone, entendidas aqui como o grande marco da passagem de um masculino transformista para um feminino transexual e/ou travesti<sup>108</sup>.

O Miss T encarnou-se como exclusivamente trans. Ainda que uma candidata não tivesse próteses de silicone ou modificações corporais mais definitivas, ela poderia participar, desde que se assumisse como trans para si e também no meio social. Esta parece ser a grande marca, uma identidade pública como travesti ou transexual,

---

<sup>108</sup> O Regulamento do Miss Brasil Gay de 2011 apregoava como pré-requisitos para a inscrição: “c) Ser do sexo masculino; d) Ter no mínimo 18 anos completos e no máximo 35 anos; e) Não ter implante de silicone em qualquer parte do corpo” (Miss Brasil Gay, 2011). A íntegra se encontra no Anexo D - Regulamento Miss Brasil Gay, 2011.

independente do estágio do processo de encarnação deste feminino. O Miss T não necessariamente se criou tendo o Miss Brasil Gay como seu oposto, mas esta oposição foi aparecendo de diversas formas em seus bastidores, como ilustrado acima a partir das diversas falas das candidatas e da organização.

Toda esta complexidade, que poderia estar envolvida em ambientes nos quais virtualmente diversas nuances do feminino teriam possibilidade de estar presentes, dissolve-se quando um discurso político público precisa ser afirmado como a cara do evento. E o Miss T voltou-se exclusivamente para candidatas travestis e transexuais e para a sua visibilidade pública como seu grande projeto político. Do mesmo modo como na já citada edição de número 272 do Jornal O Pasquim (1976) era relatada a presença do “hino” das misses naquela pioneira edição dos concursos trans – o que foi contado com certa dose de ironia, como habitual neste periódico – , as três edições do Miss T Brasil aqui analisadas contou com Jane Di Castro cantando a tradicional “Canção das Misses” (Figura 68), de Lourival Faissal, simbologia máxima do quanto este concurso era da “beleza feminina brasileira”, como foi repetido diversas vezes por Majorie Marchi no palco, e não de feminilidades transformistas e/ou gays:

Os Estados brasileiros se apresentam  
Nesta festa de alegria e esplendor  
Jovens misses seus Estados representam  
Seus costumes, seus encantos, seu valor.  
Em desfile nossa terra, nossa gente  
Pela glória do auriverde em céu de anil  
Sempre unidos  
Leste, Oeste, Norte, Sul  
Na beleza das mulheres do Brasil



Figura 69 - Jane Di Castro cantando a "Canção das Misses" no Miss T Brasil 2012. Foto: Aline Macedo para divulgação Rio Sem Homofobia

#### 4.2 Miss T Brasil no “importante palco da cultura de nosso estado”

Diário de campo, Miss T Brasil, 18 de outubro de 2013

Neste dia iniciava-se as atividades da segunda edição do Miss T Brasil. Pela manhã, eu já estava no hall do hotel em que inicialmente elas ficariam hospedadas, na Praça Mauá, quando algumas meninas começaram a chegar. Chegavam sorridentes, apesar de cansadas em muitos casos. Era um clima festivo em que todas iam tendo a oportunidade de se conhecer pessoalmente, pois desde a divulgação do *casting*, boa parte delas já mantinha contato pela internet. Mais e mais meninas foram chegando com suas bagagens quando tiveram a notícia que teriam que mudar de hotel, pois a produção havia fechado com outro hotel na Lapa. Várias candidatas diziam que tinham sido muito bem recebidas neste hotel e ficaram pesarosas em ter que mudar.

Após a mudança de hotel, as candidatas foram informadas pela organização de que naquele mesmo dia à tarde seriam recebidas por um representante do governo do estado do Rio de Janeiro, que era o grande patrocinador do Miss T Brasil. Este representante era Cláudio Nascimento, do Programa Rio Sem Homofobia da SUPERDir/SEASDH (Figuras 69-71). Mas antes de terem esta última informação, uma candidata mostrou-se bastante preocupada achando que poderia ser o então governador Sergio Cabral, já que naquele momento estava havendo muitas manifestações contra tal governador e que, então, quiçá elas poderiam de alguma forma também ser atingidas ou serem alvos destes protestos.

Como a recepção seria na SUPERDir/SEASDH, um órgão público do governo do estado no 7º andar do prédio da Central do Brasil, as candidatas foram orientadas sobre que roupas poderiam usar, pois tal prédio não permite a entrada de pessoas usando vestimentas consideradas muito curtas, chinelos, bermudas, entre outras roupas que sigam este estilo. Depois do almoço, as meninas se arrumaram e se encontraram no hall do hotel para irem para esta recepção. As candidatas foram em pequenos grupos por conta própria, a maioria delas dividindo um taxi, e eu fui sozinho para o local. Ao chegar no hall dos elevadores do 7º andar, encontro oito candidatas que afobadamente se dirigem a mim dizendo: “Babado, você não sabe o que aconteceu!!! A gente foi parar no meio da

Central lá embaixo onde passa o pessoal, os peões e todo mundo. A gente ficou rodando ali sem saber onde ir!”. E isso era uma sexta-feira às 17h30 da tarde, momento em que boa parte dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade do Rio de Janeiro que estão em trânsito do Centro e Zona Sul da cidade para o subúrbio e Baixada Fluminense passam por ali. E oito travestis elegantemente produzidas acabaram involuntariamente parando a Central do Brasil com um não programado desfile! Algumas relataram terem se sentido envergonhadas, mas não viram isso exatamente como algo negativo. Ao relatarem isso para Majorie ouviram um sonoro: “Adoro!” e ao final todas riram e se divertiram muito com a situação.



**Figura 70 - Recepção do Programa Rio Sem Homofobia às candidatas ao Miss T Brasil 2013. Foto: Aureliano Lopes.**



Figura 71 - Recepção Programa Rio Sem Homofobia às candidatas ao Miss T Brasil 2013. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 72 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013 na tradicional foto junto à logo do Programa Rio Sem Homofobia, como muitas vezes é feito em eventos realizados por tal Programa na sede da SUPERDir/SEASDH. Foto: Aureliano Lopes.

A mesma Jane Di Castro que, conforme observou Sílvia Aguião (2014, p.190), vem sendo frequentemente chamada para cantar o Hino Nacional em eventos tidos como solenes e promovidos pelo “estado” em torno da política LGBT no Rio de Janeiro, foi a escolhida para, durante os anos de 2012, 2013 e 2014 cantar o “Hino Nacional das Misses” no Miss T Brasil, ou seja, a “Canção das Misses” acima referida. Ainda de acordo com Aguião, a produção de eventos “políticos LGBT”, “envolve a montagem de uma cena reunindo elementos específicos a serem utilizados na produção de uma determinada imagem para a política” (2014, p.190). Além da presença de Jane Di Castro, dando certo tom oficial a uma ideia de nacionalidade e brasilidade (“Canção das Misses” para as Misses da “população trans”; e o “Hino Nacional” para a “população LGBT”), estes eventos caracterizam-se ainda pela ideia de que “nenhuma mesa de abertura se faz sem ‘autoridades’. Todos os eventos são produzidos como ‘marcos’” (Aguião, 2014, p.190).

Neste sentido, estendo a análise de Aguião segundo a qual tais eventos públicos e políticos fazem da ideia de “espetáculo e a cerimônia da afirmação política, rituais encenados como parte da tecnologia de administração do poder, produzem um modelo exemplar, que pode ser tomado em dois sentidos. Como a representação de um modelo irrepreensível e como mais um exemplar da simulação de um Estado idealizado” (2014, p.190-191). O Miss T Brasil construiu no palco sua própria imagem como um evento nacional, ao inserir-se em uma tradição de concursos de beleza, e “oficial” e oficializado pelo “estado” (ou uma ideia de estado) por estar inserido nas ações do Programa Rio Sem Homofobia. Em certo sentido, o Rio Sem Homofobia e, em menor grau, o “estado” também foram um palco para o Miss T e este serviu como um veículo para tal Programa ao abrir espaço para suas noções de política e suas “autoridades”.

Sobre este ponto, destaco o discurso proferido por Cláudio Nascimento, Superintendente de Direitos Coletivos, Individuais e Difusos da SUPERDir/SEASDH no momento em que foi chamado ao palco como presidente do júri e “mais importante referência LGBT da história do estado do Rio de Janeiro” na primeira edição do Miss T Brasil, em 2012:

Gente, em 1993 acontecia nessa cidade o primeiro encontro nacional de travestis e transexuais. E àquela época foi alcunhada a seguinte frase: ‘Cidadania não tem roupa certa’. E hoje no Teatro João Caetano, com toda essa participação de vocês, com as trans, travestis e transexuais de todo o Brasil aqui, é o momento para consagrar mais e mais esta ideia de que os direitos humanos só são humanos se tiverem também a participação das travestis e transexuais. E só é possível com cidadania, com saúde e com cultura. Não é possível a gente pensar uma sociedade que não transforme valores. E o Miss T



Brasil tem esse papel de trazer um conceito que é usado em uma perspectiva heterossexual para uma discussão da cidadania das travestis e transexuais. Essas mulheres que fazem do seu corpo uma militância diária, essas mulheres que fazem do seu sonho um desejo de mudança. Então estamos aqui com muita honra, o governo do estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, reconhecendo essa atuação e entendendo que só participando e apoiando [esse evento] nós podemos construir um futuro melhor.

Viva as travestis e transexuais de todo o Brasil! (Cláudio Nascimento no MISS T BRASIL, 2012).

Mesmo que, para muitas das candidatas ou pessoas presentes na plateia de um concurso de beleza, a figura de um superintendente de uma Secretaria do governo do estado não fizesse muito sentido, era notório o reconhecimento da importância de sua presença. Todo o discurso que girava em torno do patrocínio e parceira com o Programa Estadual Rio Sem Homofobia podia ser lido como “o próprio estado” reconhecendo as identidades de travestis e transexuais como legítimas e objetos de seu escopo de ação.

A edição de 2013 do Miss T Brasil foi ainda mais longe na “oficialização” do certame ao contar em sua programação oficial com uma recepção das candidatas pelo Superintendente, como também pelo seu discurso e o do próprio Secretário de Assistência Social e Direitos Humanos/RJ então, Zaqueu Teixeira, proferidos no palco do Miss T. O “estado” dava as boas-vindas ao público através de seus serviços divulgados no hall de entrada do Miss T Brasil, como mencionado no Capítulo 2, e também ocupava lugar central em seu palco, produzindo ainda mais fortemente este enquadre “oficial” e/ou “estatal”, absolutamente alinhado à linguagem dos direitos e de cidadania que o Miss T Brasil construiu como a principal justificativa para sua existência.

Na cena relatada na abertura desta seção, após aquele “susto” inicial de algumas candidatas, todas adentraram pelos corredores da SUPERDir/SEASDH e, então, foram recebidas oficialmente pelo Superintendente Cláudio Nascimento. Em uma sala previamente preparada para recebê-las, podia-se ver um telão exibindo o folder de divulgação daquele ano do Miss T Brasil e uma mesa decorada com a tradicional bandeira do arco-íris encimada por diversos folhetos do Programa Rio Sem Homofobia, disponíveis para as candidatas. Majorie Marchi fez as honras iniciais, figurando ali tanto como a mentora do Miss T Brasil como uma das coordenadoras do Rio Sem Homofobia, em uma composição bastante próxima àquela identificada por Aguião ao afirmar que “olhar para iniciativas no plano administrativo governamental, implica reconhecer que os ‘jogos da política’ estão atrelados a conexões pessoais, ‘climas favoráveis’, negociações

e arranjos políticos de variadas ordens” (2014, p.203, aspas no original). Neste sentido talvez este tenha sido o arranjo que tornou possível a realização do Miss T Brasil: em um momento em que o clima era favorável, a conexão entre Majorie Marchi – que há anos tinha o projeto deste concurso de beleza engavetado, conforme afirmou – e Cláudio Nascimento como parceiros no mesmo Programa institucional e político, tornou a execução do Miss T Brasil possível, com orçamento previsto para isto e um discurso público que alinhava as ideias defendidas por Majorie Marchi e ASTRA-Rio com aquelas do Programa Rio Sem Homofobia.

Em nenhum momento os discursos públicos do Miss T Brasil e Rio Sem Homofobia eram divergentes. Ao contrário, a parceria era reafirmada a todo momento em que se fazia algum pronunciamento público, como destaque abaixo em trechos da fala Majorie Marchi e Cláudio Nascimento às candidatas de 2013 na já referida recepção promovida pela SUPERDir/SEASDH e em excerto da matéria publicada pelo site do Programa no dia da eleição da Miss T Brasil 2013:

Para vocês terem uma dimensão, quem nos possibilitou realizar o Miss no ano passado [foi] essa Secretaria [...] esse é o investimento que nunca um governo fez. Não, nunca não, nós já fizemos e somente a nossa Secretaria fez num evento de travestis e transexuais. E principalmente num evento de travestis e transexuais que extrapola a atuação desse estado, porque ele poderia ter dito pra mim: “Não, Majorie, eu apoio, mas com o Miss Estado do Rio de Janeiro porque é o Governo do Estado”. E nunca isso foi passado pra gente. Foi com muita dignidade, muita honra, que vocês de todo o Brasil foram convidadas e acolhidas. [...] Então é nessa perspectiva que eu apresento o Cláudio e que eu abro o microfone pra ele. E acho que a gente tem que respeitar pra entender o quanto o Governo do Estado do Rio de Janeiro, não é porque eu faço parte, nos acolhe e nos respeita. Não só as trans do estado do Rio de Janeiro tanto vocês que estão vindo de fora sejam todas muito bem-vindas (Majorie Marchi em recepção às candidatas, MISS T BRASIL, 2013).

E quando ela trouxe esse projeto pra gente, isso no ano passado, na verdade foi no ano retrasado, né, a gente começou a pensar. E a gente ficou apaixonado: “Poxa vida, a primeira vez que a gente tem a condição de trazer pro âmbito da sociedade e da mídia um debate sobre a cidadania das trans, utilizando uma ferramenta que já, é... por década e décadas neste país e no mundo se utiliza pra discutir a mulher, né?”. [...] E trazer isso foi interessantíssimo e aí quando ela trouxe a ideia de concurso Brasil a gente pensou: “Bem, não faz sentido trazer essa discussão pra um nível tão regional, pensar que se tem que ser cidadania ou tem que ser cidade ou tem que ser estado. Pode ser sim uma ação nacional. Então pra gente isso não é bairrista, a gente falou: “não, pode sim só combinar a questão do concurso com outras ações que possam trazer a discussão dos direitos, do enfrentamento homofobia, de ter um momento que as trans, travestis, que vem a este concurso conhecer quais as políticas públicas que este estado e este município veem realizando, conhecer o Centro [de Cidadania LGBT], saber pra que que serve. Pra que? Divulgar também esse serviço pra que outras trans possam ter conhecimento. Então vocês também passam a ser as “bocas doces” deste projeto de cidadania (Cláudio Nascimento em recepção às candidatas, MISS T BRASIL, 2013).

A SuperDir/Seasdh é uma das patrocinadoras do evento, através do Rio Sem Homofobia. O apoio ao evento se dá dentro da “Agenda Afirmativa de Cidadania de Travestis e Transexuais”, organizada pelo programa para promover a cidadania e os direitos dessa população. Na conversa com as misses, Cláudio Nascimento destacou a importância desse concurso: “a imagem de travestis e transexuais sempre esteve ligada a um conceito pejorativo. A ideia de unir cidadania e beleza é maravilhosa! É uma forma de tirar essas mulheres de um lugar de marginalidade que a sociedade sempre as coloca, por conta do preconceito e desinformação”.

A organizadora do Miss T Brasil, Majorie Machi, da Associação de Travestis e Transexuais do Estado do Rio de Janeiro (Astra), agradeceu o apoio do Rio Sem Homofobia: “o Programa acreditou de cara no evento e na sua importância para o combate à discriminação contra essas mulheres”, comentou. “Vocês estão fazendo história, levando para todo o Brasil uma imagem de cidadania e igualdade”, disse Cláudio para as candidatas (RIO SEM HOMOFOBIA, 2013).

Nos trechos acima podemos ver o quanto foi destacado o pioneirismo do projeto Miss T Brasil aliado ao pioneirismo que o próprio Programa Rio Sem Homofobia atribui a si (Aguião, 2014), o que produz a imagem do quanto o estado do Rio de Janeiro está fazendo para as travestis e transexuais e não só desta localidade, mas de todo o Brasil. E ainda que, como destaca Sílvia Aguião (2014), o grande foco de todas as ações e discurso público do Programa Rio Sem Homofobia tenha sido no combate à violência, sua caracterização como também um promotor da “cidadania LGBT” talvez tenha aberto brechas para que um concurso de beleza tenha se instaurado em suas malhas, o que pode ser presumido das falas acima reproduzidas como também nas seguintes palavras proferidas por Cláudio Nascimento no palco do Miss T Brasil 2013:

Primeiro, queria dizer a vocês da enorme satisfação de estar aqui. Desse momento que é mágico com a entrada de todas as candidatas, pra mostrar todo o investimento que elas fizeram, que elas estão fazendo, o quanto tem de carga afetiva nesse momento. Majorie coordena esse projeto que, quando nos procurou há dois, três anos atrás, nós entendemos ali imediatamente – a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos – que era fundamental abraçar esse projeto por entender que poderia ser uma estratégia importante, simbólica, e muito significativa pra trazer o debate da agenda afirmativa das travestis e transexuais numa perspectiva além das páginas de horror ou sempre da conotação da violência. E sim trazê-las pro lugar de protagonistas e de sujeitos da sua própria história. E eu digo sempre que cidadania não tem roupa certa. [...] Não importa se sou travesti, transexual, heterossexual, bissexual, o que importa é o que eu tô trazendo de construção pra essa sociedade. E as travestis e transexuais são intrinsecamente envolvidas com toda a história da cultura brasileira, com toda história de resistência cultural desse país, e são merecedoras desse carinho e especialmente desse respeito. Cidadania pras travestis já. E é isso que é o nosso lema que nós vamos tá junto sempre, como nosso secretário de assistência social falou, fico tão feliz de ouvir o secretário de assistência social e direitos humanos, que já tá antenado com nosso tema, que já tá sensibilizado. Porque, assim, a gente já sabe quanto tempo que já se passou e quantos vinham pra falar do tema e não conseguiam desenvolver. E hoje a gente vê o Zaqueu Teixeira e tantos outros gestores públicos imbuídos, absorvendo essa agenda como a agenda do governo do estado e como agenda sua. Isso eu acho um grande avanço pra agenda das travestis e transexuais e

pra agenda do país. [...] E todos nós aqui estamos ajudando a construir esse novo momento na história das travestis e transexuais no Rio e no Brasil. Então, viva a Majorie, viva a ASTRA, viva o Miss T Brasil. Viva a cidadania das travestis e transexuais [palmas] (Cláudio Nascimento no MISS T BRASIL, 2013).

De certa forma esta fala é análoga àquela proferida por ele no palco do Miss T do ano anterior, porém aqui parece mais substantiva e afirmativamente naquilo que o Miss T seria e qual sua relação, tanto com a noção de promoção da cidadania trans, como com o Programa Rio Sem Homofobia e o governo do estado do Rio de Janeiro. Neste sentido, é fato que o Programa Rio Sem Homofobia e o “estado” – já que, como também Cláudio reafirmou na recepção às candidatas, “aqui na nossa Superintendência nós temos um Programa Estadual que é do Governo do Estado, não é uma ONG, não é um movimento social, é uma política pública do Governo do Estado. Ou seja, então dentro da estrutura mesmo do governo” (2013) – lançaram mão do discurso do Miss T Brasil e tornaram-no seu próprio, de modo que parecia haver uma cidadania que todos buscavam conjuntamente construir e colocavam nas mãos das candidatas o lugar de representação e divulgação desta imagem cidadã trans.

Durante a fala de Cláudio Nascimento na recepção das candidatas, foi explicado de forma pormenorizada o que era tal Programa e divulgada muitas de suas ações, incluindo a apresentação de números e estatísticas de “capacitações” de agentes estatais diversos. Teve destaque, como afirmou o Superintendente, a capacitação de “4500 policiais civis em quatro anos. Isso significa dizer que nós temos 12000 policiais civis no Rio de Janeiro [e] nós capacitamos 1/3 do total da polícia”. Os serviços ali disponíveis foram apresentados por Cláudio Nascimento e também por Sheila Côrrea, coordenadora do Centro de Cidadania da Capital, uma das “autoridades” que recebiam as misses e a que apresentaria com mais propriedade os serviços destes Centros de Cidadania<sup>109</sup>, locais

---

<sup>109</sup> Na cena do Programa Rio Sem Homofobia como o “Estado” recebendo as candidatas, até eu “entrei na dança” e fui oficialmente apresentado por Cláudio Nascimento para as candidatas como um representante do LIDIS e da UERJ, outro órgão deste mesmo estado do Rio de Janeiro participe deste jogo político em torno de tal Programa: “Quería também destacar a presença do Aureliano, que é do Lidis – Laboratório Integrado de Diversidade Sexual e Direitos, Política e Gênero, da UERJ, o que que é isso? É um órgão dentro da UERJ que tem juntado uma série de pesquisadores pra poder construir pesquisas, conhecimentos, sobre a questão da cidadania LGBT. E além de ser um pesquisador que especialmente tá produzindo uma pesquisa sobre a identidade de gênero, todo esse desenvolvimento Miss T ligado às questões da cidadania e beleza e tal, ele também é um dos coordenadores deste projeto da UERJ conosco aqui, que é um projeto de parceria pra construção do Programa Estadual Rio Sem Homofobia. Então nós temos uma parceira com a UERJ.” (2013).

a partir dos quais uma rede de serviços poderia ser efetivamente acionada, materializando algo que poderia ser entendido como cidadania para este coletivo/população.

Aqui vemos o quanto foi atribuído às candidatas a responsabilidade pela construção desta imagem de “cidadania trans”, dimensão importante do perfil que deveriam encarnar para o concurso de beleza (conforme discutido no Capítulo 2). É interessante pensar que esta exemplaridade política e moral que as misses deveriam encarnar talvez as excluísse dos serviços do Programa Rio Sem Homofobia que a elas era apresentado e que se presumia que divulgassem: jovens travestis e transexuais, majoritariamente brancas, oriundas de camadas médias e com uma hexis corporal (a beleza) que não as identificava de imediato com a imagem estereotipada da travesti, talvez não sofressem como outras tantas que cotidianamente são vitimadas por serem mais pobres, terem traços tidos como mais masculinos, serem negras e estarem em situação de prostituição de rua etc<sup>110</sup>.

As belas feras do Miss T Brasil não seriam potencialmente o público alvo ou usuárias da política do Rio Sem Homofobia, mas sim representantes ideais de um coletivo, divulgadoras de uma imagem pública de e para travestis e transexuais, como pedagogicamente destacaram Majorie Marchi e Cláudio Nascimento na mesma recepção oferecida a elas em 2013:

Nenhuma daqui vai ser a mais bela de lugar nenhum. Isto, igual ao Miss Brasil: “Ah, quem ganhou o Miss Brasil é a mulher mais bonita do Brasil?” Não, gente. Isso é uma representação lúdica, sabe, isso é uma brincadeira, que é aonde a gente chamou 25 jurados, que vai ser a mais bonita e a que mais acertar na ótica daqueles 25 jurados, né? Então eu acho que isso tem que ficar bem claro pra gente não pirar, não surtar, não enxergar fantasmas, né, onde não tem. E que como a gente tá aqui buscando cidadania que essa competição seja bacana, limpa, honesta, agradável para, se eu não sair com o título, pelo menos eu saia com uma boa imagem, que eu saia com amizades e momentos super agradáveis que é isso que a gente busca aqui (Majorie Marchi em recepção às candidatas, MISS T BRASIL, 2013)

Então vejam também a responsabilidade que vocês têm. Vocês estão num projeto que vai ajudar muito também que outras trans as tenham como referência e como referência positiva. Como referência de que eu também posso ser assim como elas. Que eu também posso acreditar no meu caminho

---

<sup>110</sup> Não pretendo afirmar aqui que tais candidatas não sofram preconceitos ou violação de direitos. Elas estão também vulneráveis à violência que acomete este coletivo/população, o que já foi afirmado no Capítulo 3 desta tese, porém não há como não reconhecermos que as construções racializadas de gênero e classe que apresentam talvez as permitam transitar com menor constrangimento por muitos ambientes sociais nos quais vivem. Assim como também discutido no Capítulo 3, também podemos pensar aqui nesta construção da beleza justamente como estratégia de sobrevivência e afastamento da violência – ou mais que sobrevivência, a construção de um tipo de vida que reconhecem como bela, o que tanto poderia mesclar o sentido foucaultiano de estética da existência (Foucault, 2006) com normativas individualistas de subjetivação de si (Dumont, 1985), as quais de diferentes formas estamos sujeitos.

como trans, travesti e transexual. Que o que me dizem todo dia que eu não presto, que eu sou escória da sociedade, não é verdade, tanto que vocês estão lá no palco do Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, que foi capital desse país. Então isso é importante também. Então, assim, se enchem sim de autoestima, mas se enchem também do dever, do que isso representa também não só como uma oportunidade pra estar neste dia junto com a Majorie e as outras pessoas que vão tá debatendo com vocês cidadania, direitos e tal, mas uma oportunidade também para o aprendizado, acesso a novas informações, pra ajudar a formar opinião nos seus estados (Cláudio Nascimento em recepção às candidatas, MISS T BRASIL, 2013).

Este discurso de construção da cidadania através da produção de uma visibilidade positiva que dotava o concurso de um caráter e importância política também foi reiterado pelas candidatas dos três anos. Isto, porém, aconteceu das mais diversas formas e com diferentes sentidos. Por exemplo, havia candidatas que apenas pareciam ter assumido tal discurso por ele ser o “oficial” do concurso, de modo que demonstrar que conhecia e valorizava os objetivos do Miss T Brasil de imediato poderia credenciá-la ao título. De modo performativo criava-se um discurso político que extrapolava a experiência no Miss T Brasil indo ao encontro do principal objetivo do certame, conforme manifestado nas falas mencionadas acima de Cláudio Nascimento e Majorie Marchi:

**Aureliano: Você já falou do seu interesse, mas qual a importância de participar deste concurso pra você?**

Olha, a importância é muito grande, sabe por quê? É um meio que a gente tem de poder divulgar a beleza trans, porque ultimamente as trans tão sendo vistas mais como marginais. Mas a gente sai em jornal, em noticiário de escândalo, em questão roubo, prostituição... então o que acontece? É um veículo diferente, é um meio diferente de a gente mostrar o outro potencial da trans. Que ela pode ser inserida na sociedade como modelo. Que ela pode se servir como uma militante usando esse concurso, usando a... o prestígio de um concurso de Miss pra usar isso como uma batalha muito... muito direta nessa questão de... é, cidadania, DST-Aids, dentre outros, outras questões de militância nesse aspecto. Contribuir muito para o meio GLBT (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

**Aureliano: eu queria saber um pouco com você sobre seu interesse no Miss T, como você descobriu, por que você se interessou...**

Infelizmente as pessoas dão muita importância pra beleza, então a gente precisa usar o foco da beleza pra poder fazer algumas outras coisas boas, entende? Então é isso que eu quero fazer, tentar fazer alguma coisa diferente pelo meio das transexuais. Então acho que esse concurso é a chance de uma transex mudar a imagem que as pessoas tem da gente. Não só uma pessoa, mas todos que estão aqui hoje. E pra mim é isso (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

**Aureliano: Pra encerrar, tem algo mais que você gostaria de falar que não foi abordado?**

E eu acredito que esse concurso não vai ter fim. É algo que cada vez mais tende a crescer e tende ter uma projeção no Brasil e no mundo. E isso, e esse projeto do Miss T Brasil é algo que realmente é muito importante pra cidadania e respeito [...] Eu acredito que faz uma enorme diferença. Tá fazendo e vai fazer cada dia mais (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Já outras pareciam assumir este discurso porque isso era esperado delas, de modo que versavam sobre seus objetivos mais pessoais no certame, mas inseriam questões que poderiam ser entendidas como referentes à cidadania como uma expressão de efeito e de praxe, talvez como a tantas vezes reiterada defesa da “paz mundial” nos concursos para mulheres cisgêneras que, de tanto ser repetida obrigatória e automaticamente, acabou virando motivo de piada no meio social:

**Aureliano: Coisas boas, tipo o que? O que o concurso pode te trazer?**

Ah, eu acho que assim, esse concurso é bom pelo fato que... vamos dizer... é... aceitação, né? A visibilidade, as pessoas, mundo hetero, gay, GLS, senhoras, crianças, homens casados, né, entendeu? Acho bom. O interesse é que é sempre bom, né, ser vista socialmente pras pessoas. E essa oportunidade de o povo estar olhando mais as trans, aceitando melhor, né? Então eu tô achando bom, se eu ganhar vou procurar, né, a ONG [risos], ajudar nos serviços sociais. E é isso (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

**Aureliano: Eu só queria perguntar pra vocês qual o interesse de vocês no concurso, por que vocês se interessaram, qual a importância que vocês veem no concurso pra vocês...**

Candidata 1: Na verdade sempre desde criança eu sempre quis participar de um concurso de grande porte. E essa oportunidade surgiu e eu aceitei, mas claro, que todas entram num concurso como esse pensando em vencer, né? Pra que com isso ela possa [risos, sendo interrompida por outra candidata].

Candidata 2: Desde novinha eu sempre gostei muito de me exibir, né? Então eu acho que todo concurso tem uma finalidade, por mais que seja um concurso e que as pessoas achem fúteis. Mas pra gente não é, entendeu? E todo mundo acha que... com esse concurso pode abrir muitas portas e surgir muitas oportunidades pra gente, porque, tipo, mostrando a nossa beleza a gente vai poder exibir que também somos pessoas normais como qualquer outra, cidadãs, e que também temos os direitos que outras pessoas têm, né?

Candidata 1: Seja lá que o evento também tá lutando pra defender a classe da gente, né? E isso é o que a gente quer pra o futuro, a gente sonha pra o futuro, de ter uma vida normal, de uma vida como todas as classes.

Candidata 2: Conseguir mudar nosso nome, né? E cada uma tem seus interesses e é isso (Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

Como afirmando anteriormente, o discurso político do Miss T em uma relação de parceria com o discurso político do Programa Rio Sem Homofobia acabou criando esta justificativa política para um concurso de beleza para travestis e transexuais como também para a própria noção de beleza para este coletivo/população. O “estado” reconhecia a legitimidade da “população trans” e juntamente com a ASTRA-Rio, celebrava suas identidades e visibilidade. Diversos “vivas” foram dados às travestis e transexuais, como aqueles no discurso que abaixo reproduzo quase na íntegra por ter ganhado destaque especial junto ao Miss T Brasil: a já mencionada fala do Secretário da SEASDH na edição de 2013 deste certame.

Majorie Marchi, que na mesma edição de 2013 havia brincado com a reação de surpresa da plateia ao vê-la anunciando em inglês o desfile em traje de gala (*evening gown competition*) das candidatas, dizendo “Ahhh. Acharam que o tempo que eu fiquei no calçadão de Copacabana eu não ia aprender nada? Imagina! A rua ensina muita coisa. Nem só o Governo do Estado, a rua também ensina”, reconhecia tanto nesta brincadeira como na forma como anunciou a presença do Secretário Zaqueu Teixeira a importância do apoio do Governo do Estado não apenas na realização do Miss T Brasil, mas nas políticas que, mesmo passíveis de críticas, este governo vem fazendo para travestis e transexuais:

Gente, senhoras e senhores, eu quero pedir uma salva muito forte de aplausos pro patrocinador ouro do Miss T Brasil, porque se é importante ser reconhecido pela iniciativa privada nacional e internacional, mais importante ainda é ser reconhecido pelo governo do nosso estado. Por favor, levante Sr Claudio Nascimento e Sr Zaqueu Teixeira, secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado. Por favor. [palmas]. Eu acho que justiça deva ser feita, nunca um evento de travestis e transexuais pode contar com essa estrutura e com a qualidade. E nós temos que reconhecer que há anos o governo do estado do Rio de Janeiro na temática LGBT e assim como em outras partes tem feito o seu papel. E poder contar com o apoio do secretário Zaqueu Teixeira, com a presença do secretário Zaqueu Teixeira é de um orgulho, é de uma emoção inenarráveis. E o trabalho que é feito no Programa Rio Sem Homofobia [...] a proposta que é feita e é capitaneada pelo meu amigo, pelo meu companheiro de luta e o meu chefe, Cláudio Nascimento, são pra mim motivos de orgulho. Por favor, façam uso da palavra (Majorie Marchi no MISS T BRASIL, 2013).

Tomando seu lugar ao palco juntamente com Cláudio Nascimento, cujo discurso daquele ano já foi mencionado nesta seção, Zaqueu Teixeira cumpriu seu papel como um Secretário que reconhecia o sucesso de uma ação inserida em uma política de sua Secretaria, além de buscar validar ali todo seu envolvimento pessoal e institucional com a “causa” da “população trans”. Mesmo que em alguns momentos demonstrasse não ser exatamente fluente no idioma de cidadania da “população trans”, como no uso do pronome masculino para se referir às travestis e transexuais, legitimou publicamente todos os esforços da SUPERDiR e ASTRA-Rio em torno do Miss T Brasil e se comprometeu politicamente com tais esforços e ações. E, análogo à “paz mundial” das candidatas cisgênero de concursos de beleza e à “cidadania exemplar” das candidatas do Miss T, não deixou de lançar seus diversos vivas ao final de sua fala, cumprindo com este script estético de uma ação que acima de tudo se propõe afirmativa e festiva:



Eu quero [...] dar um boa noite a todas e todas, cumprimentar aqui a Majorie e cumprimentando ela cumprimentar a toda organização e todo o brilho e encanto desse evento. Porque o Miss T, Majorie, ele faz parte da nossa agenda afirmativa pra que possamos através da beleza ter uma política afirmativa dos travestis e das transexuais. Então é importantíssimo que esse evento tenha a grandeza que merece e você faz com que a gente consiga dar visibilidade à agenda dos [sic] travestis e dos [sic] transexuais. Então é importantíssimo que a gente [SEASDH] continue patrocinando, saudando, apoiando. [...] E eu quero agradecer aqui de coração aos patrocinadores que vieram se somar à iniciativa do estado mostrando que essa parceria é fundamental. Nós temos que estar unidos, irmanados, e é isso que vai fazer nós superarmos todo tipo de adversidade que encontramos no dia a dia. [...] Eu não canso de dizer, Majorie, que em 2002 eu fui o primeiro chefe da Polícia Civil que recebi no meu gabinete, que era no 12º andar da chefia da Polícia Civil, um grupo de transexuais e travestis que estavam sendo importunados [sic] e desrespeitados [sic] aqui na região do centro da cidade, na Lapa. E o espanto geral era: “Dr, o senhor vai receber? O Sr sabe quem está lá na sala? [...]”. E assim foi feito e isso me deu uma esperança e uma vontade muito grande de cada vez mais trabalhar pra que pudéssemos superar os preconceitos. E hoje, passados esses 10 anos, estar aqui com vocês, estar aqui comemorando essa belíssima festa é um prazer inenarrável. E onde estiver, tenham certeza, vocês terão um defensor da liberdade, da igualdade, do livre direito da sexualidade, do livre direito da expressão. E nós temos que trabalhar muito pra que a sociedade vença os seus preconceitos. E essa agenda, a agenda afirmativa, é uma agenda que eu tenho certeza que vai nos ajudar a movimentar a sociedade pra que ela consiga romper as suas barreiras, consiga romper os seus preconceitos e com isso nós teremos uma sociedade mais justa, uma sociedade igualitária, uma sociedade respeitadora. Viva o Miss T, viva a Majorie, viva a todos vocês [palmas] (Zaqueu Teixeira no MISS T BRASIL, 2013).